FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.901 QUARTA-FEIRA, 26 DE JANEIRO DE 2022 R$ 5,00

Desigualdade no setor público cresce e já supera a do privado

Para pesquisadores, reajustes dados a categorias já com altos vencimentos a partir dos anos 2000 ampliaram fosso

As remunerações do setor público têm grande disparidade, mesmo entre pessoas com mesmo nível de escolaridade. Algumas dessas diferenças estão ligadas a fatores como sexo, nível de governo, Poder e tipo de carreira, segundo estudos de especialistas na área.

Se considerado só o mercado formal, a desigualdade na esfera pública já supera a verificada em instituições privadas, mas é menor se levados em conta a informalidade e outros tipos de renda.

Em praticamente todas as faixas os salários são mais elevados no nível federal, seguido por estados e municípios. Também são maiores no Judiciário do que no Legislativo, que, por sua vez, excedem os do Executivo.

Quando se analisam as discrepâncias internas, os maiores fossos salariais estão nos Legislativos estaduais e federal. Depois, no Executivo federal. No Judiciário, a desigualdade é menor, pois mesmo os salários da base são elevados.

Para analistas, até os anos 1990, o setor público puxava a desigualdade de renda para baixo. Reajustes concedidos a categorias já com altos vencimentos na primeira década dos anos 2000, nas esferas federal e estadual, mudaram essa tendência.

Atualmente, servidores protestam contra decisão do Planalto de só dar aumento para policiais. **Mercado A12**

Governo prevê conceder bônus a diretores de estatais deficitárias **A12**

Adriano Vizoni/Folhapress

PERFORMANCE MARCA ANIVERSÁRIO DE SÃO PAULO

Dançarinos apresentam espetáculo vertical 'A Mulher Só', da Cia Base, no Shopping Light

Em convite, OCDE impõe redução no desmate do país

A OCDE incluiu nos documentos que formalizam o início das negociações para o ingresso do Brasil no "clube dos países ricos", aprovado ontem, obrigações de diminuição de desmatamento e medidas de mitigação de mudanças climáticas previstas no acordo de Paris. **Mercado A10**

Ocupação de UTIs para Covid sobe em 18 estados e no DF

Impulsionada pela variante ômicron e pela nova escalada dos casos de Covid-19 no país, a ocupação de leitos de UTI (Unidade de Terapia Intensiva) para pacientes infectados aumentou em 18 estados e no Distrito Federal na última semana, de acordo com levantamento da **Folha** a partir de dados dos governos estaduais.

Ao menos oito unidades da Federação já têm 80% ou mais das vagas públicas de UTI para coronavírus em uso. Há uma semana, eram quatro nesse patamar.

Distrito Federal, Rondônia, Rio Grande do Norte, Mato Grosso, Goiás, Espírito Santo, Piauí e Pernambuco registram as situações mais críticas. **Saúde B1**

BC suspende consulta de R$ 8 bi deixados em bancos

Mercado A11

Lula-Alckmin teve embrião em disputa por SP

Poder A5

Polícia investigará festas de Boris durante pandemia

Mundo A12

Diretor do Inep que coordena Enem deixa seu cargo **B6**

Priscila Cruz diz faltar voz do empresariado sobre educação **B5**

Helio Beltrão

Críticas são fundamentais, mas cancelamento mina democracia

Mercado A15

De blefe a invasão, saiba opções de Putin na questão ucraniana

Após iniciar a movimentação de tropas que alertou o Ocidente, líder russo se vê diante de uma eventual invasão parcial da Ucrânia ou (improvável) total. Um blefe não está descartado. Abaixo, o poderio de cada lado. **Mundo A13**

EDITORIAIS A2

O teste de Putin

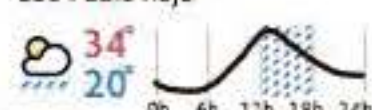
Acerca de aumento da tensão em torno da Ucrânia.

Orçamento aviltado

Sobre vetos de Bolsonaro e pressões por mais gastos.

ATMOSFERA

São Paulo hoje

ISSN 1414-5723

Escritor Olavo de Carvalho morre nos EUA aos 74

Guru do bolsonarismo, o escritor Olavo de Carvalho morreu na segunda (24), aos 74 anos, na Virgínia (EUA), informou sua família. Rompida com o pai, a filha Heloísa declarou que a causa foi Covid. O médico dele nega. **Poder A7**

João Pereira Coutinho

Olavo foi sintoma, não causa, da divisão que há dentro da direita **A7**

Olavo de Carvalho nos EUA, em 2017 Vivi Zanatta/Folhapress

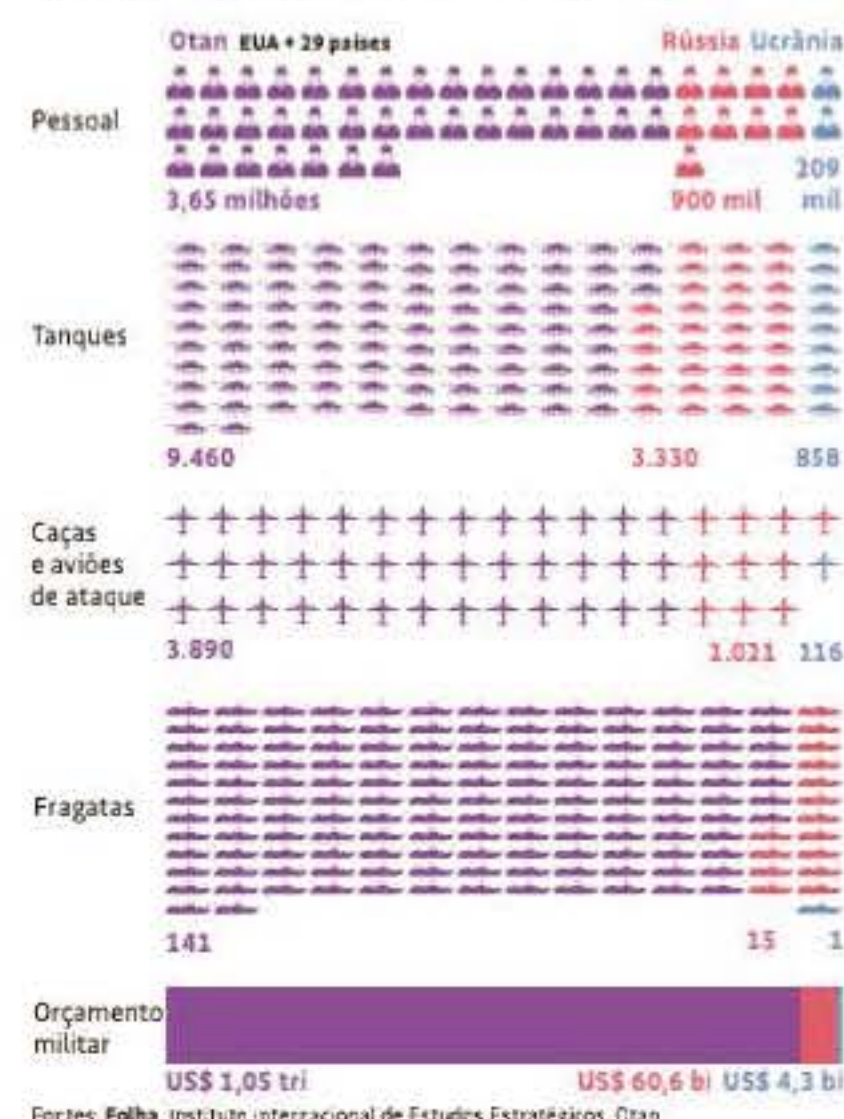
Esporte B7

Agora tem Copinha

Palmeiras goleia Santos na final e conquista título inédito de juniores

Ilustrada C1

Sertanejos dominam o rádio, que turbina cachês e chega aonde internet é precária

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*) e Marcelo Benez (*comercial*)

Leandro Assis e Triscila Oliveira

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

O teste de Putin

Russo vê opções se estreitarem enquanto a Europa já vislumbra os fumos de uma guerra na Ucrânia

Desde que ascendeu ao poder como premiê em 1999, Vladimir Putin apresentou ao mundo um plano claro. Ele queria retirar da lona os escombros da Rússia, partidos pelo fim da União Soviética oito anos antes e pisoteados numa farra liberal no período a seguir.

Além de arrumar a economia e a gestão cotidiana, o ex-espião da KGB buscava restabelecer o lugar de seu país no mundo.

Quando assumiu a Presidência pela primeira vez, na esteira da renúncia de Boris Ieltsin na virada do ano 2000, a mulher do cineasta Vitali Manski, Natalia, afirmou para o marido em cena captada no documentário "Testemunhas de Putin" (2018), desalentada: "O mundo vai nos temer de novo".

Talvez não precisasse ser assim, a acreditar nos primeiros movimentos do novo líder. Para consolidar o poder, sugeriu até uma parceria firme com o Ocidente, admitindo entrar na aliança militar criada para combater os soviéticos, a Otan.

O resto é história, e muito deve ser debitado da empáfia ocidental. Hoje, a Rússia tem forças se exercitando em três lados da fronteira ucraniana, dando credibilidade à ameaça velada de usá-las para estabelecer uma nova ordem continental a seu sabor no Leste Europeu.

Especialistas divergem sobre as intenções. A movimentação parece destinada a extrair algo bem inferior à lista de demandas oficial.

Elas incluem o refluxo da Otan para a forma anterior à absorção de países ex-comunistas ocorrida a partir de 1999, que assombra Putin com a ideia de forças adversárias às suas portas —vale dizer, sem os territórios neutros, aliados ou dominados que marcaram a política russa desde a dinastia Románov.

Em alternativa, supõe-se que Putin aceitará algo que lhe garanta, ainda que extraoficialmente, a ausência da Ucrânia e talvez de outros países ex-soviéticos como a Geórgia na clientela da Otan.

Até aqui, as negociações para tanto só apresentaram sua mera existência como virtude. Os russos se mexem, os EUA colocam 8.500 soldados de prontidão, a Otan faz reforços tímidos para tentar disfarçar sua falta de coesão.

Isso ainda pode mudar. Há espaço, cada vez mais exíguo, contudo, para o russo não ter de escolher entre suas opções militares.

Por certo, ele perdeu o fator surpresa que funcionou na Crimeia, em 2014. Mas também é líquida sua imprevisibilidade —e há o fato de que lida com adversários politicamente frágeis, como os acuados Joe Biden e Boris Johnson, que podem errar a mão a qualquer momento.

Os mercados mundiais já perceberam que algo não vai bem. De forma algo passiva, a Europa tropeça rumo a uma nova guerra ou, no mínimo, na ratificação tardia da profecia de Natalia.

Orçamento aviltado

Processo de perda de qualidade da despesa e do ajuste fiscal prossegue com vetos de Bolsonaro

O governo Jair Bolsonaro (PL) e o Congresso Nacional dividem a culpa pela degradação do Orçamento federal para este 2022 —um processo que ainda está em curso.

Executivo e Legislativo se uniram para autorizar, com alterações no texto da Constituição, uma pedalada no pagamento de dívidas arbitradas pela Justiça e uma ampliação oportunista do teto de gastos inscrito na Constituição em 2016. Nos dois casos, abriram-se precedentes que certamente tentarão legislaturas e administrações futuras.

A manobra abriu caminho para a meritória, ainda que motivada por oportunismo eleitoreiro, criação do Auxílio Brasil, versão ampliada do Bolsa Família. Pela mesma porteira aberta, porém, passaram despesas descabidas.

Ampliou-se de R$ 2 bilhões para quase R$ 5 bilhões o fundo com dinheiro do contribuinte para o financiamento de campanhas eleitorais; as emendas apresentadas por parlamentares passaram de R$ 33,8 bilhões, no ano anterior, para R$ 37 bilhões; reservou-se R$ 1,7 bilhão para um injustificável reajuste dos salários de policiais.

Como se não bastasse, os congressistas aprovaram a peça orçamentária com valores tidos como subestimados para os encargos com pessoa. Para recompor essa rubrica, o Planalto vetou R$ 3,2 bilhões em outros gastos, dos quais R$ 1,4 bilhão em emendas.

Os cortes parecem modestos em um Orçamento de desembolsos totais acima de R$ 1,7 trilhão, sem contar os juros da dívida pública. Entretanto eles incidem sobre setores da máquina pública que já vêm sofrendo o pior da crise fiscal nos últimos anos —dado que as principais despesas, aposentadorias e salários, são incomprimíveis.

O Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), por exemplo, perdeu R$ 988 milhões em despesas administrativas, agora limitadas a R$ 1,4 bilhão. Trata-se de menos do que o órgão gastou com essa finalidade no ano passado, R$ 1,7 bilhão.

Sempre se pode argumentar que melhorias de gestão e o avanço tecnológico são capazes de reduzir custos. Nada apaga o fato, porém, de que recursos escassos de um Orçamento deficitário estão sendo desperdiçados em um fundo eleitoral perdulário e um reajuste salarial casuístico para a base sindical do presidente.

E, como se sabe, parlamentares querem elevar ainda mais as verbas de campanha e o funcionalismo busca ampliar o reajuste. Nada é tão ruim que não possa piorar.

Fim antes da hora

Hélio Schwartsman

A epidemia é algo que existe em nossas mentes. Não, não aderi ao negacionismo bolsonarista nem ao idealismo radical de Berkeley. Sigo firme em minhas convicções materialistas. Mas, entre os muitos paradoxos relacionados à Covid-19, está uma assimetria entre começo e fim.

Como eu já destacara numa coluna de 2020, embora a epidemia tenha sido deflagrada por uma causa muito concreta, o Sars-CoV-2, seu término é um fenômeno psicológico: o vírus vai permanecer entre nós, mas as pessoas irão retomando suas vidas "normais" à medida que se sintam seguras para tanto.

Já está acontecendo. Nunca o ritmo de contágio foi tão elevado e, não obstante, vivemos um dos períodos de maior relaxamento desde que a epidemia teve início. As pessoas não ensandeceram. Também esse paradoxo se dissolve quando consideramos que a maior parte da população já se imunizou e que as vacinas conferem níveis significativos, ainda que não absolutos, de proteção individual. O risco de morrer ou padecer de um quadro grave que o vacinado corre ao infectar-se é bem menor do que em outras fases da pandemia.

Receio, porém, que as pessoas estejam exagerando no relaxamento. A menor morbimortalidade do presente momento é mais do que compensada pela maior transmissibilidade da ômicron. O resultado é que os hospitais voltam a lotar, e as mortes, a subir. Hoje, nem o mais xiita dos epidemiologistas sugere que retornemos à fase dos lockdowns e do distanciamento social rigoroso. Mas acho que faz parte dos deveres da cidadania que cada um de nós contribua para reduzir o contágio.

A matemática aqui está a nosso favor. Um dos fatores que determinam a taxa de reprodução do vírus, o Rt, é o número de interações que cada um de nós mantém com terceiros. Se a média de pessoas com as quais travamos contato num dia normal é de 10 e baixarmos para 5, o que não parece exigir um esforço hercúleo, já reduzimos o contágio pela metade.

helio@uol.com

A herança eleitoral do olavismo

Bruno Boghossian

Olavo de Carvalho nunca escondeu sua frustração com o desempenho de Jair Bolsonaro no poder. O escritor atacava a hesitação do presidente em tomar medidas autoritárias e reclamava da timidez de uma guerra contra o que chamava de comunismo. Em dezembro, o polemista escreveu que só votaria de novo no capitão "por falta de alternativas".

A doutrina de Olavo deu instrumentos a Bolsonaro em 2018 para aglutinar grupos que se moviam por sentimentos diversos. A plataforma do autointitulado filósofo uniu setores que se viam ameaçados por transformações sociais, enxergavam uma conspiração mundial liderada pela esquerda e identificavam um país refém de elites políticas.

Bolsonaro se cercou de ex-alunos de Olavo e instrumentalizou essa visão. Investiu numa agenda ultraconservadora, atacou a inclusão de minorias, aderiu ao conceito de guerra cultural contra adversários políticos e abraçou o discurso antissistema. A cartilha rendeu frutos na eleição e foi transportada para o governo.

Essa agenda começou a fracassar no momento em que Bolsonaro entrou no Planalto. O governo tentou implantar um projeto baseado no preconceito, na destruição de opositores e na concentração de poderes. Fabricou estragos, erodiu políticas públicas e esvaziou instituições, mas não conseguiu tornar o bolsonarismo uma força dominante.

Os elementos do olavismo foram ferramentas eficazes de agitação política e ajudaram a consolidar uma base eleitoral modesta. A busca por essa agitação, no entanto, produziu ameaças à sobrevivência de Bolsonaro e empurrou o presidente para uma aliança com o mesmo sistema político que ele prometia desbancar.

Bolsonaro usou a estrutura do centrão para permanecer no cargo e decidiu se agarrar a ela também na corrida pela reeleição. Ainda assim, o presidente não deixará de lado o figurino antissistema, os velhos ressentimentos da direita e os fantasmas do comunismo. O olavismo ainda será útil para o presidente na próxima campanha.

A Terra acordou mais redonda

Mariliz Pereira Jorge

Minha bolha estourou. Sabemos que eles estão por aí, vemos os números em pesquisas e em declarações. Mas pela primeira vez dei de cara com uma dupla de negacionistas. E numa mesa de bar. Ninguém merece. O que era para ser uma happy hour se transformou num pôr de sol com má digestão.

O casal, conhecido de um amigo, não acredita na gravidade da Covid, na segurança e na eficácia das vacinas e revirou os olhos quando disse a palavra "ciência", o que me fez parecer mais radiativa do que Chernobyl. Nunca alguém havia me olhado com tanto desdém, como se eu fosse uma completa idiota, quando os terraplanistas eram eles.

Talvez pelas restrições de circulação e de encontros sociais, cada um de nós tem estado protegido da avalanche de teorias conspiratórias que inundam o WhatsApp e dos tuítes do Olavo de Carvalho, o guru bolsonarista e negacionista, morto nesta segunda (24). Mas essas pessoas existem e não têm vergonha de defender barbaridades. É mesmo espantoso esse fenômeno da burrice assanhada.

Esse talvez tenha sido o único legado de Olavo, o empoderamento dos burros. Uma parte ressentida da sociedade, influenciada e manipulada por toda sorte de teorias obscurantistas e devaneios, mas que teve sua voz amplificada nas redes sociais, passou a ter representantes em cargos públicos e nos meios de comunicação alternativos. Para essa massa de gente raivosa, os idiotas são os outros. Nós, os que acreditam em ciência.

Especulações rondam a morte do escritor. A filha Heloísa de Carvalho, com quem era rompido, diz que a causa foi Covid, informação negada pelo médico pessoal. Num tuíte de janeiro de 2021, o guru escreveu: "todo bolsonarista que morre, a mídia diz que morreu de Covid. Por que será, né?". Talvez porque negacionistas estejam em maior número nas estatísticas. Independentemente do laudo, com a morte de Olavo, a Terra acordou um pouco mais redonda, como li nas redes.

Quando tudo isso passar

Igor Gielow

Repórter especial, foi secretário de Redação e diretor da Sucursal de Brasília

A emergência da variante ômicron do Sars-CoV-2 trouxe o melhor e o pior em termos de expectativas para uma humanidade cansada após dois anos de perdas humanas, afetivas, cognitivas, econômicas.

Do lado positivo, a expectativa de que, sim, o novo modelo da peste pode indicar o caminho para algum tipo de normalização dada a sua avassaladora transmissibilidade e aparente comedimento em termos de impacto mortífero entre aqueles que estão vacinados.

O problema está no aparente, e falo com o amargor de quem perdeu um ente muito próximo que nem de longe poderia ser qualificado de negacionista. A alta atividade do patógeno leva, evidentemente, a mais casos e à maior probabilidade de oportunidades à Ceifadora.

Infelizmente não temos W.G. Sebald cá nos trópicos para, como fez o maior escritor alemão do pós-Guerra com uma Europa destroçada, descrever a perplexidade e impotência ante o tsunami que nos colheu.

A propósito, Sebald, cuja obra se assenta em quatro obras-primas e foi interrompida por uma morte estúpida aos meros 57 anos, em 2001, ora é escrutinado em uma instigante biografia da britânica Carole Angier, lançada recentemente.

Ela percorre os caminhos tortuosos da mente do escritor, aponta contradições éticas graves em seu trabalho acadêmico e registra a revolta com que os personagens de seus livros foram decalcados de histórias reais —basicamente, Sebald destruía sua matéria-prima e a remontava de uma forma ficcional crível e bela.

Com isso, ele trouxe as reflexões acerca da culpa coletiva de uma Europa sob o nazismo, que ele vira ausente em seu pai, que servira à Wehrmacht na Segunda Guerra Mundial.

Os fragmentos, muitas vezes colagens fotográficas ou palimpsestos mentais tirados da observação da topografia arquitetônica do continente, ganhavam vida para exprimir a dor vazia do Holocausto.

E, com sorte, transcender algo dela por meio da Grande Beleza, para agora roubar o título do filmaço de Paolo Sorrentino (nota aleatória, "A Mão de Deus", no Netflix, é imperdível).

Não temos um Sebald, embora ao menos no quesito de pecados na academia, a acusação mais séria de Angier, não nos faltem exemplos. O chororô criado acerca do método do alemão ao criar ficção parece, à primeira vista, só isso.

Já o impacto da Covid-19 num país governado por uma casta particularmente nefasta de lorpas é objeto para choro real. E não, não espezinharei a morte do negacionista ora elevado a merecedor de luto nacional.

Critiquem sua obra tola, combatam hagiografias, mas deixem a família do homem em paz. Falta-nos um Sebald para contar tudo isso ao porvir, na hipótese de Putin e Biden nos concederem a graça.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

O fetiche da prisão em 2ª instância

Num país com mais de 700 mil presos, como falar em impunidade?

Lenio Streck
Advogado, jurista e professor

O tema da presunção da inocência é cativante. Depois da longa luta travada no Supremo Tribunal Federal com as ADCs (ações declaratórias de constitucionalidade) 43, 44 e 54, há movimentos no Parlamento para dar o drible na decisão.

Um dos "encantos" é pela alteração dos artigos 102 e 105 da Constituição, fazendo com que os recursos extraordinário e especial deixem de ser recursos e se tornem ações revisionais. Processos terminariam no segundo grau. A ver.

Há muitas lendas urbanas sobre a presunção da inocência. Uma delas é a de que gera impunidade. Bom, num país com mais de 700 mil presos, como falar em impunidade? Chegou-se a dizer que, com a decisão do Supremo, 160 mil assassinos e estupradores seriam soltos. Mentira.

Como o Brasil tinha 709.205 presos em 2019, ano do julgamento das ações no STF, apenas 0,7% estava apto a receber o benefício de recorrer em liberdade, de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Menos de 5.000 encarcerados. Veja-se o tamanho da falácia.

À época dizia-se que "o percentual de recursos extraordinários providos em favor do réu era irrisório, inferior a 1,5%". Ora, se o número é irrisório, o 0,7% dos presos que puderam se beneficiar com a mudança jurisprudencial sequer seriam metade desse número já irrisório.

Dados da Defensoria Pública, mostrados no julgamento, apontam que, em um universo de 6.500 acórdãos de tribunais de Justiça, 55,4% tiveram alguma modificação pelo Superior Tribunal de Justiça. Isso é pouco?

Outra lenda diz que, com a vitória das ADCs no STF, as pessoas já não seriam presas. Ora, pessoas continuam sendo presas após condenação em segundo grau. O erro está em pensar que basta recorrer aos tribunais superiores para ficar em liberdade. Claro que não é assim. Quem é da área jurídica sabe bem como é isso. Fácil não é responder em liberdade; fácil é ficar preso. Basta ver o número de encarcerados.

Vamos dar o nome que as coisas têm. O que querem, na verdade, é simples: prisão automática. Todavia, mal sabem como é ser julgado em primeiro grau e depois em segundo em um país como o Brasil.

É muito fácil ser condenado sem provas, com nulidades, provas ilícitas etc. Por exemplo, quem não sabe da discussão sobre como alguns tribunais, como o de São Paulo, que teimam em desobedecer a jurisprudência do Supremo? A verdade é que mal se cumprem os enunciados de súmula favoráveis à liberdade dos réus fixados pelos tribunais superiores. As cortes estaduais resistem.

Se alguns tribunais estaduais já corriqueiramente desrespeitam a uniformização jurisprudencial exigida por lei, como garantir o devido processo aos réus com o trânsito em julgado finalizado no segundo grau nesse contexto? O que fazer com esses condenados contra a lei?

Defensores da prisão após condenação em segunda instância dizem: na Alemanha, na França e nos EUA não é assim. Ok. Só que, aqui, não há colegiado na primeira instância. Isso para começar a discussão. Não se pode misturar ovos com caixa de ovos.

A presunção de inocência é cláusula pétrea e trincheira contra as fragilidades do nosso sistema em que um juiz, há pouco, orgulha-se nas redes em dizer que segue só o que ele pensa e que 99% da doutrina é lixo.

Como podemos ver, ainda há muito o que ser dito sobre a importância da presunção de inocência. Sem ser textualista, temos de concordar que existem limites interpretativos.

Enquanto isso, dois problemas muito maiores são deixados de lado: o descontrole do sistema prisional —não esqueçamos que o próprio STF declarou o sistema carcerário brasileiro como um "estado de coisas inconstitucional"— e a relativização da Constituição.

Quem acredita em saídas rápidas está, ao fim e ao cabo, comprando uma grande ilusão.

[...]

Vamos dar o nome que as coisas têm. O que querem, na verdade, é simples: prisão automática. Todavia, mal sabem como é ser julgado em primeiro grau e depois em segundo em um país como o Brasil. É muito fácil ser condenado sem provas, com nulidades, provas ilícitas

Liberdade de opinião não é licença para mentir

O que mais incomoda os mentirosos é a verdade: eles não aprenderam nada

Onyx Lorenzoni
Ministro do Trabalho e da Previdência

A liberdade de opinião é garantida pela Constituição. Para nós, que a defendemos e respeitamos o contraditório, o problema não está em opinar sobre algum tema, mas sempre deve ser levado em conta quem opina, repercute e o porquê.

Nos últimos dias, o ex-presidente condenado por corrupção —liberado por uma tecnicidade jurídica e não inocente como querem fazer crer— e seus asseclas falaram muitas bobagens sobre política econômica e mercado de trabalho. Os mesmos que governaram por mais de uma década e jogaram o país em uma grande crise por escolhas erradas, pela corrupção sistêmica que culminou no maior escândalo de corrupção da história, manchando o nome do Brasil e colocando em risco o futuro dos brasileiros. Apenas isso já colocaria em suspeição a "opinião" dessa gente.

No entanto, sobre o tema escolhido para destilar suas bobagens que alimentam parte da imprensa engajada que até hoje não aceitou a escolha dos brasileiros em 2018, escondem o que fizeram. Aliás, esconder o que fizeram, repetir mentiras para que se tornem verdade e exaltar virtudes que não possuem são o extrato do lulopetismo.

A verdade é que houve uma explosão do desemprego no governo Dilma Rousseff, levando a uma taxa que atingiu 13,7% em 2015. Apenas entre empregos formais, quase 3 milhões de postos foram destruídos nos últimos anos da gestão petista.

A recessão econômica provocada pelo ministro de Dilma e Lula está registrada claramente pelo próprio comitê de datação de ciclos econômicos da FGV. Todos nós também dizíamos isso à época. O ministro e a campanha de sua presidente Dilma, verdadeiros negacionistas, nos chamavam de pessimistas. Quando a realidade se impõe, o medíocre sempre aponta o dedo para os outros.

A desastrosa gestão para vencer a eleição de 2014, incluindo o financiamento pela corrupção, resultou, ainda em setembro de 2015, na perda do grau de investimento do país. Muito antes do impeachment, portanto.

Das mentiras sobre a crise que geraram e a confusão proposital de números partimos para uma revogação das regras trabalhistas que possibilitaram recuperar parte do estrago feito por eles e ajudaram que o Brasil em 2021 ultrapassasse os 3 milhões de novos empregos com carteira assinada —número histórico, ainda mais no meio de uma pandemia. Os petistas vivem em realidade paralela, em mentira permanente.

A partir da eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, a mentira foi substituída pela verdade. Às vezes dura, mas sempre necessária. O governo fez a reforma de Previdência, acabou com o desperdício, reduziu o peso do Estado sobre os ombros das pessoas, simplificando e desburocratizando. E, assim, não deixou faltar nada aos brasileiros quando o mundo foi pego de surpresa pela Covid.

Não faltaram recursos para a estrutura de saúde, para todas as vacinas, para garantir comida na mesa das pessoas com o maior programa social do mundo, para preservar milhões de empregos e garantir que se mantivessem de pé milhões de micro e pequenas empresas.

Com espaço garantido entre os saudosistas da tragédia, Lula e seu bando já deixaram claro seus objetivos. Lula quer a volta do imposto sindical. Como sempre, essa gente quer viver do suor dos outros. Foi assim que chegaram e se mantiveram no poder. Não vê quem não quer, ou quem precisa esconder, o desastre que será caso eles sejam eleitos em 2022 —o que não vai acontecer. O que mais incomoda o mentiroso é a verdade. Governar é servir, não se servir. Eles não aprenderam nada.

[...]

A partir da eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, a mentira foi substituída pela verdade. Às vezes dura, mas sempre necessária. O governo fez a reforma de Previdência, acabou com o desperdício, reduziu o peso do Estado sobre os ombros das pessoas, simplificando e desburocratizando. E, assim, não deixou faltar nada aos brasileiros quando o mundo foi pego de surpresa pela Covid

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Crianças mostram seus comprovantes no primeiro dia de vacinação na cidade de São Paulo Rivaldo Gomes - 22 jan.2022/Folhapress

Vacina para crianças

Onde está o Ministério Público para defender o Estatuto da Criança e do Adolescente contra os bolsonaristas Marcelo Queiroga e Helio Angoti, que publicamente questionam a eficácia vacinal, colocando em risco a vida dessa faixa etária? São criminosos confessos, tanto por suas ações quanto por suas omissões.
Eduardo Passos, médico (São Paulo, SP)

Como se...

No aniversário da cidade, São Paulo como se vivesse mais um dia normal: os ônibus como no sábado, o metrô como no domingo, o distanciamento como num baile de Carnaval e a ômicron como se não fosse contagiante.
Jorge Alberto Nurkin (São Paulo, SP)

Moro

"Críticos dizem que Moro é contraditório ao não revelar quanto recebeu de empresa" (Painel, 25/1). Esse cara recebeu uma grana para quebrar a indústria nacional. O Judiciário sabe, a Receita sabe, porém ninguém ousa contar. Há muita sujeira debaixo do tapete e muita gente envolvida. O Brasil sempre foi assim.
Severo Pacelli (Uberlândia, MG)

*

Moro não recebeu como juiz, mas como contratado de uma empresa privada estrangeira. Por que deveria informar esse valores a quem quer que seja que não a Receita Federal e o IRS americano?
Francy Litaiff Abrahim (Manaus, AM)

*

Moro não trabalhou em uma empresa privada qualquer. Trabalhou em uma empresa que se beneficiou financeiramente da Lava Jato e das decisões do juiz. Como saber se o acordo não antecede à sua demissão do posto de juiz?
Eduardo Rocha (Rio de Janeiro, RJ)

Preto Zezé

É um grande prazer ter Preto Zezé na **Folha** ("Da favela para a Folha", Opinião, 24/1). É necessário que condições sejam oferecidas para que muitos(as) Pretos Zezés cresçam e apareçam para darem o seu exemplo.
Cristina Reggiani (Santana de Parnaíba, SP)

*

Bem-vindo, Preto Zezé! A tua afirmativa na primeira coluna no jornal calou fundo na alma: "Chegar em casa com notas de dinheiro adiantava mais do que as notas azuis da escola".
Gervásio Henrique Bechara, professor titular da Escola de Ciências da Vida da PUC-PR (Curitiba, PR)

Menos verbas

"Bolsonaro corta verbas de pesquisas, combate a incêndios florestais, indígenas e hospitais" (Mercado, 25/1). Nenhuma novidade para quem conhecia a ficha corrida do eterno candidato e atual mandatário.
João Melo (São Paulo, SP)

*

O país está mergulhado no obscurantismo, na ação descarada do Estado contra a população. E a imprensa tem total responsabilidade na eleição desse embuste.
Sérgio Santos (Rio de Janeiro, RJ)

*

Retrocesso galáctico. É como se muitos estivessem remando numa tempestade para sobreviver e um ser de grotesca ignorância fizesse de tudo para afundar o barco. Levará um tempo grande para a estabilização das várias estruturas do país, sempre com as feridas de dor, sofrimento e extermínio.
Daniel Bertelli (Goiânia, GO)

*

Se não faltassem 340 dias para o presidente ser alijado da cadeira presidencial, eu defenderia o impeachment. Só torço para o povo não esquecer a turma do centrão.
Kowalski Dtehpol (Brotas, SP)

*

Neste ano os brasileiros vão extirpar este governo e todas as suas metástases
Celso Cassio Cotichini (Vinhedo, SP)

2022

"Lula convida, e Randolfe deve fazer parte da equipe de campanha do petista" (Painel, 25/1). Parabéns, Lula! Excelente senador.
Carlos Santos (Guanambi, BA)

*

Marina Silva faz muito bem em não apoiar Lula. Dilma promoveu um massacre mentiroso e desonesto contra ela.
Maria Stela C. Morato (São Paulo, SP)

*

Se Randolfe Rodrigues seguir Lula e continuar na Rede, estará traindo a social-democracia; assim como Boulos o fará no Psol. Triste país este nosso... Sem ideologia, sem seriedade, sem ética política, social e econômica. E com Bolsonaro no governo.
Nelson Vidal Gomes (Fortaleza, CE)

*

Lula tem estômago de avestruz. Isso faz dele um político sem igual. É o único que vai conseguir fazer a Torre de Babel se entender e o país voltar a andar.
Bruno Souza Dias (São Paulo, SP)

Olavo de Carvalho

A morte de Olavo de Carvalho arrastou com ele a tentativa pífia de criar o tal "bolsonarismo ideológico", que nada fez além de atrapalhar o país ("Morre Olavo de Carvalho: guru do bolsonarismo disse que Covid era 'historinha de terror'", Poder, 25/1). O Brasil precisa de crescimento econômico sustentável, não de ideologias, seja de quais vertentes forem.
Luciano Harary (São Paulo, SP)

*

Tomara que daqui a algumas décadas possamos rir do fato de as ideias desse impostor terem feito tanto estrago e eleito o pior presidente da história. Por ora ainda estamos no meio da tragédia.
Gustavo Carvalho (Rio de Janeiro, RJ)

Guarujá

O problema vai bem além do barulho insuportável das caixas de som. Os barraqueiros de manhã cedo enchem a praia de cadeiras vazias (de aluguel) para reservar o lugar na areia. Os frequentadores das praias deixam para trás garrafas, papel, latas, fraldas sujas, restos de comida... Na praia de Pernambuco, as ruas são usadas como banheiros. As leis existem, mas ninguém as obedece. Reinam a baderna completa e a falta de respeito para com o próximo.
Nena Pope (São Paulo, SP)

poder

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Mito

A morte de Olavo de Carvalho revelou mais uma vez a divisão no bolsonarismo. Pouquíssimos líderes do centrão ou da ala militar do governo, seus alvos constantes, lamentaram o ocorrido. Aliados do filósofo apostam que a defesa do legado dele reforçará as tensões que vêm se avolumando há meses. “Estão comemorando como a se a influência de Olavo fosse acabar. Não sabem de nada, vai apenas aumentar”, afirma o cineasta Josias Teófilo, autor de um filme sobre ele.

DESCURTI A irritação dos olavistas aumentou quando o perfil da Câmara dos Deputados no Twitter curtiu uma mensagem do perfil RealMorte, que trata de forma satírica a morte de celebridades e mencionou a de Olavo. O deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) protestou e disse que tomaria providências. A Casa se desculpou pelo “erro”.

ANTHOLOGY O guru da nova direita deixou um vasto material inédito de manuscritos, livros inacabados e palestras gravadas, que devem gerar diversas publicações póstumas. A sucessão de lançamentos deverá ajudar a manter o legado do filósofo vivo, afirmam seus discípulos.

AGENDADO O senador Álvaro Dias (Podemos-PR) diz que o ex-juiz Sergio Moro irá mostrar os valores que recebeu da consultoria americana Alvarez & Marsal, mas no momento certo. “Ele está bem tranquilo em relação a isso. Vai revelar na hora que achar adequado”, diz.

INTERESSES Os pagamentos estão na mira de uma investigação do Tribunal de Contas da União, porque a consultoria tinha entre seus clientes empresas alvos da Lava Jato, operação que teve Moro como juiz em Curitiba. O PT chegou a anunciar que buscaria uma CPI, mas desistiu.

MANDAMENTOS Moro planeja para o dia 7 de fevereiro um grande evento com evangélicos em Fortaleza (CE), onde espera reunir 200 pastores. Na ocasião, ele deve lançar uma carta-compromisso para este segmento, na linha de se apresentar como um conservador moderado.

DOÇURA Ciro Gomes (PDT) convidou o ex-juiz a participar de uma live em seu canal no YouTube. O ex-governador do Ceará se comprometeu a tratar apenas de reformas no encontro e disse que será “delicado” com o adversário. No passado, Ciro chegou a dizer que receberia Moro “na bala” se ele fosse prendê-lo em alguma fase da Lava Jato.

CAMPO As centrais sindicais que apoiam a candidatura de Lula (PT), como CUT e Força Sindical, estão elaborando uma programação de mobilizações eleitorais com foco em cidades do interior, nas quais acreditam que o ex-presidente pode ter mais dificuldades.

AGENDA As centrais farão sua primeira reunião de 2022 nesta quarta-feira (26), na qual debaterão um conjunto de propostas da categoria para apresentar aos candidatos.

NOVOS PLANOS Lula convidou Randolfe Rodrigues (Rede-AP), líder da oposição no Senado, para fazer parte de sua equipe da campanha nas eleições. Com isso, ele deve desistir da disputa pelo governo do Amapá. Lucas Abrahão (Rede), pastor evangélico que é suplente de deputado federal e trabalha como auxiliar do senador, pode ser o escolhido.

ARRASTO O convite aproxima ainda mais a Rede de Lula, embora haja uma parcela significativa do partido que se incline mais por Ciro Gomes (PDT) e até sonhe em indicar a ex-senadora Marina Silva (AC) como vice na chapa.

CHEGANDO Fenômeno das redes sociais, o deputado federal André Janones (MG) lança sua pré-candidatura a presidente pelo Avante neste sábado (29) no Recife (PE). Em dezembro, ele surpreendeu ao ter 2% na pesquisa do Ipec, o mesmo que João Doria (PSDB).

FLEX “A meta é chegar a 7% em maio e em terceiro lugar em agosto”, diz ele, que tem 13 milhões de seguidores e afirma não ter ideologia definida. “Em alguns momentos a solução vai estar na cartilha da direita, em outros na esquerda”, diz.

ATÉ O FIM Janones diz que sua campanha terá como mote a defesa de um programa de renda mínima, nos moldes do popularizado por Eduardo Suplicy (PT). Também já conversou com Sergio Moro e recebeu acenos de Lula. Mas diz que a candidatura é irreversível. “Sou a terceira via viável”, diz ele.

TIROTEIO

“O ataque de cuspidores como José de Abreu e Jean Wyllys mostra o quanto incomodamos quando defendemos a vida

Da deputada federal Carla Zambelli (PSL-SP), sobre as críticas que sofreu por ter viajado aos EUA em missão oficial para evento antiaborto

com Guilherme Seto e Fabio Serapião

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1 044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1 318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1 420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1 764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
366 088 exemplares (dezembro de 2021)

Eleições municipais de 2024 são entrave para federação entre PT e PSB

Partidos estiveram juntos em apenas 2 das 26 capitais em 2020 e enfrentam dificuldades para formar novo modelo de aliança

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) durante entrevista à imprensa Ueslei Marcelino - 8.out.21/Reuters

Matheus Teixeira e Julia Chaib

BRASÍLIA Além das divergências sobre os palanques estaduais deste ano, as eleições municipais de 2024 têm representado um entrave nas negociações para que se concretize a federação entre PT e PSB.

Em 2020, por exemplo, ambos os partidos estiveram na mesma coligação em apenas 2 das 26 capitais e formaram chapa conjunta em só 1 delas.

Caso decidam se federar, porém, as siglas serão obrigadas a caminhar juntas nas mais de 5.500 cidades do país daqui a dois anos. A engenharia política a ser montada para que isso ocorra sem intercorrências, na visão de dirigentes petistas e pessebistas, é praticamente impossível.

Parte das duas legendas está empenhada em se unir e formar uma chapa em 2022.

A ideia é filiar o ex-governador Geraldo Alckmin ao PSB para indicá-lo a vice do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e formar uma federação. Disputas sobre eleições estaduais, porém, têm dificultado as negociações.

Como pano de fundo dessas arestas imediatas está 2024. A avaliação é que a dificuldade para encontrar consensos nos estados neste ano será ainda maior no pleito municipal.

Em São Paulo, por exemplo, a disputa de 2024 tem chance de seguir o mesmo rumo da de 2022: ambos os partidos querem estar na cabeça de chapa. A deputada federal Tabata Amaral, por exemplo, filiou-se ao PSB com a expectativa de se lançar à prefeitura da capital daqui a dois anos.

Em Pernambuco, os dois partidos protagonizaram uma briga duríssima em 2020 que, para muitos, é irreconciliável.

Naquele ano, a eleição dividiu a família do ex-governador Miguel Arraes. Sua neta e atual deputada federal Marília Arraes (PT) foi derrotada por outro herdeiro da família, o primo e atual prefeito do Recife, João Campos (PSB).

Além da capital pernambucana, o PSB é o partido que comanda o maior número de cidades no estado, 53 ao todo.

O PT tem apenas cinco prefeituras, mas dirigentes da legenda planejam ampliar esse número e dizem acreditar que, se Lula vencer as eleições, poderá ajudar a alavancar a força da sigla em 2024, o que, inevitavelmente, criaria conflitos com os socialistas.

No Rio, as siglas não estiveram juntas em nenhuma das últimas duas eleições.

Também tem pesado a pressão de setores do PSB do Sul e Sudeste que são mais distantes do PT e que haviam se afastado em definitivo do partido depois do impeachment de Dilma Rousseff (PT).

Uma das estratégias de Eduardo Campos nas eleições presidenciais de 2014 foi atrair políticos conservadores à legenda para se descolar do PT.

Em Santa Catarina, por exemplo, um ano antes do pleito daquele ano, ele filiou à sigla o grupo de Paulo Bornhausen, filho de Jorge Bornhausen, um nome histórico da direita brasileira.

Mesmo com a morte de Campos, o PSB seguiu a estratégia dele e se manteve distante do PT depois da reeleição de Dilma. No segundo turno de 2014, por exemplo, a maior parte do partido apoiou Aécio Neves (PSDB).

O apoio partiu inclusive do PSB de Pernambuco, que é o mais influente dentro da sigla. Como o PT e o ex-presidente Lula mantiveram grande popularidade no Nordeste, no entanto, essa parte da sigla voltou à estratégia original de se aproximar do Partido dos Trabalhadores.

Já em 2018 os pessebistas pernambucanos foram os principais responsáveis pelo movimento do partido de ficar neutro nas eleições em vez de apoiar Ciro Gomes (PDT), o que beneficiou a candidatura de Fernando Haddad (PT).

Mas como o PT seguiu com grande rejeição no Sul e no Sudeste, esse movimento não se estendeu a toda a legenda e parte dela segue crítica do PT.

Prova do distanciamento é que, dois anos atrás, elas estiveram juntas apenas nas eleições de Florianópolis e Salvador entre as capitais.

Na primeira, os petistas indicaram o vice de um candidato do PSOL e, na segunda, os socialistas ficaram com a segunda posição mais importante na chapa petista.

> “O tempo da política não pode ser pressionado pela burocracia. A gente espera que o TSE [Tribunal Superior Eleitoral] seja bastante sensível
>
> **Gleisi Hoffmann**
> presidente do PT, sobre pedido ao tribunal para adiar limite para definição das federações partidárias

Alguns dos principais dirigentes dos dois partidos, contudo, estão empenhados em fechar acordos que viabilizem a formação de uma federação.

Nessas negociações, o PSB tem cobrado que o PT apoie seus candidatos em ao menos seis estados neste ano: São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Acre.

O estado mais problemático é São Paulo. Nem o PT está disposto a abrir mão da candidatura de Fernando Haddad (PT-SP) nem o PSB a abrir mão de lançar Márcio França (SP).

Nos outros estados, existem maiores chances de haver acordos, mas ambas as legendas apostam que é necessário ter mais tempo para costurar os consensos locais.

Por isso, as direções do PT e do PSB decidiram encaminhar ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) um pedido de ampliação de prazo para que possam fechar uma eventual federação partidária. “O tempo da política não pode ser pressionado pela burocracia. A gente espera que o TSE seja bastante sensível”, disse a presidente do PT, Gleisi Hoffmann.

Os dirigentes dos dois partidos tiveram a primeira reunião de 2022 na última semana. No encontro, eles tentaram aparar arestas sobre impasses estaduais e definiram um cronograma de reuniões para acertar os ponteiros.

Foi marcada uma nova roda de encontros entre todos os partidos que podem compor a federação, o que inclui o PV e o PC do B para discutir o estatuto da federação e uma “carta programática”.

Também foi agendada uma reunião para tratar da situação em Pernambuco.

O PT lançou a pré-candidatura do senador Humberto Costa a governador. O PSB, porém, comanda o estado há quatro mandatos e não quer perder a chefia do Palácio do Campo das Princesas.

O Partido dos Trabalhadores, entretanto, já indicou que pode abrir mão da candidatura de Costa em nome da aliança nacional.

Chapa Lula-Alckmin teve embrião em SP e Haddad e França como padrinhos

Ex-prefeito paulistano levou proposta a Lula em agosto, após reunião com ex-governador paulista

Catia Seabra e Ranier Bragon

RIO DE JANEIRO E BRASÍLIA A possível chapa unindo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Geraldo Alckmin (ex-PSDB), que ganhou força com a recente e contundente defesa da aliança feita pelo petista, teve como embrião a disputa pelo Governo de São Paulo e, como padrinhos, o ex-prefeito Fernando Haddad (PT) e o ex-governador Márcio França (PSB).

A articulação, pensada inicialmente como união de forças de petistas e tucanos dissidentes contra o governador João Doria (PSDB) e o bolsonarismo em São Paulo, cristalizou-se em uma proposta apresentada por Haddad a Lula, em agosto do ano passado.

A **Folha** ouviu nos últimos dias petistas e aliados de Alckmin para tentar traçar a gênese da aliança que pode unir em um mesmo palanque nacional grupos políticos que desde os anos 80 se rivalizam.

A articulação mais incisiva para a formação da dobradinha Lula-Alckmin nasceu em meio a dúvidas sobre sua viabilidade. Haddad levou, formalmente, a ideia para o ex-presidente em um telefonema no dia 26 de agosto, segundo relatos, quando Lula estava na Bahia concluindo uma caravana pelo Nordeste.

Os pré-candidatos a governador de SP Fernando Haddad (PT) e Márcio França (PSB) se reuniram em novembro Acervo pessoal

Haddad havia acabado de sair de uma reunião com Márcio França no escritório do publicitário Cláudio Simas, amigo do ex-governador.

Na conversa com Lula, Haddad teria dito ainda que França se comprometera a desistir de sua pré-candidatura ao Governo de São Paulo, caso o acordo vingasse.

Nessa composição, Alckmin seria vice de sua chapa para a Presidência, França concorreria ao Senado, e Haddad, ao governo estadual. Lula apenas ouviu.

Cerca de dez dias antes, a hipótese já tinha chegado, despretensiosamente, aos ouvidos de Lula após ser ventilada por França durante almoço com João Paulo Rodrigues, coordenador nacional do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), e o advogado Marco Aurélio Carvalho, coordenador do grupo Prerrogativas.

Segundo interlocutores, ao ouvir os entusiastas da aliança, Lula coçava o bigode e permitia o avanço das conversas.

De acordo com petistas, Haddad atribui a França a ideia original da chapa Lula-Alckmin. Na reunião de 26 de agosto, o ex-governador teria dito que a chapa resolveria os problemas do Brasil.

Há, porém, versões desencontradas. Em entrevista à rádio Bandeirantes, em dezembro, o ex-governador negou: "A ideia foi do [Fernando] Haddad, um pouco do [Gabriel] Chalita".

Há relatos de que haveria ainda a participação de outra pessoa, mantida em sigilo.

Além da autoria da ideia, França negou em conversa com Lula que tenha sugerido abrir mão do governo do estado em favor do petista. O ex-governador disse, na ocasião, que Haddad ouviu o que gostaria de escutar.

Presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira atesta a paternidade de França para a união de Alckmin e Lula. "Foi o Márcio França. Ter Alckmin na vice de Lula, foi invenção dele", afirma.

Em uma conversa com a presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), Siqueira chegou a usar a atuação de França como argumento para que Haddad desista de concorrer ao Governo de São Paulo.

O presidente do PSB nega que França tenha concordado em renunciar à candidatura. Apenas teria sugerido que ele e Haddad sejam submetidos a uma pesquisa de opinião para definir quem será o cabeça de chapa na disputa.

Segundo Siqueira, a manutenção da candidatura de Haddad ameaça colapsar a montagem de uma federação do PT com o PSB. "E o PT vai perder a eleição em São Paulo. França tem chances de herdar os votos de Alckmin", alega.

A volta de Alckmin aos bastidores e ao dia a dia da política se deu em 2021, pouco mais de dois anos depois do fracasso nas eleições em que formou a mais robusta aliança política ao Planalto, mas em que acabou ficando apenas em quarto lugar, com 4,76% dos votos.

Em 2019 e 2020, Alckmin se recolheu e, entre outros afazeres, se dedicou a participar de programas na TV com dicas de acupuntura —ele é formado em medicina.

De acordo com aliados, a partir de 2020 prefeitos passaram a estimulá-lo a concorrer novamente ao Palácio dos Bandeirantes, que ele já governou por quatro vezes, tendo em vista pesquisas que o apontavam como o favorito.

No último levantamento do Datafolha, por exemplo, de dezembro, Alckmin liderava a corrida eleitoral paulista com 28% das intenções de voto. Logo atrás dele, vinham exatamente Haddad (19%) e França (13%), os dois padrinhos da articulação que deve tirá-lo da disputa.

Pesavam contra, porém, os reflexos da derrota de 2018, a relativa falta de ânimo de tentar um quinto mandato de governador e o fato de que, pela primeira vez, o então tucano teria que concorrer contra as três máquinas públicas —a municipal, a estadual e a federal.

O primeiro partido cogitado para abrigar Alckmin foi o PSD, mas o presidente da legenda, Gilberto Kassab, não teria topado a ideia de abrigá-lo para ser o vice de Lula, por preferir que Alckmin disputasse o governo estadual.

O PSD ainda diz manter, ao menos até o momento, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (MG), como seu pré-candidato ao Palácio do Planalto.

Depois, Alckmin passou a ter como opção o PSB e outras siglas menores, como Solidariedade e PV.

Anfitrião do encontro entre França e Haddad, o publicitário Cláudio Simas confirma que a celebração da aliança Lula e Alckmin foi debatida no seu escritório, mas diz que não estava na sala no momento em que os dois discutiram a eleição estadual.

Embora as tratativas tenham se acelerado em 2021, o ambiente de boa convivência com fatia do tucanato —Alckmin incluído— vinha sendo criado desde a eleição do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Até sua morte, em dezembro de 2018, o ex-deputado Sigmaringa Seixas era, ao lado de Haddad, defensor dessa aproximação, tendo o ex-ministro Nelson Jobim como um dos articuladores.

Em São Paulo, o ex-secretário estadual de Educação Gabriel Chalita foi fundamental para a consumação de um acordo entre Lula e Alckmin.

Amigo do ex-governador, Chalita também mantém laços de amizade com Haddad desde 2005, quando o petista ocupava o Ministério da Educação e ele, a Secretaria de Educação de São Paulo. Chalita foi vice da chapa de Haddad para a Prefeitura de São Paulo, em 2016.

Em seu apartamento aconteceu o primeiro jantar entre Lula e Alckmin, em julho de 2021. À mesa, falaram sobre o país, mas ainda nada sobre alianças. Segundo aliados, os dois já se encontraram em três jantares, mas ainda não mencionaram a construção de uma chapa em parceria.

As tratativas para a aliança Lula-Alckmin foram reveladas em novembro pela coluna da jornalista Mônica Bergamo, da **Folha**. Houve várias críticas dentro do próprio PT, em especial de Rui Falcão, ex-presidente do partido, entretanto, o próprio Lula agiu para desencorajá-las.

O ex-prefeito de São Bernardo do Campo Luiz Marinho, por exemplo, até ensaiou uma reação, mas Lula sugeriu a ele que deixasse isso de lado e se dedicasse a outros problemas.

A lista dos que dentro do PT passaram a apoiar a chapa é bem maior. "O nosso objetivo é derrotar esse governo e reconstruir o país. Além do que, ajuda na eleição de São Paulo. A política é uma coisa que tem que olhar para frente, não pode ficar remoendo o passado", afirma o deputado federal Carlos Zarattini (PT).

Entre aliados de Alckmin, não há grandes resistências. Amigo do ex-governador e ex-presidente do PSDB de São Paulo, Pedro Tobias diz que em um primeiro momento chegou a se surpreender.

"Mas ele [Alckmin] falou para mim que está pensando o Brasil, que não está pensando nele. Que chega de briguinha de A com B. Ele explicou o motivo", disse.

De acordo com o ex-deputado, que também se desfiliou do PSDB, com Alckmin de vice Lula ganha no primeiro turno. "O Alckmin é um vice que ajuda sem abrir o bico, sem falar, é ético e trabalha nos bastidores para ajudar. Não tem chance nenhuma do Geraldo fazer golpe".

Em entrevista na quarta-feira (19), Lula fez a mais enfática defesa da aliança até agora, afirmando que o PSDB de João Doria não é o mesmo que um dia abrigou figuras importantes da sigla, como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o senador José Serra e o ex-governador Mario Covas.

Lula tem tido conversas com vários políticos de fora do PT —três dias antes de receber o telefonema de Haddad, ele havia visitado o senador tucano Tasso Jereissati (CE), em Fortaleza— com base na avaliação que, se vencer em outubro, precisará de um arco de alianças ao centro e à direita para governar.

Na viagem ao Nordeste, reuniu-se com o governador do Maranhão, Flávio Dino (PSB), o ex-presidente José Sarney (MDB-MA) e o ex-senador Eunício Oliveira (MDB-CE).

Declarações de Lula e Alckmin sobre a aliança

Tenho extraordinária relação de respeito com o Alckmin, fui presidente enquanto ele era governador. Não há nada que aconteceu entre nós que não possa ser reconciliado

Lula, a jornalistas, em novembro

Ele está numa definição de partido, estamos em processo de conversar, vamos ver, se a hora que eu definir se sou candidato ou não, é possível construir uma aliança política. Primeiro preciso ver qual partido ele vai entrar

Lula, em entrevista à rádio Gaúcha, em novembro

Temos visões de mundo diferentes? Temos. Mas isso não impede, se necessário, construir a possibilidade de colocar as divergências em um lado e as convergências em outro. Não terei nenhum problema em fazer chapa com Alckmin para ganhar as eleições

Lula, em entrevista a blogueiros, em janeiro

Nosso país precisa de pacificação. Temos muitos desafios nesse momento de grande dificuldade. E o diálogo é o primeiro passo para enfrentarmos os desafios

Alckmin, nas rede sociais, após deixar o PSDB, em dezembro

A política precisa ser feita com civilidade, com quem tem apreço pela democracia. Em relação a candidaturas, a decisão não é agora, não é já

Alckmin, a jornalistas, em novembro

Lula está um passo à frente

O sonho é transformar uma candidatura num movimento

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Forte nas pesquisas, acenando com Geraldo Alckmin na vice, buscando conversas com a dissidência tucana, com Marina Silva e com figuras do agronegócio, Lula está um passo à frente de seus adversários que tentam construir uma alternativa à polarização com Bolsonaro. O ex-presidente acredita ter neutralizado as restrições que sua base fazia à marcha em direção ao centro, e mesmo a "setores da centro-direita". Aberta essa porta, trará novas surpresas.

Coisa parecida só aconteceu em 1984, quando Tancredo Neves reciclou a frente que pedia eleições diretas, transformando-a num movimento a favor de sua indicação pelo Colégio Eleitoral. A raposa mineira conseguiu um milagre: pela primeira vez na história do Brasil a conciliação partiu da oposição.

O quadro de 2022 não é o de 1984 e Lula não é Tancredo. Basta lembrar que combateu sua candidatura: "É uma proposta de transação". Era, e faltava ao petista a percepção de que o país precisava era de uma transação. Essa manobra havia sido exposta mais de um século antes pelo jornalista Justiniano José da Rocha em seu texto "Ação, Reação; Transação". O PT viria a expulsar os três deputados que votaram em Tancredo na reunião do Colégio Eleitoral, readmitido-os anos depois. Entre um gesto e outro, Lula conheceu Emílio Odebrecht na casa do tucano Mário Covas.

A história não se repete, mas rima, como ensinou Mark Twain. Um salto de Lula em terras onde o PT não vinha navegando amplia a sua base, mas não muda a essência da candidatura. A polarização dos sonhos de Bolsonaro é um embate da direita (dele) com a esquerda (de Lula). O PT flertando com o centro atrapalha o capitão.

Lula não é Tancredo, mas precisa construir um personagem que seja pelo menos parecido. Tancredo, com sua férrea suavidade, nunca foi de esquerda, nem perdia horas de sono com ela. Foi-lhe fácil armar a coligação que o elegeu. Lula deu os primeiros passos nessa longa estrada. Com isso, colocou-se à frente dos postulantes que estão na pista. João Doria e Sergio Moro parecem engessados, e Ciro Gomes ressurge com sua proposta de plebiscitos legítimos, porém com um maldito precedente venezuelano. Já Bolsonaro selou sua aliança com Valdemar Costa Neto, sabendo que não controla seu prazo de validade.

Transformar uma candidatura num movimento foi coisa conseguida por Tancredo no Brasil e por Barack Obama nos Estados Unidos. Exige um temperamento de aço. O mineiro partiu da inédita mobilização das forças democráticas pelas eleições diretas. Além disso, era um sereno mestre da dissimulação. Deixou-se internar na véspera da posse com um diagnóstico de provável apendicite, sabendo que havia retirado o apêndice havia décadas, detalhe sonegado aos médicos. Logo ele, que ensinava: "Esperteza, quando é muita, come o dono". Já o americano governou com a equipe repetindo que "com Obama não há drama".

A marcha de Lula para o centro dá-lhe o conforto de contribuir para o isolamento de Bolsonaro. A carta que o conservadorismo nacional tirou da manga em 2018, sonhando com as reformas liberais de Paulo Guedes, está reduzida hoje a um governante que orienta e é orientado pela superstição da cloroquina e pelo receituário do doutor Marcelo Queiroga. Como dizia o deputado Tiririca, "pior não fica".

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | **QUI. Conrado H. Mendes** | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Sergio Moro (Podemos) posa para foto com integrantes do MBL durante congresso do movimento Divulgação MBL

Integrantes do MBL se filiam ao Podemos e dão palanque a Moro

Com Arthur do Val e Heni Ozi Cukier, grupo quer disputar governo e legislativos

Carolina Linhares

SÃO PAULO A filiação de membros do MBL (Movimento Brasil Livre) ao Podemos, prevista para esta quarta-feira (26), garante ao presidenciável da legenda, o ex-juiz da Lava Jato e ex-ministro Sergio Moro, um palanque pronto em São Paulo, estado estratégico na corrida eleitoral deste ano.

Surgido nas manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff (PT) em 2014, o MBL tem um projeto político próprio, participará de sua terceira eleição e já planejava lançar o deputado estadual Arthur do Val (Patriota), o youtuber Mamãe Falei, para o Governo de São Paulo em 2022.

O grupo agora se associa à campanha de Moro e do Podemos no momento em que o ex-juiz se diz vítima de perseguição pelas tentativas de investigar seus ganhos na iniciativa privada.

O TCU (Tribunal de Contas da União) analisa se atos de Moro como juiz fragilizaram a situação econômica de empreiteiras considerando que, alguns anos depois, ele foi contratado pela empresa Alvarez & Marsal, responsável pela recuperação judicial da maioria delas. O PT estuda propor uma CPI sobre o caso.

Arthur afirma que a CPI "tem claro objetivo político". "Se eu fosse Moro, eu seria entusiasta dessa CPI. Vamos mostrar para todo mundo o que está acontecendo, aí fica claro e escancarado quem está falando besteira", avalia.

O evento de filiação do grupo será presencial, em um teatro na capital paulista, com a presença do ex-juiz, da presidente do partido, deputada federal Renata Abreu (SP), e do senador Alvaro Dias (Podemos-PR).

Arthur afirma que a aproximação com o ex-juiz foi espontânea, teve início no ano passado, no processo de convencê-lo a ser candidato, e resultou na filiação. "Foi um pedido do Moro, ele que pediu pra gente estar junto no Podemos", diz o deputado estadual à **Folha**.

Para o Podemos, que definiu São Paulo como um estado prioritário na campanha de Moro, o MBL trouxe um palanque montado de candidatos ao governo, ao Senado, à Câmara e à Assembleia —algo importante para o ex-juiz, considerando que os demais presidenciáveis também terão representantes paulistas.

Da parte do MBL, que já se abrigou no DEM e no Patriota anteriormente, o Podemos é visto como um partido mais estruturado, com mais tempo de TV por exemplo, e que se comprometeu a dar total liberdade para que o grupo aja de maneira independente —não seja obrigado a seguir orientações da sigla em votações, por exemplo.

Nas eleições municipais de 2020, o grupo lançou seus candidatos pelo Patriota e, para isso, negociou o controle total do diretório municipal do partido, o que não deve ocorrer com o Podemos. Arthur do Val foi candidato a prefeito de São Paulo e terminou em quinto lugar, com 9,78% dos votos.

Segundo Arthur, a migração é necessária porque o Patriota não se comprometeu a apoiar Moro, mas o deputado afirma que sua saída foi amigável e sem brigas.

Uma vez filiados ao Podemos, os membros do MBL prometem seguir com a prática de não usar o fundo eleitoral para financiar suas campanhas, o que elimina um motivo de atrito interno nos partidos.

Além de Arthur como postulante ao Palácio dos Bandeirantes, o grupo quer lançar o deputado estadual Heni Ozi Cukier (Novo) como candidato a senador na mesma chapa. Heni deve migrar para o Podemos na janela partidária, entre março e abril.

A gente estava na nossa trincheira e, quando olhávamos para o lado, o cara estava lutando igual a gente. Repudiando projetos personalistas, com um histórico ilibado, defendendo o combate à corrupção. E estamos descobrindo no Moro uma defesa dos princípios liberais

Arthur do Val
deputado federal (Podemos-SP)

O MBL também planeja ter três candidatos a deputado federal no estado —Kim Kataguiri (DEM-SP), que concorrerá à reeleição; o vereador Rubinho Nunes (PSL) e a ativista Adelaide Oliveira.

O grupo tem outros seis nomes indicados para concorrer a deputado estadual. A maior parte dos pré-candidatos será filiada no evento desta quarta.

Com a entrada do MBL, o Podemos projeta aumentar para até sete o número de deputados estaduais e chegar até a nove deputados federais eleitos. O Podemos elegeu três, mas hoje tem dois parlamentares na Câmara. Na Assembleia paulista, há quatro deputados atualmente.

Arthur afirma que Moro é a verdadeira terceira via, que rejeita o ex-presidente Lula (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL).

"A gente estava na nossa trincheira e, quando olhávamos para o lado, o cara estava lutando igual a gente. Repudiando projetos personalistas, com um histórico ilibado, defendendo o combate à corrupção. E estamos descobrindo no Moro uma defesa dos princípios liberais", diz.

O pré-candidato a governador afirma que o combate à corrupção não deve ser pauta única de Moro e lembra que o próprio MBL tem uma plataforma que vai além disso, defendendo reformas e enxugamento do estado.

Para Arthur, Moro não tem um projeto pessoal de poder —ou desistiria no primeiro revés, como a investigação sobre sua atuação no setor privado.

Em entrevista na segunda (24), Moro afirmou que a empresa de consultoria Alvarez & Marsal, que fica nos EUA, o contratou para atuar em uma área separada e sem relação com a atuação da mesma consultoria no Brasil, que atende a Odebrecht, construtora investigada na Lava Jato.

Arthur lembra que Lula, ao sair do Planalto, também multiplicou seu patrimônio dando palestras a empreiteiras que tinham contratos com o governo federal e rechaça a relação entre a atuação de Moro na Lava Jato e no setor privado.

"Quer dizer que o cara mobilizou o Ministério Público do país inteiro, fez a operação anticorrupção mais famosa do Brasil e conhecida mundialmente e prendeu um ex-presidente só para anos depois ficar alguns meses prestando serviço para uma empresa que tem como uma das funções a recuperação judicial?", questiona.

Arthur diz que sua candidatura é competitiva, e aliados lembram que ele ganhou musculatura com a eleição municipal, quando terminou à frente de nomes como Jilmar Tatto (PT) e Joice Hasselmann (PSL, de saída para o PSDB).

"Pela primeira vez nos últimos quase 30 anos, o PSDB tem chance de perder a eleição em São Paulo. A esquerda está rachada, e a direita bolsonarista também. São Paulo é o estado que mais rejeita Lula e Bolsonaro", ressalta o deputado.

"Temos um projeto completo, com chapa completa. É uma proposta muito sólida para São Paulo e um time muito unido", afirma Heni, que deve deixar o Novo devido a divisões internas e a adesões ao bolsonarismo em parte da legenda.

"O MBL talvez seja a maior força política organizada, com militantes e não populista do Brasil. E Moro está muito alinhado com aqueles que estão frustrados com o populismo. Não temos opções de grandes lideranças que conseguem falar com Brasil inteiro, e Moro tem a vantagem de transmitir ser uma pessoa ética, que quer trazer justiça", completa.

Além de Arthur em São Paulo, o Podemos por enquanto deve lançar candidatos a governador no Distrito Federal, Tocantins e Rondônia. Mas a campanha paulista é a mais estratégica.

Renata Abreu mira o Sul e o Sudeste como as principais regiões para alavancar a candidatura de Moro. O ex-juiz já tem uma rodada de viagens pelo interior de São Paulo programada para a próxima semana.

Segundo a presidente do Podemos, São Paulo é onde o partido tem uma de suas maiores forças, com 22 prefeituras, sendo cinco consideradas grandes: Osasco, Mogi das Cruzes, Rio Grande da Serra, Taboão da Serra e Itapevi.

"Se cresce 2% em São Paulo, cresce muito. Tem de fazer a construção muito bem nessas regiões. É melhor começar por onde o Podemos está bem construído e já tem grandes apoiadores", afirmou Abreu à **Folha**.

Segundo a pesquisa Datafolha de dezembro, Moro tem 9% das intenções de votos, atrás de Lula, com 48%, e de Bolsonaro, com 22%.

Moro tem mantido conversas também com a União Brasil, partido resultante da fusão entre DEM e PSL. Como mostrou a **Folha**, porém, a aliança ainda depende do desempenho do ex-juiz em pesquisas eleitorais e esbarra em candidaturas estaduais da nova sigla.

Os palanques regionais são um empecilho ainda maior para o avanço de conversas para um cenário considerado atualmente remoto: uma possível migração de Moro, que se filiou em novembro ao Podemos, ao novo partido.

Em São Paulo, por exemplo, a União Brasil já declarou apoio ao candidato do PSDB, o vice-governador Rodrigo Garcia, que por sua vez apoiará o governador João Doria (PSDB) para o Planalto.

O escritor Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo, em sua casa em Richmond, nos Estados Unidos Vivi Zanatta - 6.out.17/Folhapress

Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo, morre aos 74 anos

Escritor ícone dos conservadores no Brasil estava internado nos EUA e não gostava de ser chamado de ideólogo ou guru

Fábio Zanini e Cristina Camargo

SÃO PAULO O escritor Olavo de Carvalho morreu na noite desta segunda (24), aos 74 anos, na região de Richmond, na Virgínia (EUA), onde estava hospitalizado. A morte foi anunciada pela família nos seus perfis nas redes sociais, sem informar a causa.

A filha do escritor Heloísa de Carvalho, rompida com o pai e detratora de Bolsonaro, afirmou que Olavo morreu em decorrência da Covid. O médico particular do escritor, Ahmed Youssif El Tassa, nega.

À colunista Bela Megale, do jornal O Globo, ele afirma que Olavo morreu em decorrência de insuficiência respiratória aguda causada por enfisema pulmonar associado a insuficiência cardíaca congestiva, a pneumonia bacteriana e a infecção generalizada.

O escritor sempre foi um dos principais porta-vozes em suas redes sociais daqueles que contestam os dados sobre mortes e infectados pelo coronavírus, assim como o presidente, e símbolo do movimento negacionista no país.

"O medo de um suposto vírus mortífero não passa de historinha de terror para acovardar a população e fazê-la aceitar a escravidão como um presente de Papai Noel", disse Olavo, por exemplo, em 2020.

Ele recebeu diagnóstico de Covid dia 15, conforme administradores do grupo do Telegram que reúne os seguidores do ideólogo bolsonarista.

Olavo de Carvalho não gostava de ser chamado de ideólogo ou guru e reagia com seu vocabulário típico, recheado de palavrões, quando era associado a esses termos.

Não há maneira melhor, no entanto, de descrever a influência do escritor e filósofo sobre o governo de Jair Bolsonaro e a chamada "nova direita", que surgiu com força avassaladora no cenário nacional em meados da década passada.

"Olavo tem razão" virou slogan em camisetas e faixas encontradas em manifestações de pessoas vestidas de amarelo, ou nos suvenires vendidos em eventos conservadores.

A influência descomunal vinha da sua personalidade carismática, que tinha a agressividade retórica como método, e sobretudo do reconhecimento por liberais, conservadores, nacionalistas e protofascistas de que ele foi um pioneiro. Dez anos antes da explosão destra no Brasil, Olavo já pregava solitário contra a dominação cultural da esquerda nas universidades, nos meios científico e artístico, na religião e na imprensa.

Em anos posteriores, quando vociferar contra ideias progressistas passou a ser moeda corrente, o velho guru foi elevado à condição de visionário.

O fato de ter morrido como referência para milhões culmina uma trajetória pessoal improvável. Nas suas primeiras cinco décadas de vida, Olavo era uma figura que oscilou entre o obscuro e o folclórico.

Nascido em Campinas (SP) em 1947, interessou-se por filosofia desde a adolescência, mas nunca teve uma carreira acadêmica formal.

Bandeira a meio mastro em frente ao Palácio do Planalto Pedro Ladeira/Folhapress

Em rara iniciativa, Bolsonaro decreta luto oficial de um dia

O presidente Jair Bolsonaro (PL) decretou luto oficial de um dia pela morte do escritor Olavo de Carvalho. Na lei, não há nenhum parâmetro sobre quais figuras devem ou não receber luto oficial. Trata-se mais de um ato simbólico. A determinação principal é de que a bandeira ficará a meio mastro em todo país. Esta é a segunda vez que Bolsonaro decretou luto em seu governo. Em junho do ano passado, o fez por três dias, quando faleceu o ex-vice-presidente da República, Marco Maciel.

O único curso formal de filosofia que fez foi na PUC do Rio de Janeiro, mas não chegou a completá-lo. Tornou-se autodidata e recorreu a professores particulares, conforme narrou na biografia oficial que consta de seu site.

Durante a vida, foi um entusiasta do ensino domiciliar, livre da influência esquerdista que via no sistema formal.

Aos 18 anos, começou a colaborar com veículos de imprensa, numa relação que duraria décadas, o que não evitaria que, na fase final da vida, atacasse de forma dura e frequente a mídia. Trabalhou como redator, repórter, copy desk (função hoje extinta) e colaborador na **Folha**, Jornal da Tarde, O Globo, Zero Hora e publicações menores.

A partir da década de 1970, ampliou sua área de interesse, antes restrita à filosofia e ao jornalismo, para outros campos, como lógica, retórica, gramática e, para deleite de seus detratores, astrologia.

Aos que o ridicularizavam por guiar-se pelos corpos celestes, Olavo respondia que o estudo da astrologia existe há milênios e que é parte indissociável da formação cultural da humanidade.

Na juventude, flertou com o Partido Comunista Brasileiro e teve breve militância contra a ditadura, logo abandonada.

Depois do momento em que se desiludiu com a esquerda, passou a dedicar-se à desconstrução do mais importante formulador do socialismo científico, Karl Marx. Graças em grande medida a Olavo, popularizou no debate público brasileiro o conceito do "marxismo cultural", criado pela direita americana com contornos de teoria conspiratória.

Segundo esta linha de raciocínio, a esquerda, derrotada na Guerra Fria, manteve-se ativa mudando o campo de batalha da política para as ideias. Assim, controlaria desde escolas primárias a universidades, além de veículos de comunicação, laboratórios, editoras e estúdios de cinema, entre outros centros formadores de opinião.

A partir da segunda metade da década de 1990, os escritos de Olavo se tornam mais políticos, e seus livros ganham popularidade na medida em que a maré ideológica começa a virar para a direita.

Em 2005, Olavo decidiu se mudar para os EUA, segundo ele em protesto contra a chegada ao poder do PT.

De lá, criou um curso online de filosofia que, segundo estimativas de amigos, formou mais de 20 mil pessoas, tornando-se uma de suas principais fontes de renda. Entre seus alunos estiveram autoridades que depois comporiam o governo de Jair Bolsonaro.

A onda conservadora que levou ao impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, e à eleição de Bolsonaro definiu Olavo como seu farol ideológico.

Seus alunos e discípulos formaram a chamada "ala ideológica" do governo, que incluía ministros como Ernesto Araújo (Relações Exteriores), Ricardo Vélez e Abraham Weintraub (ambos da Educação), assessores como Filipe Martins, parlamentares como Bia Kicis e os filhos do presidente.

Ciosa de seu espaço no Executivo, essa ala destacava-se pela combatividade, e não apenas direcionada a opositores internos do governo. Um alvo corriqueiro do filósofo e de seu séquito eram os militares, acusados de "positivismo", ou sejam de serem pragmáticos e não ideológicos.

Ao longo da primeira metade do governo, os olavistas acumularam sucessos ao provocar a saída de figuras indesejadas, como os ministros Gustavo Bebianno e Carlos Alberto dos Santos Cruz.

Mas, num sinal de desgaste e dos acenos que Bolsonaro passou a fazer a lideranças da política tradicional, também acumularam derrotas, como as demissões de Weintraub e Araújo.

A vida pessoal era igualmente agitada. Teve oito filhos, de diversos relacionamentos.

A falta de freios e a liberalidade com a verdade também lhe renderam dores de cabeça. Após acusar Caetano Veloso de pedofilia, foi processado e condenado a pagar uma indenização de R$ 2,9 milhões. Sem dinheiro, deixou a dívida pendente e foi socorrido por amigos e alunos.

As posições questionando o aquecimento global e a gravidade da pandemia lhe renderam punições das grandes plataformas de tecnologia, que suspenderam rotineiramente suas contas.

Também chegou a flertar com o terraplanismo, embora tenha dito que estava apenas mencionando enigmas sobre a trajetória retilínea de feixes de laser que a ciência não conseguia explicar.

Minimizou durante anos os perigos do tabagismo, e estava sempre com um cigarro entre os dedos em vídeos e lives. Decidiu parar de fumar quando suas crises respiratórias se agravaram, no final de 2020.

O escritor deixa a mulher, Roxane, oito filhos e 18 netos.

Escritor mostrou à nova direita um caminho ruinoso e sem futuro

OPINIÃO

João Pereira Coutinho
Escritor, doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

A morte de Olavo de Carvalho permite duas análises políticas. A primeira é medir a influência do autor no bolsonarismo e seus seguidores. Haverá especialistas mais habilitados do que eu para essa tarefa.

A segunda, mais interessante, é afirmar que Olavo não passa de um detalhe. Ele interessa como sintoma, e não como causa, da divisão que hoje existe dentro da direita.

Essa divisão não é nova. Ela faz parte da própria história do pensamento conservador desde a Revolução Francesa. Será que o liberalismo político, com sua ênfase na autonomia dos indivíduos e na limitação do poder, pode ser acomodado pelas sociedades tradicionais do Ocidente? Conservadores liberais responderam de uma forma; conservadores reacionários responderam de outra.

Os primeiros, depois de uma crítica vigorosa aos excessos "racionalistas" da revolução, pretenderam conservar uma tradição que já era liberal. Isso é visível em autores de língua inglesa, como Edmund Burke, para quem a Revolução Francesa era uma ameaça às conquistas de uma outra revolução — a Revolução Inglesa de 1688, tida por "Gloriosa" precisamente porque depôs um rei tirânico (James 2º) e estabeleceu a supremacia do Parlamento.

Os segundos marcharam igualmente contra os princípios da Revolução Francesa. Mas não o fizeram em nome de um patrimônio liberal, que aliás não existia. Quando Joseph de Maistre, um contemporâneo de Burke, exortava os franceses à contrarrevolução, o objetivo era claro: restaurar absolutismo régio.

Essa divisão genética nunca abandonou as diferentes direitas, que ora acomodavam a modernidade política, ora a recusavam como uma ameaça existencial aos valores tradicionalistas.

Como lembra Edmund Fawcett na sua recente história do conservadorismo ("Conservatism: The Fight for a Tradition"), essas oscilações dependeram sempre de contextos históricos particulares: em épocas de estabilidade, como antes de 1914 ou depois de 1945, a direita liberal teve a sua ascendência e foi instrumental na construção da democracia.

Em épocas de instabilidade, como sucedeu entre as duas guerras mundiais, a "direita recalcitrante", expressão de Fawcett, procurou reverter os ganhos do liberalismo pela defesa de posições reacionárias e autoritárias que, em vários países da Europa, terminaram no desastre conhecido.

Vivemos novamente em crise. Porque vivemos na sombra de várias crises — políticas, econômicas, financeiras — desde a virada do milênio.

Sem surpresa, a "nova direita", que é mais velha do que se imagina, volta a questionar o "consenso liberal" e as suas supostas perversões — individualismo, materialismo, globalismo, livre circulação etc.

São incontáveis os livros da "nova direita" que decretam a morte do liberalismo — ou, mais simpaticamente, a necessidade de vivermos numa era pós-liberal.

O raciocínio, tal como apresentado numa importantíssima carta aberta publicada pela revista First Things, é acabar com o "consenso morto" que prevaleceu na segunda metade do século 20 entre o conservadorismo e o liberalismo.

Quando o inimigo era comum — a União Soviética —, esse consenso fazia sentido. Hoje? Não faz. É preciso regressar às "verdades permanentes" — família, religião, comunidade, nação etc — que o liberalismo ameaça e destrói.

Os temas da "nova direita" tornaram-se bastante audíveis nos Estados Unidos. E também no Brasil, onde Olavo de Carvalho foi um dos seus principais divulgadores. Essas mensagens só tiveram sucesso porque havia uma crise política, econômica e social.

É um caminho ruinoso e sem futuro. Porque a "nova direita" comete um erro de base: a modernidade política não é uma opção; é um fato histórico. Ela é o resultado de um fenômeno irreversível — a experiência da individualidade — que emergiu no mundo pós-medieval com as suas demandas próprias.

Entre elas, está a vontade de vivermos as nossas vidas e de deixarmos os outros viverem as vidas deles, sem que exista um poder central que determine uma única moralidade pública. Em política, a nação não está acima de tudo nem Deus está acima de todos.

Isso não significa que as tradições sejam descartáveis. Pelo contrário: elas existem no contexto do pluralismo intrínseco das sociedades, para que possamos livremente escolhê-las. Como lembrava Michael Oakeshott, a relação que temos com as tradições não é a mesma atitude reverencial que os povos primitivos têm com os seus totens sagrados.

Uma tradição é como uma língua: ela pode ser aprendida e usada. Mas em nenhum momento o conhecimento de uma língua determina o que devemos dizer ou pensar.

O jogo mudou. Razão pela qual, ainda segundo Oakeshott, a discussão central da história moderna não é entre esquerda e direita ou conservadores e progressistas.

É entre indivíduos e anti-indivíduos; é entre aqueles que aceitam o desafio da individualidade e aqueles que o recusam, procurando abrigo nas "tribos" da nação, da raça, do gênero ou de qualquer outra identidade coletiva.

Olavo de Carvalho foi esse abrigo. Mas, na hora da morte, é importante lembrar que há mais vida para lá da caverna.

Repercussão

Jair Bolsonaro presidente da República
"Nos deixa hoje um dos maiores pensadores da história do nosso país, o filósofo e professor Olavo Luiz Pimentel de Carvalho. Olavo foi um gigante na luta pela liberdade e um farol para milhões de brasileiros."

Carlos Bolsonaro filho de Bolsonaro e vereador
"Grande foi a sua influência em nossas vidas, não apenas em política, mas também através de ensinamentos valorosos e inúmeras amizades geradas por convergência de valores. Muitas lições e até mesmo críticas (sempre com a melhor das intenções) nos ajudaram a refletir e crescer."

Bia Kicis Deputada Federal (PSL-DF)
"O Brasil perde o professor Olavo, o homem que despertou e sacudiu milhões de brasileiros."

mundo

O premiê britânico, Boris Johnson, faz discurso no Parlamento Jessica Taylor/Parlamento britânico/AFP

Polícia investigará festas no lockdown do governo Boris

Anúncio vem um dia após celebração de aniversário do premiê durante pandemia vir à tona e agravar crise

GUARULHOS A Polícia Metropolitana de Londres anunciou nesta terça-feira (25) a abertura de uma investigação criminal sobre a série de festas realizadas em Downing Street, sede do governo do Reino Unido, durante os períodos de restrição para conter a pandemia de Covid no país.

A decisão vem após a polícia receber evidências sólidas sobre os episódios por meio da investigação capitaneada pelo gabinete britânico, de acordo com a comissária Dame Cressida Dick.

Jornais locais têm revelado, há semanas, festas envolvendo o premiê Boris Johnson e figuras do seu entorno, informações que desaguaram na maior crise enfrentada pelo político conservador.

O assunto também é investigado pelo próprio governo, numa apuração liderada por Sue Gray, segunda-secretária permanente de gabinete, que assumiu o caso após Simon Case renunciar ao posto —uma celebração realizada em seu escritório veio à tona e tornou insustentável a permanência dele.

De acordo com o comunicado lido por um porta-voz, a investigação paralela continuará mesmo com o anúncio da polícia. O jornal Financial Times noticiou que o relatório produzido por Gray, com revelações capazes de complicar ainda mais o cenário para Boris, deve ser concluído e entregue ao premiê nesta quarta (26) e divulgado na sequência, no mais tardar na quinta.

Ainda existe a possibilidade, porém, de a revelação das conclusões ser atrasada até que a investigação seja concluída. "Não vamos especular a data ou o resultado", disse o vice-premiê Dominic Raab. "Cabe a ela [Gray] decidir, e nós aguardaremos o relatório."

Os agentes pediram que o gabinete compartilhe todas as informações disponíveis para apoiar as investigações policiais, segundo comunicado lido após o anúncio da investigação criminal. Não foram esclarecidos quais eventos estão sendo apurados.

Um porta-voz disse que Boris não acredita ter descumprido a lei ou violado regras. "A decisão da Met [polícia metropolitana] de conduzir essa investigação é bem-vinda, eu acredito que isso vai ajudar a dar ao público a clareza necessária e traçar uma linha sobre esse assunto", disse o premiê ao Parlamento.

Investigações policiais sobre a violação de regras durante os períodos de lockdown no Reino Unido não foram frequentes ao longo da crise sanitária, o que provocou críticas. Questionada sobre o assunto, a comissária Dick disse que os recursos da corporação são finitos e que a situação se agravou porque muitos agentes tiveram que ser afastados depois de se infectar com Covid. "Acho que, em geral, a população entenderia que precisamos nos concentrar em crimes violentos, terrorismo e outras prioridades."

A abertura da investigação criminal vem um dia após a emissora ITV News revelar que Boris realizou uma festa para comemorar seu aniversário durante o primeiro lockdown no Reino Unido, em junho de 2020, quando reuniões sociais em ambientes internos estavam proibidas. Até 30 pessoas teriam participado do evento na residência oficial do premiê.

Ainda que a apuração policial seja mais um fardo para o político, que enfrenta críticas da oposição trabalhista e até de correligionários —além, claro, de descrédito público—, a punição prevista para aqueles que desrespeitam as restrições sanitárias consiste na aplicação de multas prefixadas com valores relativamente baixos.

A penalidade para reuniões com mais de 15 pessoas, por exemplo, é de 800 libras (R$ 5.900), valor que pode ser reduzido para 400 libras (caso seja pago no prazo de duas semanas) ou aumentado a 6.400 libras caso a infração seja repetida cinco vezes.

Não são raros, porém, os casos em que autoridades policiais limitam-se a dar advertência moral, em vez de aplicar a multa preestabelecida. O parlamentar Neil Coyle lembrou nas redes sociais que, há sete semanas, instou a polícia a investigar o caso. Ao jornal The Guardian a comissária Dick disse ter "sérias questões para responder sobre os motivos para que a investigação só pudesse ser iniciada agora".

Diversas festas foram realizadas em Downing Street durante o período de isolamento. Uma delas ocorreu na véspera do funeral de Philip, marido da rainha Elizabeth 2ª. Funcionários do gabinete de Boris beberam álcool, e alguns dançaram, em dois eventos separados, segundo o jornal The Telegraph.

Boris foi ao Parlamento em 12 de janeiro para pedir "desculpas sinceras" pela participação num evento de sua equipe que furou as regras de confinamento no país. Depois, dirigiu as mesmas palavras à rainha devido às festas antes do funeral do príncipe, quando o Reino Unido estava em luto.

Outro evento, em maio de 2020, trazia um convite pedindo que os convidados levassem sua própria bebida para "aproveitar ao máximo o clima agradável e tomar, com distanciamento social, algumas bebidas, nos jardins de Downing Street". Boris e sua esposa, Carrie Johnson, teriam participado do evento.

O líder luta para ficar no cargo, mas correligionários já estudam quem pode ocupar o posto de primeiro-ministro.

Para que seja aberto um processo que tire o premiê do cargo, é necessário que ao menos 54 dos 360 parlamentares da legenda escrevam uma moção de desconfiança ao partido. Até a última quarta, ao menos 11 conservadores já haviam enviado mensagens, segundo The Telegraph.

O ministro das Finanças, Rishi Sunak, cotado como possível sucessor, disse na última semana que acreditava na versão do premiê de não saber que se tratava de uma festa o evento de maio de 2020. Além de Sunak, Liz Truss, secretária das Relações Exteriores do país, está entre os principais nomes para substituir Boris.

Média de mortes por Covid no mundo é a maior em 4 meses

Com os casos de coronavírus em alta em diferentes países, entre os quais o Brasil, o mundo registrou nesta segunda (24) a maior média móvel de mortes por Covid dos últimos quatro meses. Foram 8.209 óbitos, com base na média dos sete dias anteriores. A cifra é a maior desde 24 de setembro, quando a cifra foi de 8.358, de acordo com dados da plataforma Our World in Data, ligada à Universidade de Oxford.

Não perca a conta

Festa no jardim (15.mai.20)
Cerca de 20 funcionários do governo realizaram uma festa no jardim da residência oficial. Uma foto do evento, regado a queijo e vinho, mostrava o premiê no local —sua versão inicial foi de que não havia ocorrido celebração.

'Traga sua bebida' (20.mai.20)
Em email, o secretário do premiê convidou ao menos cem funcionários para o evento. "Por favor, junte-se a nós a partir das 18h e traga sua bebida!", dizia a mensagem de Martin Reynolds.

Aniversário do premiê (19.jun.20)
A mulher de Boris, Carrie Johnson, teria ajudado a organizar uma celebração com até 30 pessoas na sala do gabinete.

Celebrações de Natal (15.dez.20)
Segundo a imprensa britânica, Boris organizou um "quiz natalino" na residência oficial.

Véspera do funeral (16.abr.21)
Funcionários teriam participado de dois eventos na véspera do funeral do príncipe Philip. O premiê não teria comparecido a nenhum deles.

Outros eventos
Além das festas em Downing Street, funcionários teriam realizado ao menos outros cinco eventos.

TODA MÍDIA | Nelson de Sá

nelson.sa@grupofolha.com.br

Emmanuel Macron é recebido por Olaf Scholz ao chegar à sede do governo alemão, em Berlim, na terça (25) Reuters

Macron se junta a Scholz contra a 'guerra de nervos'

No francês Le Monde, "a guerra de nervos continua" em torno da Ucrânia, com "demonstração de força russa envolvendo 6.000 soldados um dia após o anúncio americano de que estava colocando 8.500 soldados em alerta".

Sublinha que "colocar as tropas americanas em alerta pareceu pegar alguns líderes europeus de surpresa", em aparente referência ao próprio presidente francês, Emmanuel Macron, e ao chanceler alemão, Olaf Scholz.

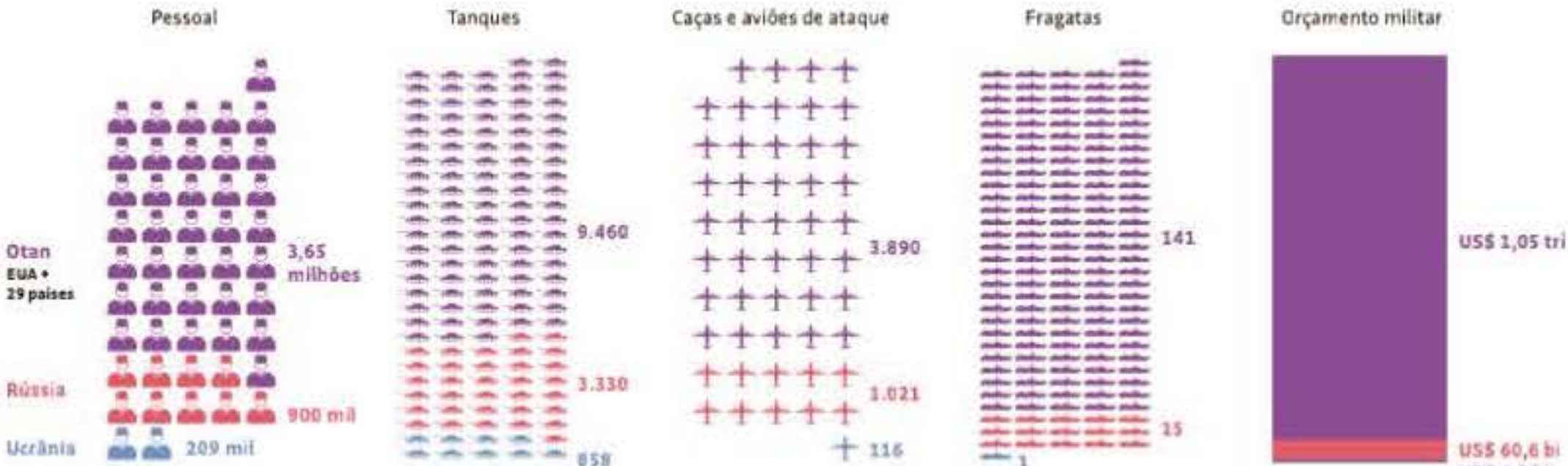
Noutro texto, que chegou a ser sua manchete, o Le Monde afirmou que a decisão dos Estados Unidos de mobilizar soldados pode ter "efeito perverso: a profecia auto-realizável" de uma guerra —e criticou Washington por "favorecer a dramatização".

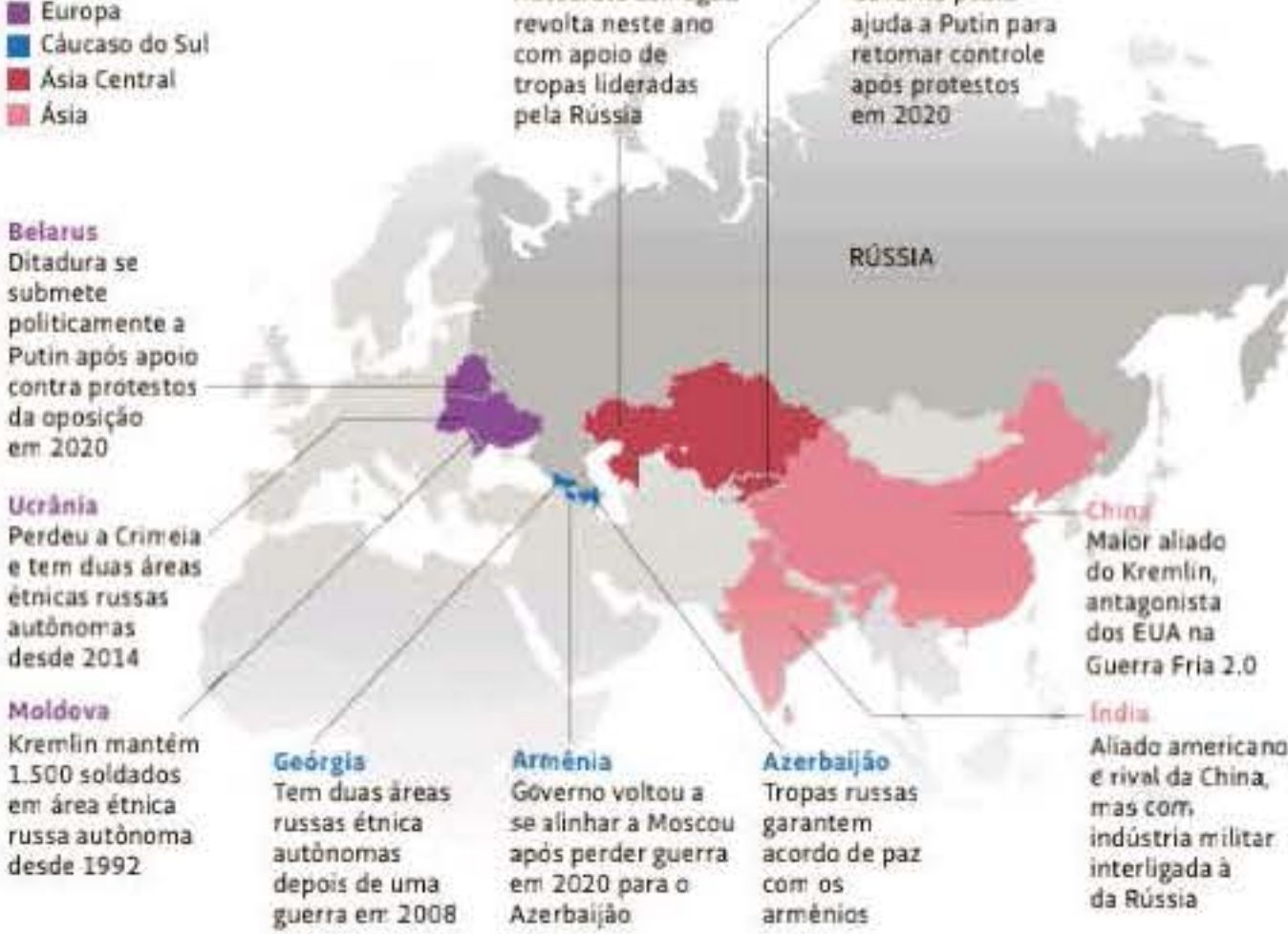
O jornal destaca que Macron, a exemplo de Scholz, se movimenta para evitar um novo conflito na Europa. "Ele está fazendo uma tentativa de negociação direta" com o colega russo, Vladimir Putin, marcada para sexta.

Antes, quarta, representantes de França, Alemanha, Rússia e Ucrânia se reúnem em Paris para retomar negociações. "Nunca desistiremos do diálogo exigente com a Rússia", falou Macron ao lado de Scholz, em Berlim, no destaque do jornal alemão Süddeutsche Zeitung.

Noutro texto, "A frente unida do Ocidente está rachando", o Süddeutsche também sublinhou que "a decisão solitária dos EUA foi uma surpresa" para os europeus. E não foi a primeira.

GUERRA REAL Também na manchete do russo Komsomolskaya Pravda, "Guerra de nervos!", sobre a retirada das embaixadas na Ucrânia por EUA e Reino Unido e os soldados colocados em alerta. Em suma, acusa, "Como políticos ocidentais estão empurrando Kiev para uma guerra real com a Rússia".

GUERRA DE INFORMAÇÃO O jornalismo americano se recriminа por ter comprado "o extremamente inusual press release" britânico, no fim de semana, sobre um "plano do Kremlin" de golpe na Ucrânia."Ninguém enfatizou que o governo britânico está no meio de um escândalo", precisando da "distração em forma de Putin", ressaltou a Columbia Journalism Review numa análise em que procurou alertar para "A guerra de informação".

Fontes: Folha, Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, Otan

Fontes: Folha, Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, Otan

Veja as opções militares na mesa de Putin para uma ação contra a Ucrânia

Tempo para líder russo tomar uma decisão está acabando, e ela varia de blefar à invasão total

ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO Quase três meses depois de iniciar a movimentação de tropas em torno da Ucrânia que colocou o Ocidente em estado de alerta, Vladimir Putin terá de olhar o relógio: o tempo para decidir se tomará alguma ação militar está próximo de acabar.

Por próximo e pela completa opacidade do que se passa na cabeça do presidente russo, entenda-se talvez algumas semanas, principalmente se a opção que parece mais lógica aos olhos de observadores for a escolhida: não invadir.

Vários fatores podem, contudo, catalisar o movimento militar. Como a historiadora americana Barbara Tuchman famosamente demonstrou em seu "Os Canhões de Agosto" (1962), no qual desenhou a trama de alianças que levou à Primeira Guerra Mundial (1914-18), às vezes é impossível parar o trem após ele deixar a estação.

Além disso, há o risco de erros cometidos por líderes sob pressão, seja Putin com sua jogada de alto risco, seja o americano Joe Biden e o britânico Boris Johnson em crise doméstica, para não falar nas vacilações usuais da Europa.

Por fim, acidentes. Um avião derrubado, um tiro disparado ou um entrechoque no mar Negro nesta semana.

De toda forma, não há na mesa a ideia de que o Ocidente possa intervir militarmente em favor da Ucrânia além do envio de dinheiro e armas.

A ideia de uma escalada envolve proporções de Terceira Guerra Mundial entre potências nucleares, num momento em que a China exorta a aliada Rússia a se unir contra o Ocidente. Há etapas anteriores a isso, mas o tema assusta.

Isso dito, seguem alguns cenários para a crise do ponto de vista militar para Putin.

*

1. Invasão total
Na teoria, é o mais improvável dos cenários, mas nem por isso impossível. Para tanto, Putin teria de contar com o que Boris chamou de "guerra-relâmpago" para tomar Kiev, e nesse panorama será preciso usar forças também da Belarus.

Tais tropas, já presentes, e unidades blindadas deveriam descer os congelados pântanos de Pripriat, passando pela área contaminada no acidente nuclear de Tchernóbil (1986), o que não é maior problema.

O movimento deveria ser acompanhado por um assalto a outras cidades. Na imprensa russa, especula-se que seria possível cercar as cidades e forçá-las à submissão, mas isso parece muito Idade Média. Barragens de mísseis e avanço de blindados também pelo leste seriam mais prováveis.

[...]

A política externa de Putin, a despeito de o seu Ministério das Relações Exteriores ser visto como dos mais capazes do mundo, obedece ao dito de Winston Churchill: é uma charada, envolta em mistério, dentro de um enigma. A resposta, contudo, pode estar próxima

Como lembra o americano George Friedman, da consultoria Geopolitical Futures, a Rússia não movimenta forças blindadas desde a Segunda Guerra Mundial. Tanques e afins são de difícil manejo, lentos e suscetíveis a ataques.

Para invadir o Iraque em 2003, os americanos contaram com cerca de 175 mil militares, incluindo britânicos. Esta é a estimativa mais inflada para as forças russas em torno da Ucrânia hoje, embora haja especulações na casa dos 100 mil. Talvez seja necessário mais tempo para Putin reforçar seu flanco, e mesmo na casa dos 200 mil soldados estamos falando de quase um terço de todas as suas tropas.

Com 209 mil homens e um contingente grande de voluntários, as Forças Armadas da Ucrânia estão mais bem equipadas do que em 2014, quando Putin tomou a Crimeia e apoiou separatistas pró-Rússia no leste do país.

Eles hoje somam talvez 35 mil combatentes para ajudar os russos, e o status definitivo das duas "repúblicas populares" que comandam está no centro da disputa .

Contra a invasão total, há o fantasma afegão, que nasceu britânico, viveu soviético e morreu americano. Morte, resistência e um dreno financeiro sem fim.

2. Invasão parcial
Proposta militar mais factível, uma ação limitada poderia ver dois cenários que forçassem a Ucrânia a capitular e se tornar um Estado incapaz de ser absorvido pela Otan, prioridade de Putin. Num deles, as forças russas na Crimeia, no oeste russo e na Belarus tomariam o Donbass, o leste pró-russo ucraniano.

Essa medida poderia não ser combinada com ataques a outras forças da Ucrânia.

Assim, ela tenderia a ser mais bem absorvida no Ocidente, embora embuta custos enormes para Moscou. Ao mesmo tempo, obrigaria o vizinho a aceitar os termos de uma "pax putinista". Haveria sanções pesadas, já precificadas se um tiro for dado.

Em complemento à anexação, há a possibilidade da retomada do projeto da Nova Rússia, termo que nacionalistas dos dois lados da fronteira dão para um proposto território ligando o Donbass à Crimeia pela costa do mar Negro.

Isso obrigaria uma guerra mais sofisticada, com desembarques anfíbios em Odessa, e levaria o combate para um mar no qual há forças da Otan.

Novamente, tal arranjo desfiguraria a Ucrânia. Analistas como Ivan Barabanov, de Moscou, dizem que isso emularia a emancipação à força feita pela Rússia em 2008 na Geórgia de duas áreas autônomas. Na prática, o país segue só querendo ser ocidental.

3. Putin blefa
Friedman aposta, mas só aposta, que o russo diz a verdade quando nega a invasão.

Que toda a sua movimentação é apenas uma forma de coerção diplomática, partindo das demandas inaceitáveis de extirpar a Otan das fronteiras que conquistou a partir de sua expansão ao leste em 1999. Todo o barulho serviria para pressionar o Ocidente e extrair, ao fim, concessões de Kiev, a parte mais fraca do acerto.

O problema desta visão é que Putin não pode recuar suas forças, como fez no ano passado. Esse tempo já passou, apesar de o objetivo de explicitar as divisões da Otan já ter sido alcançado. Outro problema é que a ação do Kremlin convidou a uma reação.

Assim, voltamos à questão do relógio avançando.

E à hipótese de algum tipo de espetáculo de força, limitado ou não, para evitar uma deterioração doméstica para o russo. O rublo já sofre com desvalorização, e os mercados reagem mal aos tambores de guerra ouvidos.

A dúvida, contudo, é o eco que isso encontraria hoje na sociedade russa, que viu Putin exercer uma repressão férrea nos dois últimos anos.

Putin costuma ser visto como tático brilhante e estrategista não muito bom, pulando de crise em crise para manter duas décadas de poder quase imperial na Rússia.

Sua política externa, a despeito de o Ministério das Relações Exteriores ser reconhecido como um dos mais capazes do mundo, obedece ao dito de 1939 do depois primeiro-ministro britânico Winston Churchill, que virou chavão: é uma charada, envolta em mistério, dentro de um enigma.

A resposta, contudo, pode estar próxima de ser obtida.

+ Rússia cerca vizinho com ação de tropas na véspera de cúpula

Na véspera de uma reunião com Ucrânia, Alemanha e França para buscar uma saída para o conflito com Kiev, a Rússia anunciou uma nova rodada de manobras militares que ameaçam fronteiras de seu vizinho. Assim, haverá três exercícios com tropas e aviões ocorrendo em flancos distintos da Ucrânia, reforçando o lembrete do presidente russo, Vladimir Putin, acerca do que ele poderia fazer para impor sua vontade de deixar Kiev fora das estruturas militares do Ocidente.

O chanceler Carlos França e os ministros Ciro Nogueira e Paulo Guedes durante entrevista sobre a OCDE Pedro Ladeira/Folhapress

OCDE exige redução no desmate para aceitar Brasil

Clube dos ricos aprova início formal de negociações para ingresso do país

Patrícia Campos Mello e Ricardo Della Coletta

NOVA YORK E BRASÍLIA A OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) incluiu nos documentos que formalizam o início das negociações para o ingresso do Brasil na entidade obrigações de redução de desmatamento e medidas de mitigação de mudanças climáticas previstas no acordo de Paris.

Nesta terça (25), os membros do conselho da entidade aprovaram que o Brasil inicie formalmente as negociações para ingresso, solicitado formalmente pelo país em 2017.

Na carta-convite aos países e no comunicado, obtidos pela **Folha**, os membros do conselho da OCDE enfatizam que deve ser considerado o comprometimento dos países com metas de redução de desmatamento e perda de biodiversidade na avaliação para autorizar a entrada na entidade.

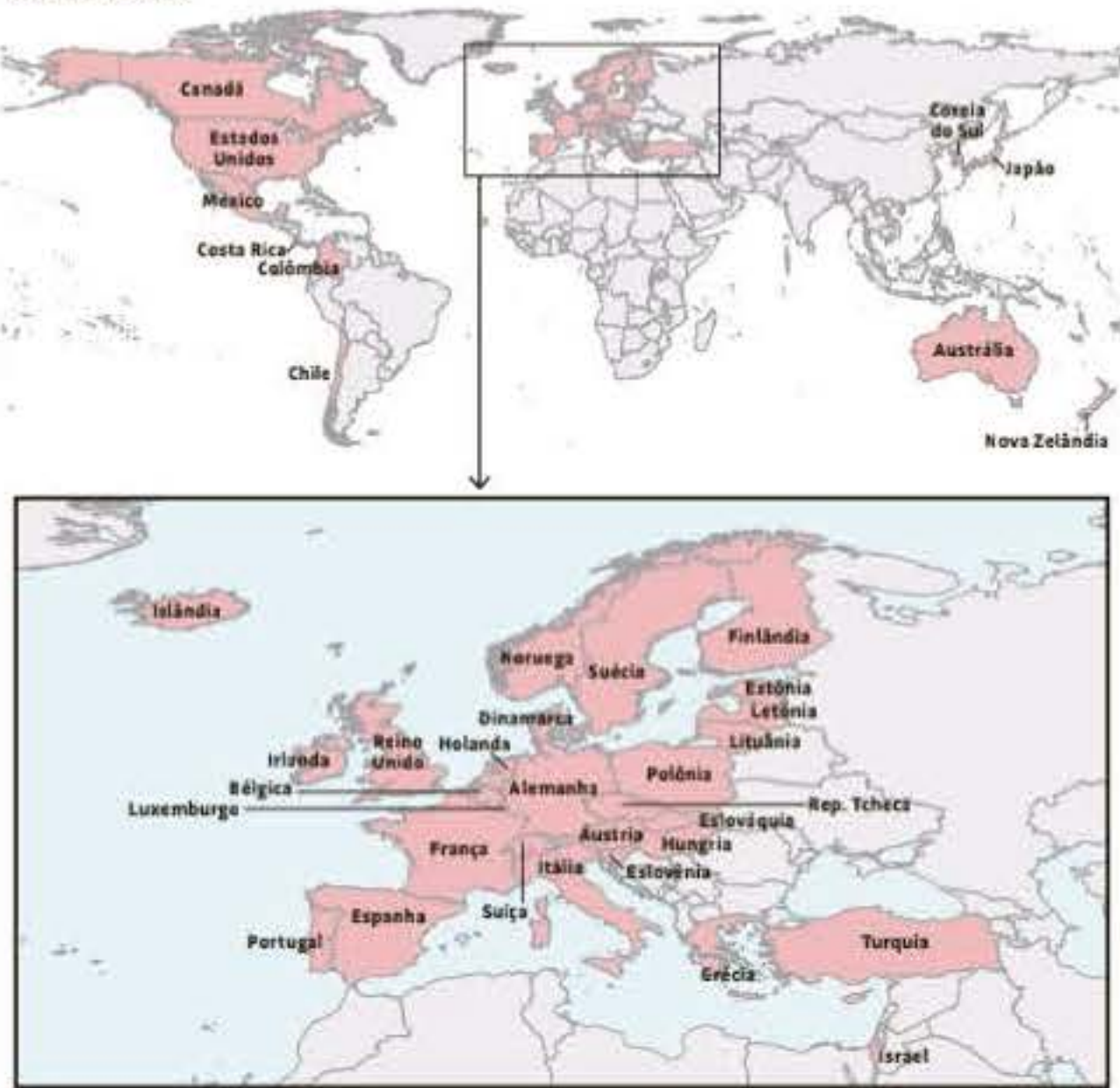
A aprovação do convite ao Brasil foi revelada pelo jornal Valor Econômico e confirmada pela **Folha**.

Além do Brasil, foram convidados para iniciar o processo de acessão Argentina, Peru, Romênia, Bulgária e Croácia, que também são destinatários dos documentos.

Segundo Daniel Wilkinson, diretor da área de Meio Ambiente e Direitos Humanos da Human Rights Watch, trata-se de uma mensagem clara ao Brasil.

"Eles passam um recado ao Brasil: estamos prontos para iniciar o processo, mas desde que vocês se comprometam com ações concretas", diz Wilkinson. "É fato conhecido que o desmatamento no Brasil está no maior nível, e os conselheiros deixam claro que o meio ambiente será fator determinante para autorizar a entrada do Brasil na OCDE."

A Human Rights Watch tem enviado cartas aos conselheiros da OCDE com questionamentos sobre a política ambiental de Jair Bolsonaro (PL).

Na resolução, os membros do conselho pedem que, na avaliação de cada candidato, sejam observados, em particular, fatores como o comprometimento de organizar uma "agenda de reformas estruturais" como base para "crescimento forte, sustentável, verde e inclusivo" e de "assegurar uma efetiva proteção do meio ambiente e da biodiversidade, e ações ligadas a mudanças climáticas para atingir os objetivos do acordo do clima de Paris".

Também enfatizam a necessidade de comércio e investimento livres, medidas para reduzir desigualdade e fortalecimento de governança e ações anticorrupção.

Em comunicado, a OCDE informou que detalhes sobre o processo de adesão de cada um dos países serão preparados assim que os candidatos confirmem seu endosso a alguns valores da organização.

Entre eles, estão "preservação da liberdade individual; valores da democracia; proteção de direitos humanos, além de economias de mercado abertas, competitivas, sustentáveis e transparentes".

"[Esses valores] também se referem a compromissos dos membros da OCDE na promoção de um crescimento econômico sustentável e inclusivo, além do objetivo de combater as mudanças climáticas, inclusive impedindo e revertendo a perda de biodiversidade e o desmatamento."

Na carta-convite, os membros do conselho da entidade ressaltam a necessidade de políticas alinhadas com os objetivos do Acordo de Paris e de atingir emissão líquida zero de gases do efeito estufa até 2050, por meio de profundas reduções nas emissões viabilizadas por investimentos públicos e privados.

O documento também fala sobre a "importância de cada país adotar e implementar integralmente políticas alinhadas a seus objetivos climáticos, incluindo as metas de redução de desmatamento e perda de biodiversidade acordadas durante a COP 26, em Glasgow".

O ingresso no "clube dos países ricos" é uma das prioridades da política externa do governo Bolsonaro. Entrar na OCDE funciona como um selo de qualidade para investidores, pois os países-membros se comprometem com o cumprimento de boas práticas para o funcionamento de seus governos e economias.

Uma das sinalizações já dadas pelo país é a promessa de zerar o IOF até 2029 em operações envolvendo compra e venda de moeda estrangeira (leia texto nesta página).

O compromisso foi firmado pelo ministro Paulo Guedes (Economia), em carta enviada na semana passada aos membros do conselho da entidade.

Após o convite formal, inicia-se um processo negociador que deve durar ao menos dois anos. A média para a conclusão do processo dos últimos membros foi de quatro anos.

Para ter sucesso, o Brasil vai precisar aderir a uma série de instrumentos normativos da entidade, além de ter a sua candidatura analisada em diversos comitês.

Mesmo antes da formalização do processo negociador, o Brasil já vinha adotando essas normas, justamente para sinalizar seu interesse em fazer parte do grupo.

Até o momento, o Brasil aderiu a 103 dos 251 instrumentos.

Havia resistência de membros da OCDE em relação à entrada do Brasil, principalmente por causa da política ambiental de Bolsonaro. As maiores objeções eram colocadas pela França.

Mas, segundo interlocutores, muitos dos receios levantados pelos franceses e por outros membros serão discutidos durante o processo negociador.

Ainda de acordo com interlocutores, o que verdadeiramente destravou o convite foi um entendimento alcançado entre os EUA e sócios europeus da OCDE.

Americanos e europeus discordavam sobre o ritmo de ampliação da organização. Enquanto Washington defendia que houvesse apenas um processo de adesão por vez, os países da Europa queriam que o ingresso de um país latino-americano fosse acompanhado da análise de uma candidatura europeia.

Agora, todos os seis candidatos receberam cartas-convites para iniciar seu processo de adesão. A confirmação da entrada depende de um consenso dos 38 países que integram o grupo.

Por dentro da OCDE

O que é

Fundada em 1961 e apelidada de clube dos países ricos, a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) é uma organização internacional que visa coordenar políticas econômicas entre seus membros

Países-membros

Secretário de Guedes reconhece desafios para entrar no órgão

BRASÍLIA Os desafios ambientais e tributários serão os temas mais complexos a serem encaminhados pelo Brasil em seu processo de adesão à OCDE, afirma o secretário-executivo do Ministério da Economia, Marcelo Guaranys, em entrevista à **Folha**.

Para ele, a decisão da entidade de iniciar formalmente as negociações com o Brasil é um momento histórico, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido.

O governo brasileiro entra agora na fase de mapear o que falta ser feito para atender aos 148 dos 251 instrumentos de boas práticas da OCDE que ainda não foram completamente atingidos. A partir desse levantamento, o país traça uma estratégia de ação.

"Sempre a parte tributária e financeira é mais complexa. Nosso sistema tributário é complexo, por isso a gente precisa fazer uma reforma tributária. Esse é o mais complexo do ponto de vista de trabalho."

A reforma tributária é tratada como pauta prioritária pela equipe econômica, que já encaminhou ao Congresso propostas para simplificar dois dos principais tributos sobre consumo (PIS/Cofins) e para rever o Imposto de Renda.

A reforma do IR, que previa a retomada da taxação de dividendos (prática adotada em praticamente todos os países membros da OCDE), chegou a ser aprovada na Câmara, mas travou no Senado.

Já o projeto sobre PIS/Cofins esbarrou na falta de consenso em torno do texto. O Senado ainda mantém discussões em torno de uma PEC (proposta de emenda à Constituição) que unifica os tributos sobre consumo, inclusive estaduais e municipais.

O secretário admite que o ano eleitoral é um obstáculo à discussão dessa agenda. Por outro lado, ele espera que a sinalização da entidade sirva de incentivo ao Legislativo para retomar a pauta.

Outro tema complexo, segundo o secretário, é o ambiental. O Brasil tem sido criticado pela comunidade internacional pelo aumento no desmatamento e nas queimadas em biomas como a Amazônia.

"O que a gente tem sofrido mais críticas são questões de desmatamento. Temos muitas florestas, e esses indicadores de desmatamento ilegal precisam ser reduzidos. E é nisso que a gente tem trabalhado dentro de cada área", afirma Guaranys, acrescentando que o órgão mais indicado para tratar de políticas sobre o tema é o Ministério do Meio Ambiente. **Idiana Tomazelli**

Governo promete à entidade zerar IOF sobre dólar até 2029

BRASÍLIA O governo brasileiro prometeu zerar até 2029 o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) em operações envolvendo compra e venda de moeda estrangeira para destravar seu ingresso na OCDE.

A medida vai na direção de uma maior liberalização do fluxo de capitais estrangeiros e de transações invisíveis, instrumentos que integram as práticas da OCDE na área econômica.

O compromisso foi firmado pelo ministro Paulo Guedes (Economia), em carta enviada na semana passada aos membros do conselho da entidade.

Guedes participou na tarde desta terça (25) de declaração à imprensa sobre a decisão da OCDE de iniciar as negociações para o ingresso do Brasil na entidade.

Segundo ele, a promessa de corte no IOF sobre compra e venda de moeda estrangeira foi possível graças à aprovação, pelo Congresso, de uma lei que promoveu uma série de modificações no mercado cambial.

"Aprovada a lei cambial eu posso me comprometer com a redução da tributação do IOF e assim fizemos. Mandei uma carta à OCDE na semana passada, que eram os dois últimos requisitos que faltavam", disse Guedes.

"[A nova lei] nos permitiu então assinar o compromisso; mandamos o nosso compromisso de assinar essa remoção gradual e desenhada dos IOFs sobre fluxos internacionais, que era o último requisito econômico que faltava."

De acordo com Erivaldo Gomes, secretário de Assuntos Econômicos Internacionais do Ministério da Economia, a renúncia calculada com a medida é de R$ 7 bilhões até 2029. Ele disse, no entanto, que a expectativa do governo é que as perdas sejam compensadas com o aumento de transações que a redução tributária deve promover.

O convite para que o Brasil inicie formalmente as negociações para ingresso na OCDE foi aprovado nesta terça pelo conselho da entidade, que reúne 38 países.

O pedido formal de adesão à OCDE ocorreu em 2017. O ingresso no "clube dos países ricos" é uma das prioridades da política externa de Jair Bolsonaro (PL).

Dada a largada das negociações, inicia-se um processo negociador que deve durar ao menos dois anos. A média para a conclusão do processo dos últimos membros foi de quatro anos.

A previsão da equipe econômica é cortar alíquotas do IOF sobre quatro tipo de operações: ingresso e saída de recursos estrangeiros com permanência de até 180 dias (taxada hoje em 6%), operações cambiais em cartões de crédito, débito e cartões pré-pago para viagens ao exterior (6,38%), aquisição de moeda estrangeira ou transferência de recursos à conta no exterior (1,10%) e outras operações de câmbio (0,38%).

Os atos para implementação dessas medidas ainda estão sendo elaborados pelo Ministério da Economia. A previsão é que a última alíquota seja zerada em 2029, mas algumas podem ser abolidas antes disso. O cronograma detalhado ainda está em discussão dentro do governo e os prazos podem sofrer ajustes.

Ricardo Della Coletta e Idiana Tomazelli

Arrecadação federal sobe 17% e atinge recorde de R$ 1,8 trilhão em 2021

Receita atribui resultado à recuperação da economia; analistas, no entanto, ressaltam efeitos não permanentes, como a inflação

Fábio Pupo

BRASÍLIA A Receita Federal encerrou 2021 com uma arrecadação recorde de R$ 1,8 trilhão, aumento real de 17,3% em relação a 2020 —ano mais afetado pela pandemia.

Segundo o fisco, a melhora em relação ao ano anterior foi observada principalmente devido à recuperação de indicadores macroeconômicos —como a produção industrial e a venda de bens e serviços.

Julio Cesar Vieira Gomes, secretário especial da Receita Federal, afirmou que dados preliminares apontam para uma aceleração da recuperação econômica neste ano —apesar de instituições como o FMI (Fundo Monetário Internacional) projetarem um cenário contrário. "Vemos já uma tendência, pelos dados de janeiro, de que essa retomada do crescimento econômico será crescente durante 2022."

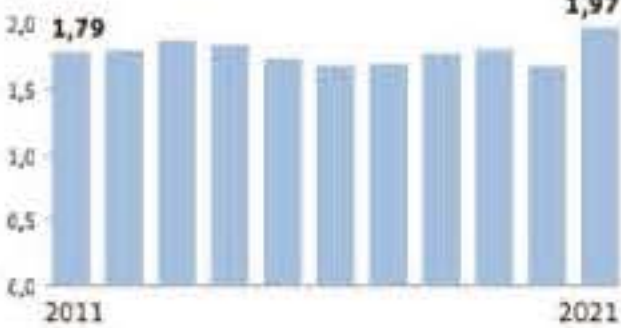
Ele destacou que a evolução dos indicadores em 2021 pode ser comprovada por dados como a maior arrecadação sobre o desempenho de empresas por meio de IRPJ (Imposto de Renda da Pessoa Jurídica) e CSLL (Contribuição Social sobre o Lucro Líquido).

Juntos, eles renderam R$ 393,1 bilhões em 2021 —aumento real de 31,1% em relação ao ano anterior (em números absolutos, uma elevação de R$ 93,2 bilhões). Em relatório, a Receita ressalta que R$ 40 bilhões desse avanço decorreram de efeitos atípicos (em geral, movimentações societárias entre empresas).

Entre os tributos que mais impulsionaram a arrecadação, também estão PIS (Programa de Integração Social), Cofins (Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social) e Receita Previdenciária.

Além disso, afirmou o secretário, há uma indicação de melhora de renda das famílias devido ao aumento da arrecadação com o IRPF (Imposto de Renda da Pessoa Física), com crescimento de 25% em 2021 (para R$ 58,9 bilhões).

Os dados do relatório da Receita, no entanto, apontam que essa arrecadação avançou por outros fatores —como a maior venda de bens pela população.

Gomes diz que programas de conformidade elaborados pela Receita para empresas agirem de acordo com as regras também ajudaram no desempenho do ano. Segundo ele, também houve um efeito de "solidariedade", com contribuintes mais conscientes sobre pagarem seus impostos em dia durante a pandemia.

Claudemir Malaquias, chefe do Centro de Estudos Tributários e Aduaneiros da Receita, ressaltou que os dados preliminares observados em janeiro são referentes principalmente a fatos ocorridos em dezembro e que o desempenho da arrecadação em 2022 deve seguir a economia.

Malaquias reconheceu que os dados apresentados ainda estão sob efeitos da crise da Covid-19 —mas disse que os números estão melhorando. "No ano de 2021, sofremos ainda com a pandemia, mas parte da atividade começa a se recuperar", afirmou.

Parte da melhora observada no ano também foi influenciada por efeitos extraordinários, como a volta da arrecadação com o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) —que deixou de ter alíquota zero no começo de 2021 e ainda foi elevado no fim do ano. A receita com o item praticamente dobrou em relação a 2020, para R$ 50,8 bilhões.

O real desvalorizado ante o dólar também impulsiona o valor das importações (medido na moeda estrangeira), o que turbina as receitas de impostos aplicados a produtos que vêm de fora.

Também colaborou o aumento expressivo nas receitas administradas por outros órgãos, rubrica que engloba os royalties do país com petróleo e é influenciada pelo câmbio, pelo preço do barril e pela produção nacional. A arrecadação com esse item teve crescimento real de 50,9% no ano, para R$ 86,7 bilhões.

Por outro lado, fatores não recorrentes tiraram recursos dos cofres públicos. É o caso das compensações tributárias, quando as empresas abatem dívidas tributárias usando créditos a que têm direito perante o fisco —principalmente devido a decisões judiciais.

O principal exemplo dessas decisões foi a do STF (Supremo Tribunal Federal) de excluir o ICMS da base de cálculo do PIS e da Cofins. Essa e outras decisões renderam R$ 216,3 bilhões em compensações tributárias aos contribuintes em 2021 —crescimento real de 14,4% ante 2020.

Os números da arrecadação de 2021 colaboram para o discurso da equipe econômica de melhora nas contas públicas e estimulam iniciativas do governo que reduzem a arrecadação, como as alterações no Imposto de Renda apresentadas no ano passado. Mas analistas dizem que a melhora observada é influenciada por efeitos não permanentes —como a inflação.

Embora o resultado apresentado pela Receita seja atualizado pelo IPCA, boa parte dos números "escapa" desse ajuste. A inflação de 2021 ficou em 10,06%, mas os preços da gasolina, por exemplo, subiram 47,49%.

Outro ponto levantado por economistas é a mudança de comportamento do consumidor durante a pandemia, mais voltado a produtos (mais tributados) do que serviços, por causa do distanciamento social.

Juliana Damasceno, economista da Tendências Consultoria e pesquisadora associada do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas), diz que o resultado de 2021 é muito expressivo, mas foi marcado por uma melhora frágil da economia.

"Mesmo no ano em que a gente teve uma certa melhora da atividade, houve uma recuperação ainda muito volátil, incerta e pouco sustentada, e a gente consegue visualizar até taxas negativas de crescimento para produção industrial e venda de bens."

> **"Mesmo no ano em que a gente teve uma certa melhora da atividade, houve uma recuperação ainda muito volátil, incerta e pouco sustentada, e a gente consegue visualizar até taxas negativas de crescimento para produção industrial e venda de bens**
>
> **Juliana Damasceno**
> economista da Tendências Consultoria e pesquisadora associada do FGV Ibre

Variação mensal real da arrecadação em 2021

*Dados ajustados pela inflação
Fonte: Receita Federal

BC suspende consulta aos R$ 8 bi esquecidos em bancos

Daniela Arcanjo

SÃO PAULO Mesmo com instabilidade no sistema, brasileiros já conseguiram resgatar R$ 900 mil que estavam esquecidos nos bancos, pela nova ferramenta anunciada pelo Banco Central que permite consultar e recuperar valores deixados em contas bancárias encerradas, de parcelas cobradas indevidamente e de consórcios concluídos, por exemplo. O dinheiro recuperado será transferido via Pix em até 12 dias úteis.

Com uma procura acima do esperado pela autarquia, o site ficou fora do ar desde a noite de segunda (24), dia em que o órgão anunciou a existência de R$ 8 bilhões que podem ser resgatados por consumidores e empresas. Na tarde desta terça (25), o BC suspendeu o acesso à ferramenta.

> **R$ 900 mil**
> que estavam esquecidos nos bancos foram resgatados por 79 mil cidadãos por meio da nova ferramenta do BC até a suspensão, por instabilidade no sistema

O órgão informou que, no breve período em que o sistema funcionou, 79 mil cidadãos conseguiram consultar o SVR (Sistema de Valores a Receber) e 8.500 solicitações de devolução foram formalizadas, somando cerca de R$ 900 mil.

"Estamos trabalhando para que o funcionamento dos sites seja normalizado o mais breve possível e também para o retorno do SVR. Manteremos o público informado quanto a esses desenvolvimentos e pedimos desculpas pelo transtorno", afirmou o BC em nota.

Na primeira fase do serviço, o BC estima a devolução de R$ 3,9 bilhões a cerca de 28 milhões de CPFs e CNPJs. Ainda em 2022, segundo a instituição, também serão disponibilizados valores referentes a tarifas e parcelas de operações de crédito cobradas indevidamente, além de contas pré-pagas, pós-pagas e de corretoras e distribuidoras de títulos e valores mobiliários, todas encerradas com saldo disponível.

O sistema, lançado no fim de 2021, reúne valores de contas-correntes ou poupanças encerradas ainda com saldo disponível, tarifas ou parcelas cobradas indevidamente por bancos, cotas ou sobras de pessoas que participaram de cooperativas de créditos e recursos de grupos de consórcios que não foram procurados pelos donos. O dinheiro é devolvido em 12 dias úteis.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Silêncio

O avanço da variante ômicron no país tem afetado a mão de obra em setores que abrangem de aviação e shoppings a restaurantes e hospitais, mas não levou nenhuma companhia de capital aberto no Brasil a divulgar qualquer fato relevante ou comunicado ao mercado com informações sobre o impacto da nova onda da Covid-19 em seus negócios. A demora para revelar os estragos do coronavírus na economia tem sido recorrente desde o início da pandemia em 2020.

SINTOMA Levantamento feito pelo Painel S.A. nos dados públicos da CVM (Comissão de Valores Mobiliários) desde 26 de novembro de 2021, quando a preocupação chegou ao país, até esta segunda (24), não detectou relatos de companhias sobre os efeitos da ômicron. Os termos "ômicron" e "variante ômicron" não aparecem nos documentos. Situação semelhante foi registrada com a variante delta.

AVISO Em março de 2020, a CVM divulgou uma orientação para as empresas listadas identificarem efeitos da pandemia em seus balanços. As companhias têm a responsabilidade de avaliar e comunicar como um fato pode afetar os valores de suas ações e as decisões dos investidores, segundo a instrução 358 da CVM. A comunicação pode ser feita de outros modos, como balanços trimestrais.

TRANSPARÊNCIA Porém, comunicar por meio de fato relevante ou comunicado ao mercado pela CVM ganha destaque para garantir que a informação seja divulgada de forma ampla e imediata. No primeiro ano da pandemia, depois do silêncio inicial, o número de fatos relevantes e comunicados ao mercado sobre o impacto da Covid apresentados por companhias de capital aberto chegou perto de 500.

DESAFINADO Fornecedores de piano relatam dificuldade para repor o estoque das lojas de instrumentos musicais. O problema com o frete internacional se arrasta desde o início da pandemia e ainda gera fila de espera que pode durar até meses conforme o modelo escolhido.

CLAVE DE SOL Na Essenfelder, que importa pianos acústicos e digitais da China, o desabastecimento é registrado desde o começo do ano passado. A empresa atribui o gargalo à escassez de contêineres, ao câmbio e à demora na produção.

RITMO A falta de semicondutores no mercado, comprometeu a produção dos pianos digitais da japonesa Kawai. Segundo a Fritz Dobbert, que importa o modelo, o abastecimento só deve se normalizar no segundo semestre.

TARTARUGA A Abraidi (associação que reúne importadores de produtos para saúde) afirma que a operação-padrão iniciada na Receita Federal, feita em protesto contra a falta reajuste salarial e que já afeta alguns portos e fronteiras, levanta preocupação nas empresas do setor. De acordo com a entidade, 37% dos associados relatam atrasos em liberação, anuência ou inspeção de mercadoria importada.

ADEUS Empresários bolsonaristas foram às redes sociais nesta terça (25) homenagear Olavo de Carvalho, que morreu na noite de segunda (24), aos 74 anos. Luciano Hang publicou fotografia em que aparece abraçado ao escritor. "Com muita tristeza recebi a notícia da perda desse grande brasileiro. Homem admirável, à frente do seu tempo e que fez muito pelo país", escreveu o dono da Havan.

MENSAGENS Junior Durski, dono das redes de restaurante Madero e Jeronimo Burger, comentou a publicação de Hang: "Grande perda para nosso amado Brasil". Gabriel Kanner, também alinhado ao governo Bolsonaro e presidente do grupo de empresários Brasil 200, publicou no Twitter: "Que coisa triste acordar com a notícia do falecimento do Olavo. Obrigado por tudo, professor. Descanse em paz."

MEMÓRIA Em sua homenagem, Otávio Fakhoury diz que Olavo não morreu de Covid e criticou os ataques sofridos pelo escritor nas redes sociais. "Parem de politizar e tripudiar a passagem do professor", escreveu. Internautas resgataram declarações em que o guru bolsonarista criticava as máscaras, o isolamento social e dizia que o vírus era "historinha de terror para acovardar a população".

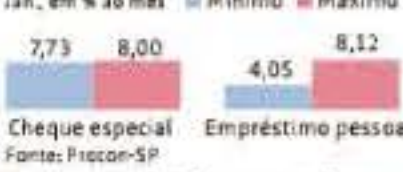
CLIQUE Pesquisa da Zetta (associação que reúne empresas de tecnologia como Nubank, XP, Creditas e Mercado Pago) com cerca de 1.500 brasileiros bancarizados aponta que 47% utiliza bancos digitais. No recorte entre os jovens na faixa etária de 18 a 24 anos, essa participação sobe para aproximadamente 73%, de acordo com o levantamento realizado pelo Instituto Locomotiva.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS
Jan., em % ao mês

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	8,12

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA
Competência dezembro

Autônomo, empregador e facultativo

Valor mín.	R$ 1.100,00	20%	R$ 220,00
Valor máx.	R$ 6.433,57	20%	R$ 1.286,71

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 17.jan

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.100	5%	R$ 55,00

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.100	7,5%
De R$ 1.100,00 a R$ 2.203,48	9%
De R$ 2.203,49 a R$ 3.305,22	12%
De R$ 3.305,23 a R$ 6.433,57	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.jan. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS
Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.296,32	Valor, em R$
Empregado	116,66
Empregador	255,26

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico venceu em 7.jan. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico pode ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Desigualdade no setor público cresce e chega a superar a do setor privado

Remunerações têm grande disparidade mesmo entre pessoas com mesmo nível de escolaridade

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO As remunerações do setor público têm grande disparidade, mesmo entre pessoas com mesmo nível de escolaridade. Algumas dessas diferenças estão ligadas a fatores como sexo, nível de governo, Poder e tipo de carreira, segundo estudos elaborados por especialistas na área.

Se for considerada apenas a renda do trabalho no mercado formal, a desigualdade na esfera pública tem aumentado e supera a verificada no setor privado. A desigualdade no setor público só perde para o privado quando se põem na conta a informalidade e outros tipos de renda.

Atualmente, diversas carreiras protestam contra a decisão do governo federal de dar reajuste somente a policiais, que já tiveram ganhos salariais nos últimos anos.

Um trabalho de referência sobre o serviço público é o Atlas do Estado Brasileiro, elaborado pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Entre os dados está a separação dos rendimentos por decis, que dividem o total de remunerações em dez classes com o mesmo número de vínculos de trabalho.

Em praticamente todas as faixas os salários são mais elevados no nível federal, seguido por estados e, depois, municípios. Também são maiores no Judiciário do que no Legislativo, que, por sua vez, superam os do Executivo.

Em relação à desigualdade, o retrato é outro. A razão entre o primeiro e último decil indica que as maiores diferenças estão nas remunerações nos Legislativos estaduais e federal. Depois, no Executivo federal. No Judiciário, por outro lado, a desigualdade é menor, pois mesmo os salários da base são elevados.

O nono decil do Legislativo estadual, por exemplo, tem remuneração 18 vezes superior ao primeiro decil. No Legislativo federal, são 16 vezes. No Executivo federal, 14 vezes. Nos municípios, considerando Legislativo e Executivo, a diferença é de 5 vezes.

O Atlas do Ipea também permite ver salários mais altos para um mesmo nível de escolaridade entre homens do que entre mulheres, praticamente em todos os Poderes e esferas de governo, como destacado pelo pesquisador Félix Lopez, um dos responsáveis pela publicação.

Essas diferenças são confirmadas por trabalhos que utilizam outras métricas, como índice de Gini, Curva de Lorenz e prêmio salarial.

Segundo estudo do CLP (Centro de Liderança Pública), a desigualdade entre as remunerações no setor público supera a verificada nos rendimentos do trabalho formal do setor privado em todas as regiões do Brasil, considerando dados da Rais (Relação Anual de Informações Sociais) de 2018, para civis e militares.

O índice de Gini (uma forma de medir a desigualdade) fica em torno de 0,50 em todas as regiões do país no setor público. No privado, é de cerca de 0,40 no Sudeste e aproximadamente 0,35 nos demais estados. Quanto mais próximo de zero, menor a desigualdade na renda do trabalho formal.

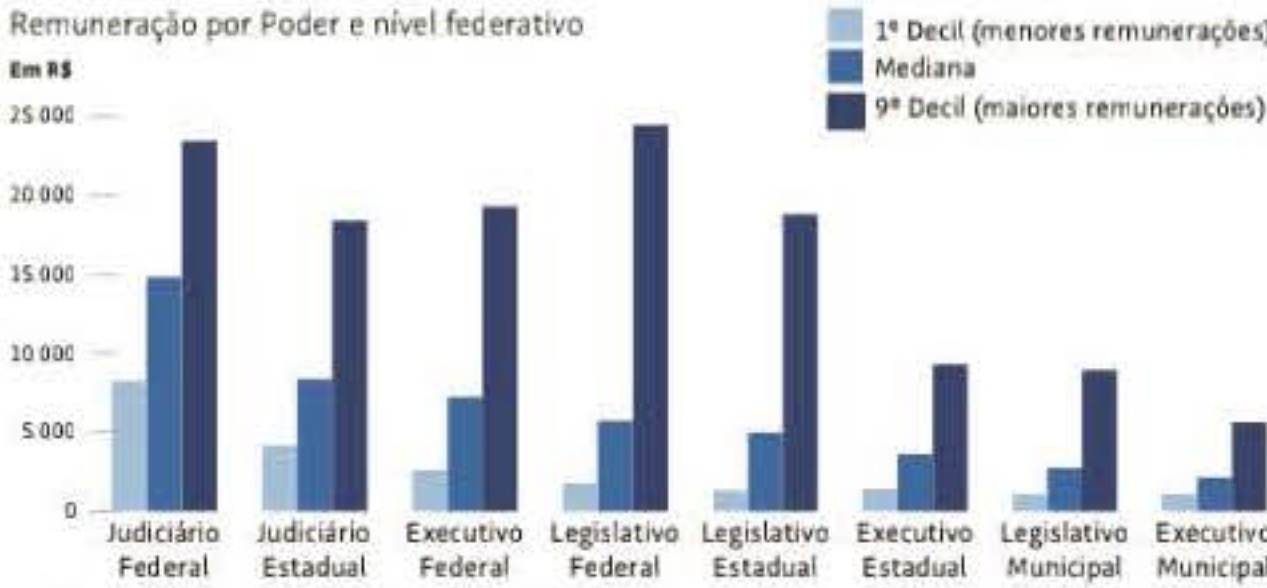
Daniel Duque, gerente da inteligência técnica do CLP, diz que o Gini é pouco afetado pelos raros trabalhadores de altíssima renda do setor privado que recebem esses valores no contrato com carteira assinada. Além disso, a exclusão dos informais torna a desigualdade menor.

Ele diz que outros estudos mostram que, até os anos 1990, o setor público puxava a desigualdade de renda para baixo. Reajustes concedidos a categorias já com altos salários na primeira década dos anos 2000, nas esferas federal e estadual, mudaram essa tendência.

"Isso fez com que o setor público estivesse puxando a desigualdade para cima. Principalmente em razão de categorias que já estavam em uma posição privilegiada em termos salariais", afirma Duque.

"O único que ficou mais estável em termos de desigualdade e contraste com o setor privado foi o nível municipal, no qual estão muitos servidores que atuam na ponta, como professores e médicos de unidade básica."

Desigualdade no setor público supera a do setor privado no Brasil

Fonte: CLP (Centro de Liderança Pública), com microdados da Rais 2018, considerando rendimentos do trabalho formal

Fonte: Remunerações em 2019 do Atlas do Estado Brasileiro/Ipea

> Existe um prêmio salarial por ser homem, um prêmio por estar no Judiciário, um prêmio por estar no nível federal
>
> **José Teles Mendes**
> da USP (Universidade de São Paulo) e responsável por análises dos dados do Atlas do Estado

Um estudo ainda em elaboração pelo Ipea, por outro lado, mostra que o Gini no setor público está abaixo da média nacional quando se consideram outras fontes de renda além do trabalho e também a informalidade.

Segundo José Teles, pesquisador da USP que contribui para o projeto junto ao Ipea, mesmo o Gini mais alto do setor público, que é o estadual, é inferior ao do total dos rendimentos da população.

Outro estudo da instituição ("Heterogeneidade do diferencial salarial público-privado", de 2020) faz a comparação do prêmio salarial entre os setores público e privado, no período 2012-2018, e também dentro do funcionalismo.

Entre servidores com ensino superior, por exemplo, o prêmio em relação ao setor privado é de 103% no nível federal, 55% no estadual e 16% no municipal. Para o ensino fundamental, os números ficam próximos (101%, 49% e 17%). Para o médio, a diferença é um pouco menor, mas ainda relevante, de 101%, 64% e 23%. Ou seja, os prêmios estão mais relacionados ao nível de governo do que à escolaridade.

O estudo também mostra que o prêmio cresceu significativamente desde 2012 para pessoas com ensino superior e médio, mas ficou estável no nível fundamental.

Entre os profissionais de nível médio, os maiores prêmios salariais se concentram nas carreiras jurídicas, nos agentes da administração tributária e nos inspetores de polícia, detetives e policiais. Por outro lado, é bastante reduzido entre profissionais de nível médio da saúde.

No nível superior, o prêmio é de 86% para profissionais do Direito, 37% nas ciências e engenharia e 21% para ciências sociais e culturais. Médicos têm prêmio de 30%, enquanto a remuneração dos demais profissionais de saúde está abaixo da vista no setor privado. A vantagem é de 46% para professores de ensino médio, 34% para universitários e 18% para os outros profissionais do ensino.

"Existe um prêmio salarial por ser homem, um prêmio por estar no Judiciário, um prêmio por estar no nível federal", afirma José Teles, responsável por diversas análises dos dados do Atlas do Estado.

"Quando você controla essa questão da escolaridade, ainda encontra diferenças que não são explicadas por questões meritocráticas."

O economista José Celso Cardoso Jr., presidente da associação dos funcionários do Ipea e responsável por estudos sobre remunerações no setor público, afirma que há uma disparidade muito grande entre rendimentos de algumas carreiras na esfera federal e nos pequenos municípios do Norte e Nordeste, o que ajuda a explicar a desigualdade apontada nesses trabalhos.

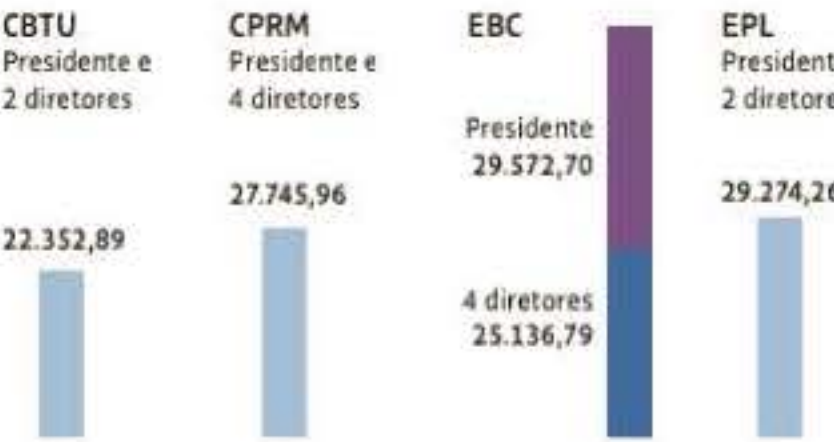
Ele cita ainda distorções como remunerações acima do teto constitucional e a acumulação de salários, por exemplo, por militares de altas patentes que recebem por funções em cargos civis.

Segundo Cardoso, houve aumento da escolaridade no nível municipal nas últimas décadas, mas isso não se refletiu proporcionalmente nos salários, que continuam pautados por questões político-institucionais, capacidade fiscal e política de gestão de pessoas.

"A disparidade no nível municipal é gigante. Não é [escolaridade]", afirma. "A maioria dos municípios não tem carreira estruturada. Há muita precariedade nas relações de trabalho. A pessoa acha que é uma ilha de privilegiados, mas a heterogeneidade e a desigualdade é que são as regras ainda hoje no Brasil."

Vinicius Torres Freire
Excepcionalmente hoje a coluna não é publicada

Economia prevê bônus de 1,5 salário a diretores de estatais dependentes

Valor será pago se metas forem atingidas
Remuneração mensal, em R$

Fonte: Relatório Agregado das Empresas Estatais Federais, edição de 2021/Ministério da Economia

Governo prevê bônus a diretores de estatais deficitárias

BRASÍLIA Apesar do discurso privatista e pressionado por servidores para ampliar o alcance de reajustes, o governo Jair Bolsonaro (PL) decidiu liberar bônus de até 1,5 salário a diretores de estatais dependentes do Tesouro.

Sete das 18 empresas desse tipo pediram ao Ministério da Economia a aprovação do pagamento. Outras quatro ainda avaliam se enviam proposta.

Os diretores chegam a ter remuneração mensal de R$ 32,5 mil nessas estatais, segundo relatório de 2021 da Economia. Ou seja, podem acumular bônus de até R$ 48,75 mil.

Esse tipo de pagamento só era previsto às estatais que dão lucro e não dependem do Tesouro, como a Petrobras. Porém o Ministério da Economia decidiu, em 2021, regulamentar o pagamento nas que dependem de recursos do Tesouro e mesmo nas que apresentaram prejuízo.

O pagamento extra aos diretores que já pediram esse bônus pode alcançar cerca de R$ 1 milhão, se todos receberem o valor máximo previsto.

Em ofício assinado em outubro, a pasta afirmou que o programa de renda variável de 2022, "de forma inédita", iria contemplar esse tipo de pagamento a estas estatais.

Para alcançar o bônus integral, as empresas devem atingir uma série de metas. Entre elas, apresentar aumento de receita ou redução de despesa "em pelo três vezes o valor total da bonificação dos responsáveis pela gestão", afirmou a Economia, em nota.

Já pediram a aprovação do plano de pagamento de bônus neste ano a CBTU (Companhia Brasileira de Trens Urbanos), a CPRM (Serviço Geológico do Brasil), a EBC (Empresa Brasil de Comunicação), a EPL (Empresa de Planejamento e Logística S.A.), a Trensurb (Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A.), a HCPA (Hospital de Clínicas de Porto Alegre) e a Nuclep (Nuclebrás Equipamentos Pesados S.A).

GHC (Grupo Hospitalar Conceição), Imbel (Indústria de Material Bélico do Brasil), INB (Indústrias Nucleares do Brasil) e Ebserh (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares) têm até o fim de janeiro para se manifestar.

Procurada, a EPL disse que pediu até 1,5 salário extra aos diretores. Citou como meta atingir 110% da receita própria média dos últimos cinco anos.

O HCPA disse que propôs indicadores que avaliam as entregas do hospital à sociedade.

A CBTU afirmou que também pediu o bônus máximo e que o programa de salário extra aos diretores "tem destacado sucesso no aprimoramento de resultados das empresas estatais, tanto que é mantido e indicado".

A EBC afirmou apenas "que segue, tão somente, o disposto pela Economia". **Mateus Vargas**

Diretor de Itaipu renuncia ao cargo, e ministro emplaca aliado

Catia Seabra

RIO DE JANEIRO O Ministério de Minas e Energia anunciou, nesta terça (25), a nomeação do vice-almirante Anatalício Risden Jr. para o cargo de diretor-geral brasileiro de Itaipu. Atualmente na diretoria financeira da binacional, Risden conta com o apoio do ministro das Minas e Energia, almirante Bento Albuquerque.

Risden vai substituir o general da reserva João Francisco Ferreira, que pediu demissão na manhã desta terça, após receber um telefonema do ministro. Na conversa, o ministro teria cobrado maior empenho do diretor-geral de Itaipu nas negociações com os parceiros paraguaios.

Após ouvir críticas ao seu trabalho, o general convocou uma reunião da diretoria para anunciar sua exoneração. Aos colaboradores alegou motivação pessoal para a saída.

Ferreira estaria enfrentando dificuldades nas negociações com os parceiros paraguaios, inclusive para fixação da tarifa de energia e definição do orçamento de 2022.

No telefonema, o ministro teria cobrado maior proatividade do general. Segundo colaboradores, Ferreira até ameaçou deixar o cargo já nesta terça, mas foi aconselhado a esperar a nomeação do sucessor pelo presidente Jair Bolsonaro (PL). Ele deverá permanecer no cargo até a designação de seu substituto no Diário Oficial da União.

Procurado para comentar as circunstâncias da saída de Ferreira, o Ministério de Minas e Energia não se manifestou.

A direção de Itaipu divulgou, em nota, seu pedido de exoneração. "O general Ferreira agradece o apoio e o comprometimento dos parceiros da usina, em especial à Família Itaipu, como se refere ao grupo de empregados", diz a nota.

A Folha apurou que Bento Albuquerque já tinha sugerido o nome de Risden para o lugar do ex-diretor-geral, o general Joaquim Silva e Luna, que, em abril de 2021, deixou o cargo para assumir a presidência da Petrobras. Foi Luna quem indicou Ferreira para seu lugar.

De postura mais discreta, Ferreira não atuava politicamente como o antecessor. Bacharel em ciências navais, Risden, 62, foi diretor de coordenação do orçamento da Marinha de 2008 a 2015, trabalhando em conexão com ministérios e Congresso Nacional.

PENITENCIÁRIA FEMININA DE CAMPINAS

Encontra-se aberta na Penitenciária Feminina de Campinas, Chamada Pública nº 001/2022, objetivando o credenciamento de Agricultores Familiares, para a aquisição de gêneros alimentícios HORTIFRUTIGRANJEIROS, através do Programa Paulista da Agricultura de Interesse Social – PPAIS, no que a sessão pública será no dia 11/02/2022 às 10:00 horas. A documentação completa, composta pela habilitação jurídica e pela proposta de venda, deverá ser entregue na entidade credenciadora, situada na Avenida João Batista Morato do Canto nº 100, Bairro São Bernardo – Campinas – SP no período de 27/01/2022 a 10/02/2022 das 09:00 às 16:00 hrs, em envelope fechado endereçado À Comissão de Avaliação e Credenciamento – CHAMADA PÚBLICA Nº 001/2022. Os interessados poderão obter cópia integral do edital e seus anexos nos sites do PPAIS www.cati.sp.gov.br/ppais, do ITESP www.itesp.sp.gov.br e encontra-se disponível no endereço eletrônico www.e-negociospublicos.com.br e poderá ser retirado no Núcleo de Finanças e Suprimentos da Penitenciária Feminina de Campinas, no endereço, data e horário acima mencionado.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARARAPES

PROCESSO Nº 002/2022
PREGÃO PRESENCIAL Nº 002/2022

OBJETO: REGISTRO DE PREÇOS OBJETIVANDO FUTURAS AQUISIÇÕES DE PRODUTOS QUÍMICOS PARA O TRATAMENTO DE ÁGUA, CONFORME DESCRIÇÃO CONSTANTE DO TERMO DE REFERÊNCIA – ANEXO I DO EDITAL. ENCERRAMENTO/ABERTURA: 08/02/2022 ÀS 09:00 HORAS LOCAL: Rua Prudente de Moraes, nº 575 - Fundos OBS: O Edital encontra-se a disposição dos interessados no Departamento de Gestão de Material e Patrimônio, sito à Rua Maria Rolin Telles, nº 674, e no site www.guararapes.sp.gov.br Guararapes, 25 de janeiro de 2022 Maria Marta Jus[illegible] Diretora do Departamento de Gestão de Material e Patrimônio

COMUNICADO - EXTRAVIO DE DOCUMENTOS FISCAIS

Sindicato dos Empregados em Comércio Hoteleiro e Similares de Araraquara e Região, inscrito no CNPJ 66.999.053/0001-76, com sede na Avenida 22 de agosto, 527 Vila Xavier, Araraquara-SP, vem, por meio desta, comunicar o extravio (perda, danificação, furto, roubo, etc) dos seguintes documentos fiscais: livros Diário e Livros Razão, dos seguintes exercícios: 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018 ficando os mesmos sem o devido valor. Araraquara-SP 24 de janeiro de 2022. Gilde Marque de Lima - Presidente.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DOS EMPREGADOS DA EMPRESA CALZEDONIA BRASIL COMÉRCIO DE MODA E ACESSÓRIOS LTDA. - Pelo presente edital, o Sindicato dos Comerciários de São Paulo, representado por seu Presidente Ricardo Patah, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, convoca os comerciários da empresa CALZEDONIA BRASIL COMÉRCIO DE MODA E ACESSÓRIOS LTDA, CNPJ nº 13.566.271/0001-50, filiados ou não à entidade, da abrangência territorial do município de São Paulo/SP, para participarem da Assembleia Geral Extraordinária, a ser realizada de forma virtual no 28/01/2022, das 13h30 às 17h00 por intermédio de link próprio a ser disponibilizado para os empregados, com objetivo de deliberarem através de votação, sobre proposta de acordo coletivo de trabalho de horário flexível e outras cláusulas. São Paulo, SP, 24 de janeiro de 2022. Ricardo Patah - Presidente

FUNDAÇÃO MUNICIPAL PARA EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA - FUMEC

AVISO DE LICITAÇÃO

Acha-se aberto na Fundação Municipal para Educação Comunitária, com instrumento Convocatório disponibilizado no Portal da Bolsa Eletrônica de Compras do Estado de São Paulo (www.bec.sp.gov.br ou www.bec.fazenda.sp.gov.br) o Pregão Eletrônico nº 04/2022 - Processo Administrativo nº FUMEC.2021.00001614-14. Objeto: Registro de Preços para aquisição de equipamentos de cozinha para uso das unidades da FUMEC, conforme as especificações constantes no ANEXO I – TERMO DE REFERÊNCIA. DATA DO INÍCIO DO PRAZO PARA ENVIO DA PROPOSTA ELETRÔNICA: 27/01/2022. DATA E HORA DA ABERTURA DA SESSÃO PÚBLICA: 10/02/2022 - 09:00 h. OFERTA DE COMPRA - OC Nº 824402801082022OC00004. Qualquer dúvida ou esclarecimentos adicionais poderão ser obtidos até site da BEC: (www.bec.sp.gov.br ou www.bec.fazenda.sp.gov.br), através da opção: Edital. Campinas, 25 de janeiro de 2.022. LEANDRO CARVALHO DE OLIVEIRA - Assessor Superior - FUMEC

Prefeitura da Estância Turística de Salto

PREGÃO ELETRÔNICO Nº 87/2021 - PROCESSO ADMINISTRATIVO Nº 9600/2021
TERMO DE HOMOLOGAÇÃO

Na qualidade de SECRETÁRIO DE SAÚDE, devidamente autorizado, no uso das atribuições que me são conferidas, conforme disposto no art. 2º do Decreto Municipal nº 08/2001, Lei Federal nº 8666/93 e posteriores alterações e Lei 10.520/02, HOMOLOGO todos os atos praticados pela Pregoeira e Equipe de Apoio no processo acima citado, cujo objeto é a contratação de empresa para fornecimento de sabonete antisséptico para as unidades básicas e especializadas da rede municipal de saúde, no combate a COVID - 19, conforme quantidades e especificações relacionadas no Anexo I do edital, a cargo da Secretaria de Saúde à empresa Maltub Comércio e Serviços Ltda, para o item 26, no valor global da contratação de R$ 9.712,80 (nove mil, setecentos e doze reais e oitenta centavos).
Salto/SP, 25 de janeiro de 2022.
Márcio Conrado Secretário de Saúde

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAMINA

AVISO DE LICITAÇÃO Nº. 16/2022

PROCESSO ADMINISTRATIVO Nº. 17/2022 - PROCESSO LICITATÓRIO Nº. 16/2022 – PREGÃO PRESENCIAL Nº 15/2022 - EDITAL Nº. 16/2022 – Acha-se aberto, no município de Aramina, licitação, do tipo menor valor global para CONTRATAÇÃO DE EMPRESA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS PARA FECHAMENTO COM ALAMBRADO DO PLAYGROUND EMEI ARLINDO TOZZE, NO BAIRRO BREJÃO, CONFORME SOLICITAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, conforme condições editalícias. A sessão pública ocorrerá impreterivelmente no dia 08 de fevereiro de 2022, às 13h30min. Os autos, disponíveis para qualquer cidadão, bem como as cópias dos Editais e seus anexos estarão disponíveis aos interessados para aquisição e consulta, junto ao Setor de Licitações, em horário de expediente, das 08h00min às 17h00min, na Rua Brasilio de Andrade Junqueira, 795 – Centro – Aramina – SP, telefone 0xx16 – 3752 – 7002 e através do site www.aramina.sp.gov.br. Aramina/SP, 25 de janeiro de 2022.

MARIA MADALENA DA SILVA
Prefeita

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAMINA

AVISO DE LICITAÇÃO Nº. 17/2022

PROCESSO ADMINISTRATIVO Nº. 18/2022 - PROCESSO LICITATÓRIO Nº. 18/2022 – TOMADA DE PREÇOS Nº 01/2022 - EDITAL Nº. 17/2022 – Acha-se aberto, no município de Aramina, licitação, do tipo menor preço - empreitada por preço global para CONTRATAÇÃO DE EMPRESA DE ENGENHARIA ESPECIALIZADA PARA EXECUÇÃO DOS SERVIÇOS REMANESCENTES DA CONSTRUÇÃO DA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE NA RUA REINALDO JENNY, 41 - BAIRRO ARNALDO SCANDIUZZI – TERMO DE CONVÊNIO 187/2019 – SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, conforme condições editalícias. A sessão pública ocorrerá impreterivelmente no dia 11 de fevereiro de 2022, às 13h30min. Os autos, disponíveis para qualquer cidadão, bem como as cópias dos Editais e seus anexos estarão disponíveis aos interessados para aquisição e consulta, junto ao Setor de Licitações, em horário de expediente, das 08h00min às 17h00min, na Rua Brasilio de Andrade Junqueira, 795 – Centro – Aramina – SP, telefone 0xx16 – 3752 – 7002 e através do site www.aramina.sp.gov.br. Aramina/SP, 25 de janeiro de 2022.

MARIA MADALENA DA SILVA
Prefeita

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DOS EMPREGADOS DA EMPRESA CALZEDONIA BRASIL COMÉRCIO DE MODA E ACESSÓRIOS LTDA. - Pelo presente edital, o Sindicato dos Comerciários de São Paulo, representado por seu Presidente Ricardo Patah, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, convoca os comerciários da empresa CALZEDONIA BRASIL COMÉRCIO DE MODA E ACESSÓRIOS LTDA, CNPJ nº 13.566.271/0001-50, filiados ou não à entidade, da abrangência territorial do município de São Paulo/SP, para participarem da Assembleia Geral Extraordinária, a ser realizada de forma virtual no 28/01/2022, das 08h00 às 13h30 por intermédio de link próprio a ser disponibilizado para os empregados, com objetivo de deliberarem através de votação, sobre proposta de acordo coletivo de trabalho de compensação das pontes e outras cláusulas. São Paulo, SP, 24 de janeiro de 2022. Ricardo Patah - Presidente

PREFEITURA MUNICIPAL DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL

AVISO DE LICITAÇÃO

Encontra-se aberto nesta Prefeitura, a Tomada de Preços nº 01/22, visando a execução recapeamento asfáltico, sinalização horizontal e vertical, nas ruas Luiz Pizo, Alberto Saraiá e João Batista Sertório, localizadas no bairro Jardim Vatum; ruas dos Morais, Pinheiro Chagas e Hadock Lobo, localizadas na região Central; e, rua Carlos Teixeira, localizada entre a região Central e o bairro Vila Norma. ENCERRAMENTO: Às 14:00 horas do dia 10/02/2022. ABERTURA: Às 14:10 horas do dia 10/02/2022. O Edital e seus anexos estarão à disposição a partir do dia 26/01/22, pessoalmente, ou pela INTERNET www.pinhal.sp.gov.br INFORMAÇÕES: Fone (19) 3651-9699 ou e-mail compras@pinhal.sp.gov.br.
Espírito Santo do Pinhal, 25 de janeiro de 2022.
Luiz Antonio de Rezende Filho – Diretor de Departamento Administração.
Valor da Publicação R$ 85,94

SERVIÇO AUTÔNOMO DE ÁGUA E ESGOTO DE JACAREÍ – SAAE

PREGÃO ELETRÔNICO Nº. 007/2022.

OBJETO: REGISTRO DE PREÇOS PARA AQUISIÇÃO DE MATERIAL DE DESOBSTRUÇÃO DE REDES E RAMAIS DE ESGOTO (VARETA, MANIVELA, PONTA RECUPERADORA, PONTA SEM FIM, PONTA ICONICA, CABO TIPO MOLA, PONTA RETA E MANIVELA).
COM RESERVA DE COTA PARA ATENDER A LEI 147/2014.
Valor estimado: R$ 154.587,25.
Recebimento dos Lances: às 09h00min do dia 11/02/2022.
Informações: Unidade de Licitações e Compras – R. Miguel Leite do Amparo, 121 – Centro – Jacareí – SP – fone 12-3954-0200 – Ramais 1620/ 1630/ 1655 e 1670.
Edital: www.comprasgovernamentais.gov.br (UASG 926641), www.saaejacarei.sp.gov.br (LINK "TRANSPARÊNCIA" SUBLINK "LICITAÇÕES") ou mediante comparecimento ao balcão da Unidade de Licitações e Compras – R. Miguel Leite do Amparo, 121 – Centro – Jacareí – SP - das 08:30 às 16:30, sem custo com apresentação de CD-r ou pendrive.
Jacareí, 24 de janeiro de 2022.
Evandro Faria Luis - Presidente Interino do SAAE Jacareí.

AVISO DE EDITAL

PREGÃO ELETRÔNICO Nº 007/2022

Objeto: Registro de Preços pelo Período de 12 (Doze) Meses, para Contratação Futura de Empresa Especializada na Confecção de Impressos, para uso das Secretarias Municipais de Registro/SP.
Início do Cadastro das Propostas: **27/01/2022, às 09h00min.**
Término Cadastro das Propostas: **09/02/2022, às 08h59min.**
Abertura das Propostas: **09/02/2022, às 09h00min.**
Início da Disputa de Preços: **09/02/2022, às 09h15min.**
Local: https://www.bnc.org.br
Formalização de Consultas e Maiores Informações: Secretaria Municipal de Administração da Prefeitura Municipal de Registro, sito à Rua José Antônio de Campos nº 250, Centro - Registro/SP, durante o seu expediente de atendimento ao público, de segunda a sexta-feira, das 08h00min às 12h00min e das 13h30min às 17h30min, ou pelo telefone (13) 3828-1032, ou ainda, através do e-mail elisa.compras@registro.sp.gov.br.
O Edital completo poderá ser obtido pelos interessados através do endereço eletrônico da Prefeitura Municipal de Registro (http://www.registro.sp.gov.br), opção "Editais e Licitações", ou ainda pelo Portal: Bolsa Nacional de Compras - BNC (https://www.bnc.org.br).
Registro, 25 de janeiro de 2022
ARNALDO MARTINS DOS SANTOS JÚNIOR
Secretário Municipal de Administração

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20212108

A Secretaria da Casa Civil torna pública a REMARCAÇÃO do Pregão Eletrônico No 20212108, de interesse da Secretaria da Saúde – SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de material médico hospitalar. MOTIVO: impugnação não acatada. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 21082021, até o dia 10/02/2022, às 14h30 (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 24 de Janeiro de 2022. FRANCISCO CLÁUDIO REIS DA SILVA - PREGOEIRO

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20211979

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20211979 de interesse da Secretaria da Saúde – SESA, cujo OBJETO é Registro de preço para futuros e eventuais serviços de lavanderia, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 19792021, até o dia 10/02/2022, às 9h (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 24 de Janeiro de 2022. ISABEL MARIA SILVA BRAGA - PREGOEIRA

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - NEGOCIAÇÕES COLETIVAS DE TRABALHO 2022-2023 - Pelo presente edital, a FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA MOVIMENTAÇÃO DE MERCADORIAS EM GERAL, AUXILIARES, ADMINISTRAÇÃO COMÉRCIO DE CAFÉ GERAL, AUXILIARES DE ADMINISTRAÇÃO EM ARMAZENS GERAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO - FETRAMESP- inscrita no CNPJ sob nº 66.051202/0001-70, entidade devidamente representante da categoria diferenciada dos trabalhadores em movimentação de mercadorias em geral, nos termos dos arts. 1º 2º e 3º da Lei nº 12.023/2009, c/c art. 8º, incisos II e V da CF/88 e art. 611,§ 2º e 616 ambos da CLT, CONVOCA todos os integrantes da Categoria Diferenciada dos Movimentadores de Mercadorias em Geral, filiados e não filiados, assim como os delegados representantes junto à Federação, em dia com os cofres da entidade de grau superior, a comparecerem em Assembleia Geral Extraordinária, a ser realizada no dia, 31/01/2022 as 16h00 em 1ª chamada ou as 17h00 em 2ª de maneira presencial e, via plataforma virtual (Observando a declaração pública de pandemia em relação ao novo Corona vírus (Covid-19) pela Organização Mundial da Saúde - OMS, em 11 de março de 2020, assim como o Decreto Legislativo nº 6, de 2020, nº 65.437, de 30 de Dezembro de 2020 e Nota Técnica n. 06/2020 da CONALIS do Ministério Público do Trabalho das recomendações dos órgãos da Saúde) O Link e a plataforma usada para cadastramentos, estarão no site http://fetramesp.org.br durante o horário das 10h00 às 17h00 no dia 27 do corrente mês, onde estarão disponíveis todas as informações necessárias para participações. Os integrantes da categoria interessados em acompanhar de forma presencial, poderão comparecer na sede da entidade, no horário acima mencionado (munidos da Carteira de Vacinação constando aplicação da 2ª dose, ou com exame de PCR feito nas ultimas 72 horas) à Rua Francisco Mucciolo, 261 1º andar, Jd Gonçalves, Sorocaba/SP, para discussão e deliberação da seguinte ORDEM DO DIA: A) Delegar poderes a direção da Federação para empreender Negociações Coletivas de Trabalho com todas as entidades patronais dos Seguimentos: DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, COMÉRCIO ATACADISTA E VAREJISTA, TRANSPORTE DE CARGAS, ARMAZÉNS GERAIS, CENTROS DE DISTRIBUIÇÃO E LOGÍSTICAS, LOGÍSTICA REVERSA DE EMBALAGENS EM TODOS OS SEGUIMENTOS PATRONAIS E, SEGUIMENTO DE CARGA E DESCARGA EM GERAL DE PRODUTOS, MERCADORIAS E DEMAIS CORRESPONDENTES, assim como, todas as empresas que possuem empregados que executam as atividades constantes no art. 2º da Lei nº 12.023/2009, assinar acordos Judiciais ou Extrajudiciais (arts. 611 e 616 da CLT) para o biênio 2022-2023; B) Apresentação e aprovação das Pautas de Reivindicações a serem encaminhadas a todas as entidades patronais dos seguimentos acima mencionados e demais necessárias; C) Delegar poderes para a diretoria de a Federação instaurar processo de Dissídio Coletivo perante o competente E. Tribunal Regional do Trabalho em caso de malogro nas Negociações destas com as entidades patronais; D) Apresentar protesto judicial para a garantia da data base, instaurar revisão de dissídio coletivo no caso de insucesso nas negociações incluindo termos aditivos; E) Aprovação para manutenção e extensão das cláusulas constantes nas Convenções Coletivas de Trabalho e nos Acordos Coletivos de Trabalho; F) Concessão de poderes da categoria para ajuizar ações declaratórias, ação civil pública coletiva de obrigação de fazer de interesse da categoria e demais ações de interesse das entidades sindicais profissionais em virtude do não cumprimento por parte das empresas em face das cláusulas dos instrumentos coletivos vigentes, anteriores ou futuros; G) Apresentação, discussão e votação sobre a cota de custeio como forma de sustentação financeira da entidade, com a definição da natureza de cada contribuição, a estipulação de valores, percentuais, formas de incidência e do recolhimento e repasse à Federação para cobertura de despesas administrativas jurídicas e outras necessárias, incluindo os trabalhadores beneficiados pela presente Convenção Coletiva; NOTA: Em cumprimento ao Art. 526 da CLT e Art. 18º do CPC os votos de pessoas que não sejam integrantes da categoria serão nulos de pleno direito. Sorocaba/SP, 24 de Janeiro de 2022. Alfredo Ferreira de Souza - Presidente.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA - Pelo presente Edital, o Presidente do SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO DO MOBILIÁRIO E MONTAGEM INDUSTRIAL DE MIRASSOL E VOTUPORANGA, inscrito no C.N.P.J. nº 51.847.612/0001-08, com sede na Rua Rodrigues Alves, nº 2031, Centro, município de Mirassol, Estado de São Paulo, CONVOCA todos os trabalhadores integrantes da categoria de PRODUTOS E ARTEFATOS DE CIMENTO, OBJETO DA NEGOCIAÇÃO COLETIVA, dos Municípios de Bálsamo, Jaci, Mirassol, Monte Aprazível, Neves Paulista, Tanabi, Votuporanga, Mirassolândia, Poloni, Nipoã, Nhandeara, União Paulista, Floreal, Magda, Macaubal, Sebastianópolis do Sul e Monções, para participarem da Assembleia Geral Extraordinária, que se realizará no dia 31 de janeiro de 2022, às 19:00 horas, na sede social da entidade sita na rua Rodrigues Alves, nº 20-31, Centro, na cidade de Mirassol, Estado de São Paulo, em primeira convocação, para deliberar sobre a seguinte ORDEM DO DIA: 1) - Leitura, discussão e aprovação da ata anterior; 2) - Leitura, discussão e aprovação do rol de reivindicações dos trabalhadores para renovação da norma coletiva de trabalho da categoria [illegible] Mirassol/SP, 25 de janeiro de 2022. Gilmar Antonio Guilhen - Presidente.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE COTIA

AVISO DE ABERTURA DE LICITAÇÃO

A Prefeitura do Município de Cotia, torna público que se encontra aberta licitação na modalidade CP 003/2022, PA 27.726/2021, cujo objeto é a contratação de empresa especializada para Recapeamento e Reconstrução asfáltica no Distrito de Caucaia do Alto – RECURSOS FEDERAIS. Abertura dia **07/03/2022 às 14:00 horas**, no prédio da Secretaria Municipal de Licitações e Logística, sito à Rodovia Raposo Tavares, no Km 36, Estrada Boa Vista nº 575 – Condomínio Boa Vista – Cotia/SP. O edital estará à disposição a partir de **27/01/2022** através do site da Prefeitura Municipal de Cotia: www.cotia.sp.gov.br, quaisquer informações poderão ser obtidas pelo telefone (11) 4616-4846, ramal 2131.

AVISO DE ABERTURA DE LICITAÇÃO

A Prefeitura do Município de Cotia, torna público que se encontra aberta licitação na modalidade CP 004/2022, PA 27.729/2021, cujo objeto é a contratação de empresa especializada para Recapeamento e Reconstrução asfáltica em diversas Ruas do Bairro Jardim Sandra – RECURSOS FEDERAIS. Abertura dia **07/03/2022 às 15:00 horas**, no prédio da Secretaria Municipal de Licitações e Logística, sito à Rodovia Raposo Tavares, no Km 36, Estrada Boa Vista nº 575 – Condomínio Boa Vista – Cotia/SP. O edital estará à disposição a partir de **27/01/2022** através do site da Prefeitura Municipal de Cotia: www.cotia.sp.gov.br, quaisquer informações poderão ser obtidas pelo telefone (11) 4616-4846, ramal 2131.

EDITAL DE LEILÃO EXTRAJUDICIAL "LOTEAMENTO HORTO FLORESTAL" – JUNDIAÍ/SP

ROGÉRIO BOAJON, Leiloeiro Oficial -JUCESP nº 654, autorizado por FLORESTAL INCORPORAÇÕES LTDA, CNPJ 50.531.873/0001-41, com sede na Rua Eduardo Tomanik, 600, Sala 22, Chácara Urbana, nesta cidade, CEP: 13209-060; LOTE 01 EMPREENDIMENTOS SA (atual denominação de CIPASA DESENVOLVIMENTO URBANO SA), NIRE 35.300.192.540 e CNPJ 05.262.473/0111-53, com sede na Rua Álvares Penteado, 9º Andar, Sala 4, Centro, São Paulo/SP, CEP: 01012-001; CYRELA [illegible] ...de contrato padrão do plano de loteamento denominado "Horto Florestal" ao adquirente. Nos valores de 2ª Praça estão incluídas as despesas (como prêmios de seguro, IPTU, dos encargos contratuais, emolumentos, despesas de retomada e cobrança, ITBI e despesas com publicidade do presente Edital, já atualizadas até a data do leilão. Cumpre ao interessado buscar eventuais débitos e restrições sobre o imóvel, tais como, mas não se limitando a IPTU e Taxa Associativa. Forma de pagamento: A venda será à vista, observado o direito de preferência do Devedor Fiduciante na arrematação do imóvel (Art.27, Parágrafo2-B, Lei 9514/97), sem concorrência de terceiros, em 2ª praça pelo valor da dívida até o término do leilão. Condições Gerais: Os interessados deverão se cadastrar no site www.bcoleiloes.com.br e se habilitar antes do início do leilão. Os lances online e seus incrementos deverão estar de acordo com valores mínimos estabelecidos e concorrendo em igualdade de condições. A eventual desocupação do imóvel é de responsabilidade do arrematante. São ônus de responsabilidade do arrematante todas as despesas relativas à aquisição do imóvel no leilão, mas não se limitando ao pagamento de comissão do Leiloeiro de 5% (cinco por cento) sobre o valor de arrematação que será realizado no ato da arrematação, responsabilizando-se, ainda, pelas despesas com: Escritura Pública ou Particular com a Constituição de Alienação Fiduciária em Garantia, Imposto de Transmissão de Bem Imóvel (ITBI), eventuais foro, taxas, alvarás, certidões, emolumentos, IPTU e outros débitos etc. Os imóveis serão vendidos no estado em que se encontram e sem qualquer garantia, constituindo ônus do interessado verificar suas condições, antes das datas designadas para as alienações extrajudiciais eletrônicas e vistoriar o bem, não podendo o arrematante alegar desconhecimento das condições, características e estado de conservação. As comunicações ao devedor fiduciante nos endereços físicos do contrato bem como eletrônico: informando as datas, local e horário da praça foram enviadas na forma do artigo 27, Parágrafo 2º - A, da Lei 9.514/97. Mais informações no escritório do leiloeiro ou através dos telefones (11) 3197-0883 ou (11) 95483-3580. Rogério Boajon, matrícula 654 e contato@bcoleiloes.com.br

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA Online
1º Leilão: 08/02/2022 às 13h00
2º Leilão: 09/02/2022 às 13h00

Credora Fiduciária: GODOI E GODOI EMPREENDIMENTOS LTDA.
Fiduciante: GABRIEL ALESSANDRO RIVEROS LETELIER

LOTE 01 - COTIA/SP - DO FURQUIM

Um terreno urbano, designado Lote nº 09 da quadra "A", situado no loteamento denominado "Terra Nobre 3", localizado no Bairro do Furquim, Km 17.600 da Rodovia Raposo Tavares, em Cotia/SP, assim descrito: O perímetro inicia-se no ponto de intersecção do alinhamento da Rua 17 (Dezessete) com o lote nº 08; daí segue pelo alinhamento predial da Rua 17 (Dezessete) por uma distância de 5,00m; daí deflete à esquerda e segue em linha reta fazendo divisa com o lote nº 70, por uma distância de 31,79m; daí deflete à esquerda e segue em linha reta fazendo divisa com a Propriedade de Shigeru Shimomoto e Outros, por uma distância de 11,13m; daí deflete à esquerda e segue em linha reta fazendo divisa com o lote nº 08 por uma distância de 29,64m até encontrar o ponto de partida desta descrição, fechando o perímetro e encerrando assim uma área superficial de 236,61m². Inscrição Cadastral sob nº 23154.13.79.0335.00.000. Imóvel objeto da matrícula nº 125.637 do Oficial de Registro de Imóveis de Cotia/SP. **Observações: DESOCUPADO.**
Lance Mínimo 1º Leilão: R$ 288.840,37 | Lance Mínimo 2º Leilão: R$ 277.117,23

O arrematante pagará a comissão do leiloeiro, correspondente a 5% sobre o valor de arremate. O proponente vencedor por meio de lance on-line, terá prazo de 24 horas, para efetuar o pagamento da totalidade do preço ou sinal do negócio e a comissão do leiloeiro, conforme edital. Em caso de inadimplemento do valor de arrematação, por desistência do arrematante, desfar-se-á a venda e será cobrada uma multa moratória no valor de 4% (quatro por cento) da arrematação para pagamento de despesas administrativas, bem como poderá ainda o Leiloeiro emitir título de crédito para a cobrança de tais valores, encaminhando-o a protesto, por falta de pagamento, se for o caso, sem prejuízo da execução prevista no artigo 39, do Decreto nº 21.981/32, além da inclusão do arrematante nos serviços de proteção ao crédito. Caso haja arrematante, quer em primeiro ou segundo leilão, a escritura de venda e compra, será lavrada em até 30 dias, contados da data do leilão. Correrão por conta do arrematante, todas as despesas, inclusive foro e laudêmio, se for o caso, relativos à transferência do imóvel arrematado. Na forma do disposto no artigo 448, do Código Civil, o vendedor se responsabiliza por eventual evicção, somente até o valor recebido a título de arremate, excluídas quaisquer perdas. Eventuais avisos/menções de ações judiciais, no site zukerman.com.br, na divulgação desse leilão, aderirão ao edital. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981/32, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427/33, que regulam a atividade da leiloaria. Edital completo no site do leiloeiro. DORA PLAT, leiloeira oficial - JUCESP nº 744.

MAIS INFORMAÇÕES: 3003.0677 | www.ZUKERMAN.com.br

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA Online
1º Leilão: 08/02/2022 às 13h20
2º Leilão: 09/02/2022 às 13h20

Credora Fiduciária: GODOI E GODOI EMPREENDIMENTOS LTDA.
Fiduciantes: DOUGLAS ALEXANDRE DA SILVA união estável com MARTA LIMA BALSALOBRE

LOTE 01 - COTIA/SP - BAIRRO DO FURQUIM

Um terreno urbano, designado Lote nº 13 da quadra "..." [illegible] localizado no Bairro do Furquim, Km 17.600 da Rodovia Raposo Tavares, em Cotia/SP [illegible] **Observações: DESOCUPADO.**
Lance Mínimo 1º Leilão: R$ 147.920,88 | Lance Mínimo 2º Leilão: R$ 161.888,22

O arrematante pagará a comissão do leiloeiro, correspondente a 5% sobre o valor de arremate. O proponente vencedor por meio de lance on-line, terá prazo de 24 horas, para efetuar o pagamento da totalidade do preço ou sinal do negócio e a comissão do leiloeiro, conforme edital. Em caso de inadimplemento do valor de arrematação, por desistência do arrematante, desfar-se-á a venda e será cobrada uma multa moratória no valor de 4% (quatro por cento) da arrematação para pagamento de despesas administrativas, bem como poderá ainda o Leiloeiro emitir título de crédito para a cobrança de tais valores, encaminhando-o a protesto, por falta de pagamento, se for o caso, sem prejuízo da execução prevista no artigo 39, do Decreto nº 21.981/32, além da inclusão do arrematante nos serviços de proteção ao crédito. Caso haja arrematante, quer em primeiro ou segundo leilão, a escritura de venda e compra, será lavrada em até 30 dias, contados da data do leilão. Correrão por conta do arrematante, todas as despesas, inclusive foro e laudêmio, se for o caso, relativos à transferência do imóvel arrematado. Na forma do disposto no artigo 448, do Código Civil, o vendedor se responsabiliza por eventual evicção, somente até o valor recebido a título de arremate, excluídas quaisquer perdas. Eventuais avisos/menções de ações judiciais, no site zukerman.com.br, na divulgação desse leilão, aderirão ao edital. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981/32, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427/33, que regulam a atividade da leiloaria. Edital completo no site do leiloeiro. DORA PLAT, leiloeira oficial - JUCESP nº 744.

MAIS INFORMAÇÕES: 3003.0677 | www.ZUKERMAN.com.br

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA Online
1º Leilão: 08/02/2022 às 13h40
2º Leilão: 09/02/2022 às 13h40

Credora Fiduciária: GODOI E GODOI EMPREENDIMENTOS LTDA.
Fiduciantes: EDIR MARTINS BARBOSA e sua esposa MARCIA ALVES MARTINS

LOTE 01 - COTIA/SP - BAIRRO DO FURQUIM

Um terreno urbano, designado Lote nº 04 da quadra "..." [illegible] localizado no Bairro do Furquim, Km 17.600 da Rodovia Raposo Tavares, em Cotia/SP [illegible] **Observações: DESOCUPADO.**
Lance Mínimo 1º Leilão: R$ 147.392,09 | Lance Mínimo 2º Leilão: R$ 147.514,95

O arrematante pagará a comissão do leiloeiro, correspondente a 5% sobre o valor de arremate. [...] DORA PLAT, leiloeira oficial - JUCESP nº 744.

MAIS INFORMAÇÕES: 3003.0677 | www.ZUKERMAN.com.br

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA Online
1º Leilão: 08/02/2022 às 14h00
2º Leilão: 09/02/2022 às 14h00

Credora Fiduciária: GODOI E GODOI EMPREENDIMENTOS LTDA.
Fiduciante: VIVIAN QUEIROZ

LOTE 01 - COTIA/SP - BAIRRO DO FURQUIM

Um terreno urbano, designado Lote nº 40 da quadra "..." [illegible] localizado no Bairro do Furquim, Km 17.600 da Rodovia Raposo Tavares, em Cotia/SP [illegible] **Observações: DESOCUPADO.**
Lance Mínimo 1º Leilão: R$ 131.936,83 | Lance Mínimo 2º Leilão: R$ 129.103,50

O arrematante pagará a comissão do leiloeiro, correspondente a 5% sobre o valor de arremate. [...] DORA PLAT, leiloeira oficial - JUCESP nº 744.

MAIS INFORMAÇÕES: 3003.0677 | www.ZUKERMAN.com.br

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA Online
1º Leilão: 08/02/2022 às 14h20
2º Leilão: 09/02/2022 às 14h20

Credora Fiduciária: GODOI E GODOI EMPREENDIMENTOS LTDA.
Fiduciante: ALFRED MATHEW MHINA

LOTE 01 - COTIA/SP - BAIRRO DO FURQUIM

Um terreno urbano, designado Lote nº 04 da quadra "D" [illegible] localizado no Bairro do Furquim, Km 17.600 da Rodovia Raposo Tavares, em Cotia/SP [illegible] nº 174.640 do Oficial de Registro de Imóveis de Cotia/SP. **Observações: DESOCUPADO.**
Lance Mínimo 1º Leilão: R$ 179.603,84 | Lance Mínimo 2º Leilão: R$ 175.243,99

O arrematante pagará a comissão do leiloeiro, correspondente a 5% sobre o valor de arremate. O proponente vencedor por meio de lance on-line, terá prazo de 24 horas, para efetuar o pagamento da totalidade do preço ou sinal do negócio e a comissão do leiloeiro, conforme edital. Em caso de inadimplemento do valor de arrematação, por desistência do arrematante, desfar-se-á a venda e será cobrada uma multa moratória no valor de 4% (quatro por cento) da arrematação para pagamento de despesas administrativas, bem como poderá ainda o Leiloeiro emitir título de crédito para a cobrança de tais valores, encaminhando-o a protesto, por falta de pagamento, se for o caso, sem prejuízo da execução prevista no artigo 39, do Decreto nº 21.981/32, além da inclusão do arrematante nos serviços de proteção ao crédito. Caso haja arrematante, quer em primeiro ou segundo leilão, a escritura de venda e compra, será lavrada em até 30 dias, contados da data do leilão. Correrão por conta do arrematante, todas as despesas, inclusive foro e laudêmio, se for o caso, relativos à transferência do imóvel arrematado. Na forma do disposto no artigo 448, do Código Civil, o vendedor se responsabiliza por eventual evicção, somente até o valor recebido a título de arremate, excluídas quaisquer perdas. Eventuais avisos/menções de ações judiciais, no site zukerman.com.br, na divulgação desse leilão, aderirão ao edital. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981/32, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427/33, que regulam a atividade da leiloaria. Edital completo no site do leiloeiro. DORA PLAT, leiloeira oficial - JUCESP nº 744.

MAIS INFORMAÇÕES: 3003.0677 | www.ZUKERMAN.com.br

bradesco — **EDITAL DE LEILÃO SOMENTE "ON-LINE" DE CASA - MAIRIPORÃ/SP**

Sergio Villa Nova de Freitas, Leiloeiro Oficial inscrito na JUCESP sob nº 316, faz saber, através do presente Edital, que devidamente autorizado pelo Banco Bradesco S.A., promoverá a venda em Leilão (1º ou 2º) do imóvel abaixo descrito, nas datas, hora e local infracitados, na forma da Lei 9.514/97. Local da realização dos leilões: Em razão da Pandemia ocasionada pelo COVID-19, os leilões em cumprimento a lei 9.514/97, estão sendo realizados na modalidade online através do site do Leiloeiro Oficial: **www.freitasleiloeiro.com.br**. **Localização do imóvel: Mairiporã-SP.** Bairro Cumbary. Loteamento Campos da Cantareira – 1ª Gleba, Serra da Cantareira. Al. das Patativas, 113 (in loco nº 111) (Lt. 30 da qd. "C"). **Casa**. Áreas totais: terr. 1.105,00m² e constr. 243,51m² (lançada no IPTU 255,52m²). Matr. 18.926 do 1º RI local. Obs.: Consta na Av. 05 da citada matrícula, Termo de Responsabilidade de Preservação de Área Verde para Lote, c/ área de 222,12m². Regularização e encargos perante os órgãos competentes da divergência da área construída apurada no local com a lançada no IPTU e averbada no RI, inclusive da numeração predial, correrão por conta do comprador. O vendedor providenciará, sem prazo determinado, a baixa das Ações constantes nas Avs. 17, 18 e 19 da citada matrícula. Ocupada. (AF). **1º Leilão: 14/02/2022, às 10h00. Lance mínimo:** R$ 1.356.455,19. **2º Leilão: 17/02/2022, às 10h00. Lance mínimo:** R$ 535.200,00 (caso não seja arrematado no 1º leilão). **Condição de pagamento**: à vista, mais comissão de 5% ao Leiloeiro. Da participação on-line: O interessado deverá efetuar o cadastramento prévio perante o Leiloeiro, com até 1 hora de antecedência ao evento. O Fiduciante será comunicado das datas, horários e local de realização dos leilões, para no caso de interesse, exercer o direito de preferência na aquisição do imóvel, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, na forma estabelecida no parágrafo 2º-B do artigo 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017. Para mais informações - tel.: (11) 3117-1001. Os interessados devem consultar as condições de pagamento e venda dos imóveis disponíveis nos sites: **www.BANCO.BRADESCO/LEILOES** e **www.FREITASLEILOEIRO.com.br**

bradesco — **EDITAL DE LEILÃO SOMENTE "ON-LINE" DE APARTAMENTO - SÃO PAULO/SP**

Sergio Villa Nova de Freitas, Leiloeiro Oficial inscrito na JUCESP sob nº 316, faz saber, através do presente Edital, que devidamente autorizado pelo Banco Bradesco S.A., promoverá a venda em Leilão (1º ou 2º) do imóvel abaixo descrito, nas datas, hora e local infracitados, na forma da Lei 9.514/97. Local da realização dos leilões: Em razão da Pandemia ocasionada pelo COVID-19, os leilões em cumprimento a lei 9.514/97, estão sendo realizados na modalidade online através do site do Leiloeiro Oficial: **www.freitasleiloeiro.com.br**. **Localização do imóvel: São Paulo-SP.** Vila Mascote. Rua Engenheiro Jorge Oliva, 491. "Residencial Tabatinga I e II". Ed. Tabatinga I. **Ap. 93** (9º andar do bl. A). c/ uma vaga indeterminada na garagem coletiva. Área priv. 57,020m². Matr. 124.389 do 8º RI local. Obs.: O Vendedor teve conhecimento da existência da seguinte ação, ressaltando que ainda não foi citado: Ação de Consignação em Pagamento, processo nº 1018734-50.2021.8.26.0003, em trâmite na 3ª Vara Cível - Foro Regional III - Jabaquara. O Vendedor responde pelo resultado da ação, de acordo com os critérios e limites estabelecidos nas "Condições de Venda dos Imóveis" constantes do edital. O Vendedor providenciará sem prazo determinado, a baixa da Penhora constante na Av. 11 da citada matrícula. Ocupado. (AF). **1º Leilão: 14/02/2022, às 10h00. Lance mínimo:** R$ 1.004.872,87. **2º Leilão: 17/02/2022, às 10h00. Lance mínimo:** R$ 422.520,42 (caso não seja arrematado no 1º leilão). **Condição de pagamento**: à vista, mais comissão de 5% ao Leiloeiro. Da participação on-line: O interessado deverá efetuar o cadastramento prévio perante o Leiloeiro, com até 1 hora de antecedência ao evento. O Fiduciante será comunicado das datas, horários e local de realização dos leilões, para no caso de interesse, exercer o direito de preferência na aquisição do imóvel, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, na forma estabelecida no parágrafo 2º-B do artigo 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017. Para mais informações - tel.: (11) 3117-1001. Os interessados devem consultar as condições de pagamento e venda dos imóveis disponíveis nos sites: **www.BANCO.BRADESCO/LEILOES** e **www.FREITASLEILOEIRO.com.br**

Cultura perniciosa

Críticas e questionamentos são fundamentais, mas cancelamento ameaça a democracia

Helio Beltrão

Engenheiro com especialização em finanças e MBA na Universidade Columbia, é presidente do Instituto Mises Brasil

Há um ano o mais famoso dicionário dos Estados Unidos, Merriam-Webster, considerou que os termos "cultura do cancelamento" e "cancelar" (nova acepção) atingiram seu rígido critério de entrada na língua inglesa.

Até o ano passado, "cancelar" se referia apenas a eventos, assinaturas, pedidos comerciais, séries de televisão, e outros. Agora se refere a indivíduos, especialmente celebridades ou qualquer um que possua visibilidade pública.

O ato de cancelar, em seu sentido ingênuo, significa criticar e deixar de prestigiar alguém por conduta considerada questionável ou inaceitável. Certamente é genuíno direito de todos tomar a decisão individual de passar a ignorar fulano ou sicrana. Também sempre foi direito universal tecer críticas, preferencialmente honestas.

No entanto, cancelar tem consistido na convocação pública de amplo boicote ao infrator, cujo objetivo é decretar o ostracismo social por meio da inserção em lista negra (lista branca?). Os canceladores decretam a sentença e conclamam a turba incendiada a comportar-se simultaneamente como júri, juízes e justiceiros imediatos —sem direito a defesa.

Esse sentido controverso é o cerne da "cultura do cancelamento": um patrulhamento 24/7 pelos "despertos" (os "woke"), catalisado-res do frenesi de bullying desgovernado e de humilhação pública dos impuros.

Isso representa uma ameaça à liberdade de expressão e à democracia.

Penei para rememorar episódios de cancelamento de indivíduos de esquerda no Brasil. Em geral, a seta canceladora tem apontado para a direita e para os liberais, ou para celebridades que não se ocupam em bajular a agenda progressista dos despertos. Mas a intolerância é uma seta biruta que pode apontar para todos os lados.

O famoso advogado de esquerda Alan Dershowitz, que costuma assessorar clientes controversos como Donald Trump e Jeffrey Epstein, associa a intolerância atual ao macarthismo dos anos 1950 nos Estados Unidos, em seu livro "Cultura do Cancelamento" (Clube Ludovico, LVM Editora, 2022).

Para ele, embora originado pela atual geração "desperta", o cancelamento é filho bastardo do macarthismo de extrema direita com o stalinismo de extrema esquerda. A face mais potente do macarthismo, no entanto, não era o poder estatal, mas a patrulha de indivíduos, empresas, universidades e mídia.

Em novembro de 2019, Barack Obama afirmou em uma palestra para jovens que "a sociedade não avançará se criticarmos e julgarmos terceiros em tempo integral" e que o critério "de pureza e de só tacar pedras não levará ninguém a lugar algum".

Mas os patrulhadores chefe julgam-se semideuses da virtude, sabem sempre o certo e o errado e creem que o mundo é preto e branco, sem nuances, contexto ou ambiguidades. Reclinam-se no seu confortável sofá e se sentem bem despertos porque mobilizaram seus seguidores a expor e humilhar aquele fulano que soltou um tuíte. A presunção é sempre de culpa, uma desgraça que cria uma sociedade de desconfiança (como descreveu Alain Peyrefitte).

Muitos vão além e buscam a demissão e a retirada de patrocínios daqueles que expressam opinião diversa. É uma péssima ideia, pois a severidade da punição expedida pelo tribunal da opinião pública raramente é proporcional ao deslize.

O patrulhamento tem como efeito colateral a autocensura. O receio do cidadão comum de fazer piadas torna a vida mais sem graça. O intelectual se cala pois em alguns anos sua fala pode ser escavada e tirada de contexto. A aversão ao risco contamina artistas, humoristas, escritores, editores de livros e pesquisadores: a criatividade e a ciência são sufocadas.

Na cultura do cancelamento, tudo é perigoso, nada é divino maravilhoso, é preciso estar atento e forte. É proibido proibir!

DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | **QUI.** Cida Bento, **Solange Srour** | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Afastamento de trabalhador com Covid cai para dez dias

Prazo para caso de quem teve contato com infectado também passa a dez dias

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO O governo formalizou nesta terça (25) a redução no prazo de afastamento de trabalhadores com Covid-19.

O tempo de licença por infecção pelo coronavírus passa a ser de dez dias, contados do primeiro dia de sintomas ou da realização do teste. O afastamento poderá cair para sete dias caso o trabalhador esteja sem febre há mais de 24 horas, sem o uso de medicamentos antitérmicos, e tenha tido melhora dos sintomas respiratórios.

O prazo anterior, fixado pelas portarias 19 e 20, de junho de 2020, era de 14 dias. Nesta terça, os ministérios da Saúde, do Trabalho e Previdência e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento atualizaram os anexos dessas normas, nos quais são detalhados os parâmetros para prevenção, controle e mitigação dos riscos de transmissão.

A mudança era esperada desde o início do mês, quando o Ministério da Saúde reduziu os intervalos de isolamento para pessoas com Covid-19. A quarentena de infectados assintomáticos, para os quais a recomendação de afastamento de atividades e contatos era de dez dias, passou a cinco.

Para os trabalhadores, outra modificação trazida pelos novos anexos é o tempo de isolamento para os que tiveram contato com pessoas contaminadas e também o intervalo para que esse trabalhador seja considerado sob risco.

Na publicação anterior, o governo estabelecia como contatante os que estiveram com alguém contaminado entre 2 dias antes e 14 dias depois do início dos sintomas ou da confirmação laboratorial. A partir desta terça, esse intervalo cai para entre 2 antes e 10 dias depois.

Os casos suspeitos, por terem contato com alguém contaminado, ainda precisam ser afastados do trabalho presencial, mas o prazo de isolamento também cai de 14 para 10 dias. Esses trabalhadores também podem voltar antes às atividades presenciais.

A portaria prevê que o retorno pode ocorrer no 8º dia a partir do contato com a pessoa infectada, desde que a empresa encaminhe o funcionário para testagem a partir do 5º dia.

O trabalhador afastado porque está com Covid-19, porque está com sintomas gripais suspeitos ou porque teve contato com alguém contaminado tem direito à manutenção da remuneração durante o afastamento —essa garantia é mantida na atualização das portarias.

Na avaliação do advogado Luiz Guilherme Migliora, sócio da área trabalhista do Veirano Advogados, a nova redação das recomendações equipara o entendimento de casos suspeitos e confirmados. O que muda é que, para aqueles que somente estiveram próximos de pessoas contaminadas, as regras publicadas nesta terça autorizam o retorno antecipado.

"A mudança está atendendo a uma demanda de todo o mundo, uma vez que há mais casos e de menor gravidade. Lembrando que você sempre pode afastar por mais ou menos tempo a depender do que o laudo médico recomenda", diz.

A norma atualizada nesta terça pelo governo prevê que os trabalhadores com 60 anos ou mais ou que apresentem condições clínicas de risco para desenvolvimento de complicações da Covid-19 devem receber atenção especial, podendo ser adotado teletrabalho ou em trabalho remoto a critério do empregador.

Na norma anterior, de 2020, a recomendação era para dar prioridade a sua permanência em trabalho remoto ou em local que reduzisse o contato com outros trabalhadores e o público, quando possível.

Outra mudança trazida pelo governo Jair Bolsonaro (PL) nas publicações desta terça foi o intervalo de substituição das máscaras de proteção, que subiu de três para quatro horas.

É preciso criar uma lei trabalhista para o home office, afirma economista ligado ao PT

Fábio Zanini

SÃO PAULO Ex-presidente do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), o economista Márcio Pochmann, 59, defende a criação de uma espécie de CLT digital, que assegure direitos básicos para as novas formas de trabalho.

"O mundo do trabalho de certa forma não se enquadra mais na perspectiva salarial tradicional", afirma ele, que é uma das principais vozes ligadas ao PT no estudo das relações trabalhistas.

Presidente do Instituto Lula há cerca de um ano, Pochmann afirma que vem realizando no âmbito da entidade de debates sobre o assunto, ainda embrionários.

"É importante, dialogando com o futuro, ter algo que dê conta das diferentes realidades que o país tem", afirma ele, que também é professor da Unicamp e da Universidade Federal do ABC.

Neste início de pré-campanha, o tema trabalhista tem estado no centro das discussões econômicas, principalmente após o anúncio do PT de que pretende revogar, ao menos em parte, a reforma aprovada no governo de Michel Temer (MDB) em 2017, que flexibilizou direitos e criou novas modalidades, como o trabalho intermitente.

Para Pochmann, a discussão que precisa ser feita é até que ponto retornar ao status quo anterior aumentará a massa de assalariados. "Se vencer essa visão de que temos de desfazer tudo e voltar a ser o que era em 2016, a situação do emprego melhora?", questiona. "Significa o quê, para o pessoal das plataformas digitais, dessa nova forma de relação de trabalho?"

Por isso, diz ele, faz sentido olhar para a frente, tentando oferecer respostas a uma situação laboral que mudou drasticamente nos últimos anos, com o advento de trabalhadores por aplicativos e do home office.

O paralelo que ele faz é com a Consolidação das Leis do Trabalho, criada em 1943 e que atendia a necessidades hoje em larga medida superadas. "A CLT é uma carta para quem trabalha fora de casa. Mas a era digital impõe a possibilidade de trabalhar em qualquer lugar. Por isso, é que é preciso uma carta do trabalho que olhe isso também."

Ela terá apelo, acredita, para diversos segmentos, em especial os trabalhadores mais novos. "Temos uma parte da juventude hoje que jamais teve relação salarial. Se você acredita que é possível o assalariamento voltar a crescer, tem que explicar como fazer isso."

Madero engrossa lista de empresas que desistiram de IPO em 2022

Lucas Bombana

SÃO PAULO Em meio a condições consideradas desfavoráveis de mercado, a rede de restaurantes Madero e a empresa de segurança digital ISH Tecnologia informaram à CVM (Comissão de Valores Mobiliários) na segunda (24) que desistiram de fazer a abertura de capital (IPO, na sigla em inglês) na Bolsa (B3).

As duas se somam a outras dez empresas que também já haviam cancelado os planos de lançar ações no mercado apenas em 2022, como Dori Alimentos, Coty e Cencosud.

"O ambiente tem ficado bastante ruim para essas ofertas de ações, e espero que neste ano tenhamos muito menos IPOs quando comparado com os anos anteriores, dado que a volatilidade tanto do ponto de vista doméstico como externo deverá ser bem maior", diz Rodrigo Crespi, analista de mercado da Guide Investimentos.

Dados da Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais) apontam que as ofertas de ações movimentaram cerca de R$ 128 bilhões no ano passado, crescimento de 10,1% ante 2020.

"A gente pode ter um ano mais desafiador, porque logicamente um juro de 12% é diferente de um juro de 2%, então isso vai ter impacto do ponto de vista de Bolsa, de renda fixa, com realocação do portfólio", assinalou José Laloni, diretor da "Todo esse cenário mais conturbado faz com que o interesse dos investidores por ofertas de ações diminua bastante e, portanto, a janela para IPOs deve ser bem mais complicada", afirma o analista.

No caso do Grupo Madero, ainda em meados de novembro do ano passado, a companhia já havia optado por adiar a oferta de ações na Bolsa no aguardo de condições mais favoráveis de mercado. A oferta foi registrada pela dona das cadeias de restaurantes Madero e Jeronimo em agosto.

Com sede no Paraná e aproximadamente 250 unidades pelo país, o Madero foi fundado em 2005 pelo empresário Luiz Durski Junior.

Lucro da Microsoft sobe 21%, para US$ 18,8 bilhões

SAN FRANCISCO | FINANCIAL TIMES O lucro da Microsoft subiu 21%, para US$ 18,8 bilhões, no quarto trimestre de 2021, superando as expectativas de Wall Street, com a demanda por serviços em nuvem continuando a impulsionar seu desempenho.

No entanto, as ações da empresa caíram quase 5% nas negociações pós-pregão após a divulgação dos resultados nesta terça-feira (25), para um valor mais de 20% abaixo do recorde atingido no fim do ano passado, em meio a um recuo geral das ações de tecnologia. A retração ocorreu apesar dos ganhos e margens de lucro, que foram acima das expectativas de muitos analistas.

As notícias do final de ano animado da Microsoft vieram uma semana depois que ela revelou um acordo para pagar US$ 75 bilhões pela empresa de games Activision Blizzard.

No último trimestre, a receita da empresa com jogos cresceu apenas 8%, com as vendas do console Xbox subindo 4%, devido a uma comparação desafiadora no ano anterior, quando a receita de games saltou pela metade.

A Microsoft registrou receitas de US$ 51,7 bilhões.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Aplicativo digitaliza contato entre atacadistas do Brás e lojistas no país

Startup com mil fornecedores cadastrados e 50 mil compradores mira serviços financeiros

Suzana Petropouleas

SÃO PAULO Um dos maiores polos de vestuário atacadista do Brasil, a região do Brás (região central de SP) tem vivenciado um novo processo de digitalização, focado em aplicativos para celular que fazem a ponte entre o comércio local e lojistas de todo o país que compram suas peças ali.

Antes, os comerciantes dependiam do contato direto com os atacadistas através de alguns poucos sites, aplicativos de mensagens e, principalmente, dos chamados "assessores", trabalhadores informais que fazem as compras do estoque presencialmente e enviam os itens para todo o país — muitos através de ônibus fretados abastecidos de mercadorias, que levam roupas e acessórios para pequenos e médios lojistas de norte a sul. A região é considerada o principal centro de distribuição de pronta entrega de confecções do Brasil.

Novas empresas, como a Zax, que recebeu aporte de R$ 32 milhões do fundo Atlantico em outubro, numa rodada que incluiu também investimentos dos fundos Caravela Capital, FJ Labs, Canary e GFC, agora conectam as duas pontes desse mercado via aplicativo de marketplace.

A ideia do negócio surgiu depois que o empreendedor Bruno Ballardie, 37, vendeu o ecommerce de óculos eÓtica para o grupo francês Essilor, em 2015. O empreendimento bem-sucedido criou o desejo de continuar no mercado de lifestyle, diz Ballardie, que se uniu a Fernando Zanatta, ex-diretor de tecnologia da Dafiti e do Buscapé, para tirar a ideia do papel.

A dupla decidiu mirar o modelo de marketplace voltado ao atacado, um mercado ainda pouco explorado no país. A participação das vendas online no varejo saltou de 6% para 11% no primeiro ano da pandemia, segundo o índice Mastercard SpendingPulse. A ABComm (Associação Brasileira de Comércio Eletrônico) também estima que, no mesmo período, o ecommerce tenha chegado a responder por mais de 10% do faturamento total do varejo, ante 5% em 2019.

Bruno Ballardie e Fernando Zanatta, cofundadores da Zax, que faz ponte entre atacadistas do Brás e varejistas pelo Brasil e recebeu aporte de R$ 32 milhões em rodada de investimento no ano passado Divulgação

Os empreendedores estimam, no entanto, que o atacado — que em 2020 faturou R$ 287,8 bilhões no Brasil, segundo a Abad (Associação Brasileira de Atacadistas e Distribuidores) — tenha participação no ecommerce inferior a 1%.

O B2B de atacado de moda no país é segmento com receita estimada em US$ 445 bilhões, segundo os empreendedores. É um mercado a ser explorado e desenvolvido, diz Ballardie, e seu objetivo é tornar a empresa um negócio de crescimento acelerado, inspirado em modelos de sucesso como a gigante chinesa do atacarejo Alibaba e, no Brasil, o Mercado Livre.

O primeiro desafio foi tornar o aplicativo conhecido e utilizado pelos comerciantes brasileiros, chineses, bolivianos e árabes à frente das mais de 15 mil lojas do caldeirão cultural efervescente que forma a região do Brás.

"Foi um trabalho difícil, porque é um mercado pulverizado. Ao mesmo tempo, fomos beneficiados pela mudança de comportamento dos lojistas nos últimos anos. Hoje, estão acostumados com Instagram, WhatsApp... A realidade das lojas é celular na mão", diz Ballardie.

> **"Foi um trabalho difícil, porque é um mercado pulverizado. Ao mesmo tempo, fomos beneficiados pela mudança de comportamento dos lojistas nos últimos anos. A realidade das lojas é celular na mão"**
>
> **Bruno Ballardie** sócio da Zax

O aplicativo visa unificar as opções de compra de acessórios e itens de vestuário dos lojistas de moda pelo Brasil em uma só plataforma. Segundo o cofundador, a solução tem hoje mais de mil fornecedores cadastrados e 50 mil compradores, fruto de trabalho intenso de captação, divulgação e aperfeiçoamento das soluções oferecidas, e os usuários relatam ganho de produtividade nas operações, afirma Ballardie.

Mas auxiliar nas operações diárias dos comerciantes é só uma parte do negócio. Um dos atrativos dos clientes do Brás foi o baixo capital de giro dos comerciantes, afirma o empreendedor, o que tornou a região propícia para o desenvolvimento de uma solução que ofereça serviços financeiros aliados à plataforma de marketplace.

Além de encurtar a distância entre lojas e produtos, a empresa busca agora facilitar o crédito e pagamento.

A estratégia de oferecer crédito em plataformas de vendas, adotada por gigantes como a Via, busca unir a demanda, capacidade logística, curadoria e inventário dos mercados online com soluções de pagamentos, financiamentos, seguros e empréstimos no mesmo ecossistema. Além de gerar novas fontes de renda, o modelo expande o mercado e pode diminuir os custos de aquisição que impactam o consumidor final.

A Zax já oferece opções de crédito sem juros, mediante avaliação, para varejistas pelo país. Também tem mapeado perfis de risco de clientes e desenhado soluções de pagamento para o setor. A ideia é expandir as atividades financeiras.

Startup que distribui filtros de água começa projeto piloto em programa da Ambev

Daniela Arcanjo

SÃO PAULO A startup Água Camelo, que distribui kits de filtro e armazenamento de água, ampliou a sua operação para a Aldeia Mutum, no Acre, e o Morro da Providência, no Rio e Janeiro. A ação é um projeto-piloto que ocorre no programa Aceleradora 100+ da cervejaria.

A empresa de inovação foi uma das selecionadas no ano passado pela aceleradora da Ambev, ao lado de Afroimpacto, Aterra, Diversidade.io, Inspectral, IQX, Recigases, TRC Sustentável e Via Floresta. Além de treinamento e mentoria, as startups participantes têm a chance de receber aportes ao longo do programa.

As entregas nas localidades, escolhidas por causa de suas discrepâncias, estão sendo acompanhadas pelos mentores da multinacional e seus parceiros. É a terceira turma contemplada pela iniciativa, em um momento em que a agenda ESG (sigla em inglês para os princípios ambiental, social e de governança) ganha força.

Fundada em agosto de 2020, a startup distribui kits que levam um filtro de água portátil, um suporte de parede e um manual de uso e manutenção para pessoas em situação de vulnerabilidade. Segundo os fundadores, o filtro tem validade de dez anos: para limpar, basta passar a água pelo fluxo contrário.

"Muitas vezes, para trocar a vela do filtro, a pessoa tem que fazer um deslocamento tão grande que ela acaba deixando de lado e bebendo uma água que não é própria para ser consumida", afirma um dos fundadores da startup, Rodrigo Belli.

Cada kit é ofertado por R$ 500 — nos quais já está embutido o lucro da empresa—, mas o consumidor final sempre o recebe de graça. No início, pessoas físicas e jurídicas apadrinhavam beneficiários, mas hoje a startup mudou o seu modelo de negócio.

"Há muitas empresas olhando para isso como um serviço que elas querem contratar", diz Belli. Por isso, o foco é oferecer essa solução a grandes companhias, normalmente as que querem promover algum impacto social.

Chegar à Amazônia era uma meta do grupo, especialmente de João Manuel Piedrafita, acreano que cresceu em contato com comunidades indígenas por influência de seus pais — sua mãe trabalha com extrativistas, e seu pai é antropólogo.

Criança indígena pega água em kit de filtro e armazenamento da startup Água Camelo, na Aldeia Mutum (Acre) Divulgação

A empresa tem remunerado parceiros estratégicos nos locais, como líderes e assistentes sociais, para garantir a chegada e o uso do kit.

A mochila onde vai a água e o filtro nela acoplado são pensados para "não depender do asfalto".

A ideia da startup começou na faculdade de design da PUC-Rio, onde os três amigos de infância se reencontraram, e tomou forma em 2020, quando distribuíram mais de 500 kits.

"Entendemos que poderia ser uma forma de mitigar os efeitos da pandemia. Muito se falava para lavar a mão, mas tinha gente que não tinha água em casa", diz Belli. O terceiro fundador da marca é Daniel Ilg Leite.

A escolha de estruturar uma empresa, não uma ONG, também foi pensada.

"O lucro faz a gente conseguir colocar gasolina nessa engrenagem. Com dinheiro, a gente consegue reverter ainda mais dinheiro para a empresa, crescer e gerar mais impacto. A gente não quer ficar dependendo de doações ou dinheiro externo, quer gerar o nosso próprio dinheiro", afirma o designer.

623.901 mortes
País registrou 489 óbitos entre segunda e terça

24.334.072 casos
Mais 199.126 infecções foram detectadas em 24 horas

UTI do Instituto de Infectologia Emílio Ribas, em São Paulo Reinaldo Canato - 8.jan.21/UOL/Folhapress

Ocupação de UTIs para Covid cresce em 18 estados e no DF

Sete estados e Distrito Federal estão com 80% ou mais dos leitos públicos em uso por pacientes com coronavírus

PORTO ALEGRE, BRASÍLIA, RECIFE, RIO DE JANEIRO, BELO HORIZONTE, SALVADOR E SÃO PAULO Impulsionada pela nova escalada dos casos de Covid-19 no país, a ocupação de leitos de UTI (unidade de terapia intensiva) para pacientes com coronavírus cresceu em 18 estados e no Distrito Federal na última semana, aponta levantamento da **Folha** com base em dados de governos estaduais.

Ao menos oito unidades da Federação já têm 80% ou mais das vagas públicas de UTI para Covid-19 em uso. Há uma semana, eram apenas quatro estados nesse mesmo patamar.

Distrito Federal, Rondônia, Rio Grande do Norte, Mato Grosso, Goiás, Espírito Santo, Piauí e Pernambuco estão em situação mais crítica.

A piora aconteceu a despeito de os governos estaduais terem reaberto leitos para o tratamento de pacientes com a doença. Em uma semana, o número de vagas para pacientes graves cresceu de 15.115 para 15.876 no país, um aumento de cerca de 5%.

O Distrito Federal está entre as unidades da Federação que apresentam cenário mais grave. A capital federal tinha 90% dos leitos públicos de UTI ocupados no final da tarde desta terça-feira (25).

Ao todo, a capital possui 73 vagas de UTI para Covid, sendo que 58 estão ocupadas, 10 estão aguardando liberação (bloqueadas) e 5 estão vagas.

A taxa de ocupação chegou a 100% no DF na manhã desta terça, mas o governo local liberou leitos que estavam bloqueados e o percentual caiu a 90%. O governo informou que 9 em cada 10 internados não estão vacinados ou não receberam ao menos duas doses.

Por causa da explosão de casos, o governador Ibaneis Rocha (MDB) decidiu que, a partir de segunda, o Hospital Regional de Samambaia vai atender apenas Covid, com exceção da maternidade.

Há 98 pacientes aguardando leitos de UTI na capital federal, sendo 7 desses com confirmação ou suspeita da Covid.

Outros dois estados do Centro-Oeste também superaram o patamar de 80% de ocupação. Em Goiás, 84% dos leitos de UTI já têm pacientes. Na capital, a pressão é ainda maior: mesmo com o incremento de 73 novas vagas em uma semana, 97% estão cheias.

A Prefeitura de Goiânia reduziu o limite de público de eventos e estabelecimentos para 500 pessoas. Bares, restaurantes, celebrações religiosas, shopping centers, academias, salões de beleza e teatros só podem funcionar com 50% da sua capacidade.

Em Mato Grosso, o índice de UTIs ocupadas é de 85%, superior ao da semana passada. Na capital, UBSs (unidades básicas de saúde) de quatro bairros suspenderam os atendimentos na segunda (24) após profissionais de saúde terem sido diagnosticados com gripe ou Covid-19.

No Rio Grande do Norte, a ocupação das UTIs chega a 84%. As UTIs públicas pediátricas, com apenas três vagas, estão lotadas.

O governo do estado informou nesta terça que está expandindo a oferta de leitos críticos e clínicos na rede. A média móvel de pedidos por leitos quadruplicou de 15, em 26 de dezembro, para cerca de 60 um mês depois.

O Piauí também teve um aumento na ocupação de UTIs na última semana, saindo de 58% para 82%. Agora figura na lista de estados com maior risco de colapso na saúde.

Pernambuco, por sua vez, reduziu o percentual de 86% para 80%, mas se mantém em um cenário considerado crítico. A queda proporcional foi causada pelo aumento no número de leitos disponíveis, que subiu de 952 para 1.002.

Os eventos foram limitados a 3.000 pessoas pelo menos até segunda (31), e o passaporte vacinal passou a ser exigido em bares, restaurantes, cinemas, teatros e museus.

O médico Bruno Ishigami, do Recife, explica que, mesmo com a variante ômicron provocando mais casos leves, a quantidade de casos é tão elevada que o número absoluto de pessoas que precisam de internação é muito alto.

"Festas privadas, por serem uma aglomeração com 3.000 pessoas, podem ajudar a aumentar a taxa de contaminação com vírus circulantes. O ideal é a proibição das festas agora", afirma.

Nos estados do Norte, Rondônia enfrenta um quadro crítico, com 91% das 55 vagas para pacientes graves com Covid-19 ocupadas. Um dos três hospitais com leitos públicos para Covid da capital, Porto Velho, já não tem mais vagas.

> Festas privadas, por serem uma aglomeração com 3.000 pessoas, podem ajudar a aumentar a taxa de contaminação com vírus circulantes. O ideal é a proibição das festas agora
>
> **Bruno Ishigami**
> médico

O Amazonas tinha 81% dos leitos de UTI para Covid-19 ocupados no domingo (23). Desde o início do mês, o número de pacientes graves internados na capital amazonense mais do que triplicou, saltando de 23, em 1º de janeiro, para 74 no domingo.

O governo do estado decidiu alterar o registro de leitos na segunda, deixando de informar quantos estão disponíveis para Covid-19.

O Amazonas divulgou apenas o número de pacientes internados com a doença e a ocupação total das UTIs (60%), incluindo as que não são direcionadas para Covid. Questionada pela **Folha** sobre a mudança, a secretaria de Saúde não respondeu.

No estado do Rio de Janeiro, a ocupação de UTIs públicas deu um salto de 10% para 62% em apenas uma semana, mesmo com a abertura de 60 leitos. A maioria dos internados é de idosos com comorbidades e pessoas que não tomaram o reforço da vacina.

O tempo médio de espera para hospitalização chega a mais de dois dias na capital fluminense. A ocupação pulou de 64% para 77% no período.

Em São Paulo, a taxa também cresceu e chegou a 65% no estado e 72% na capital, segundo a Fundação Seade. Ambas as gestões seguem ampliando o número de leitos de UTI para Covid, mas ainda assim a ocupação segue em alta.

Na avaliação de Isaac Schrarstzhaupt, coordenador da Rede Análise Covid-19, a escalada de casos está disseminada em todo o país.

"É tão maior o número de novos casos que, mesmo se a gente tiver 90% de redução na proporção das hospitalizações de antes da vacina, isso ainda pode pressionar o sistema de saúde", afirma.

Fernanda Canofre, Raquel Lopes, José Matheus Santos, Júlia Barbon, Matheus Rocha, Ana Luiza Albuquerque, Leonardo Augusto, Franco Adailton, Paulo Eduardo Dias e Isabela Palhares

Ômicron e os não vacinados

Aqui, onde tantos querem se imunizar, não vacinados são fruto da negligência

Atila Iamarino
Doutor em ciências pela USP, fez pesquisa na Universidade Yale. É divulgador científico no YouTube em seu canal pessoal e no Nerdologia

Decisões na pandemia sempre vão desagradar alguém. Especialmente quando restringem a liberdade ou o bolso. Por isso, quem decide adora um bode expiatório onde podem depositar a culpa. Quem morre de Covid-19 são só os fracos, é só trancar os idosos em casa, o vírus chinês... o que não faltou foram alvos simples para serem culpados por ações necessárias ou pela falta delas. E com o tsunami de casos da ômicron, o alvo agora são os não vacinados.

Os resultados de quase 190 mil dinamarqueses com Covid mostram que o risco de hospitalização da ômicron é de 65% em relação à variante delta. Para cada 100 infectados que a delta mandaria para o hospital, a ômicron manda 65. Números que ainda precisam passar pela revisão de outros cientistas, mas ainda indicam um futuro turbulento, principalmente onde falta vacina. Se a ômicron causa muito mais casos, apesar de ser uma fração menor ser hospitalizada, o número total ainda pode ser muito alto.

Botucatu, em São Paulo, deixa muito claro porque são as vacinas que estão fazendo a diferença. Com mais de 90% dos moradores com a segunda dose ou dose única e mais de 67% com dose de reforço, em 25 de janeiro a cidade bateu outro recorde, com 2.033 casos ativos. Mostrando que a ômicron se transmite entre vacinados. Mas apesar dos recordes, são 12 internados em enfermaria e uma pessoa na UTI com Covid. Porque as vacinas ainda protegem contra complicações.

Muito da gestão da pandemia tem sido ditado pela ocupação de hospitais. E quem ocupa hospitais são principalmente os não vacinados. No Reino Unido, por exemplo, mais de 60% dos leitos de UTI Covid são ocupados pelos menos de 10% da população que não se vacinou. No hospital Emílio Ribas, em São Paulo, quase 80% dos internados não completaram a imunização. E, como disse o premiê de Québec, no Canadá, as pessoas começam a ficar incomodadas quando percebem que a minoria que se recusa a se vacinar "atrapalha" a vida dos outros. Não só pelo fechamento para controlar os casos, mas também por conta de quem mais precisa de atendimento hospitalar por qualquer outra condição de saúde e vê seu atendimento sendo adiado porque o hospital está lotado por quem escolheu não colaborar se vacinando. Não é à toa que tiraram o álcool e a maconha de não vacinados.

Quanto mais não vacinados internados, mais fácil fica o discurso de que eles são os responsáveis por parar tudo. Desde o ano passado o presidente dos EUA já se refere à "pandemia dos não vacinados". Como quem diz "se sua vida não voltou ao normal, é culpa de quem não se vacinou". Uma fala que tem base na realidade, mas distorce o real problema e naturaliza mortes que não precisam acontecer. Enquanto o vírus circula, todos estão em risco e podem precisar de leitos.

Essa atribuição de culpa também exime quem fala de tomar providências para resolver o problema elevando a vacinação. Aqui no país, a falta de vacinas acontece pela falta de planejamento e de campanhas nacionais. Ao invés de visitar crianças com problemas cardíacos que antecedem a vacina infantil, o governo federal precisa ajudar regiões como o interior da Amazônia a chegarem no patamar de imunização que grandes metrópoles atingiram. Pelas próximas semanas, o Brasil verá leitos enchendo. Mas as regiões com a pior infraestrutura de saúde também têm os piores índices de vacinação e seus poucos leitos serão muito mais necessários do que em regiões mais ricas. De novo.

No Brasil, onde tantos querem se vacinar e imunizar seus filhos, mais do que um alvo fácil para culpa, não vacinados são o resultado da negligência e do desamparo.

Adoecimento mental preocupa Brumadinho

Consumo de remédios controlados cresceu 31,4% em relação a 2018, antes de rompimento da barragem em MG

Isac Godinho

CONSELHEIRO LAFAIETE (MG) Três anos após o rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão, da mineradora Vale, a população de Brumadinho, em Minas Gerais, ainda lida com os transtornos psicológicos deixados pela tragédia.

Segundo levantamento da prefeitura da cidade, o consumo de medicamentos ansiolíticos e antidepressivos cresceu na cidade desde a tragédia. Em 2021, o uso desse tipo de remédio foi 31,4% maior que em 2018, ano anterior ao rompimento da barragem.

Em 2018, antes da tragédia, foram distribuídos, em média, 68.918 comprimidos desse tipo de medicamento por mês. Em 2019, quando aconteceu o rompimento da barragem, foram 82.282 unidades por mês. Em 2020 esse número subiu para 90.790. Em 2021, foram distribuídos 90.598 comprimidos ao mês na cidade.

Para alguns remédios, como a sertralina, utilizada para tratar depressão, a distribuição teve aumento de 103% em 2021, em relação a 2018. O número de comprimidos distribuídos por mês passou de 10.807 unidades para 22.043.

Os dados foram levantados pela Secretaria de Saúde de Brumadinho com base na distribuição de medicamentos por meio da rede pública municipal de saúde.

Maria Regina da Silva perdeu a filha, Elen Silva, na tragédia. Para ela, o cuidado psicológico e o uso de medicamentos foram importantes para conseguir manter a saúde mental.

Ela acredita que enquanto não houver um julgamento dos responsáveis pela tragédia ainda será difícil superar o ocorrido. "Lidar com luto não é fácil. Para nós, é como se aquele crime se repetisse todos os dias", afirma ela.

Maria Regina faz parte da diretoria da Avabrum (Associação dos Familiares de Vítimas e Atingidos). O grupo criou um memorial para honrar as vidas perdidas e lembrar a sociedade do que aconteceu em Brumadinho em 2019.

Outro elemento de atenção são os casos de tentativa de suicídio e automutilação. Em 2018, foram registrados 27 casos na cidade. Nos anos seguintes, houve um aumento nesse tipo de ocorrência, sendo registrados 50 casos em 2019, 47 casos em 2020 e 146 casos em 2021.

De acordo com Eduardo Callegari, secretário de saúde de Brumadinho, os casos de violência doméstica e familiar também aumentaram. O consumo de álcool e drogas é outro ponto de atenção para a administração da cidade.

"O impacto da tragédia é muito mais amplo e duradouro do que as pessoas imaginam", afirma Callegari.

De acordo com a psicóloga Aline Dutra de Lima, por ser algo inesperado para a população, esse tipo de tragédia pode fazer com que pessoas que lidam com problemas psicológicos tenham momentos de crise intensificados.

Aline coordenou a equipe de psicólogos da ONG NaAção em Brumadinho após o rompimento da barragem. Em sua atuação ela também percebeu o aumento das tentativas de suicídio e do índice de medicalização da população.

Além disso, outro elemento importante, e muitas vezes negligenciado pelo poder público e pelas pessoas, é a prevenção da saúde mental.

Desde o rompimento da barragem, em janeiro de 2019, a prefeitura ampliou os atendimentos psicológicos e psiquiátricos na cidade. Os serviços são disponibilizados em todas as unidades de saúde da família, bem como nos centros de atenção psicossocial.

"Ampliamos o número de profissionais na rede, para conseguir atender a demanda do município. A gente não tem uma previsão de quando vai conseguir controlar essa situação no município porque as pessoas ainda sentem isso até hoje. E não apenas as pessoas que perderam familiares, de certa forma, atingiu a cidade como um todo", afirma o secretário de saúde.

Indígenas fazem ato, nesta terça, pelos três anos do desastre em Minas Washington Alves/Reuters

AGU questionou dispensa de licitação para transportar doses

Parecer foi feito dentro de processo de contratação de empresa sem experiência

Vinicius Sassine

BRASÍLIA Um parecer da AGU (Advocacia-Geral da União) apontou falta de justificativa para a dispensa de licitação que resultou na contratação, pelo Ministério da Saúde, da empresa responsável por transportar as doses da vacina contra Covid-19 para crianças de 5 a 11 anos.

A IBL (Intermodal Brasil Logística), a empresa contratada, não tinha experiência com transporte de vacinas no SUS.

As primeiras entregas foram marcadas por problemas como atraso de voos, falta de equipes em aeroportos, bate-cabeça sobre quem deveria transportar os imunizantes até os depósitos dos estados, condições impróprias de armazenamento e supercongelamento de doses.

Vacinas pediátricas da Pfizer chegam a Santa Catarina em caixa de papelão com gelo Divulgação

O documento da AGU, obtido pela **Folha**, foi elaborado por advogados da União que atuam na consultoria jurídica no ministério.

No parecer, os advogados afirmaram ser temerário estabelecer um prazo de até cinco anos para os contratos assinados, uma vez que não houve concorrência pública para a escolha da empresa.

O parecer jurídico questionou a defasagem das quantidades de vacinas da Pfizer a serem transportadas e sugeriu que a composição dos preços praticados passasse por uma análise do custo das entregas anteriores dos imunizantes, feitas por uma segunda empresa, a VTCLog, com contrato vigente com o Ministério da Saúde desde 2018.

O ministério deu início ao processo de dispensa de licitação em 3 de agosto. A efetivação dos contratos com a IBL, no valor de R$ 62,2 milhões, só ocorreu quase cinco meses depois, em 22 de dezembro.

Até 13 de dezembro, dia do parecer da consultoria jurídica junto ao Ministério da Saúde, não havia uma justificativa para a dispensa de licitação, como consta no documento.

"Não foi apresentada justificativa para a realização da contratação por dispensa de licitação, frente a possibilidade, ao menos hipotética, de realização da contratação precedida do devido procedimento licitatório, o que deverá ser sanado", cita o parecer.

Diante do apontamento feito, o DLOG (Departamento de Logística em Saúde) elaborou, no dia seguinte, uma nota técnica para justificar a ausência de licitação.

O rito de um processo do tipo seria demorado, com necessidade de adoção de diversos procedimentos e consulta a diferentes instâncias, afirmou. A legislação para compras na pandemia garante a dispensa, conforme o DLOG.

O ministério decidiu manter o prazo de até cinco anos para a vigência dos contratos, tanto o de armazenamento quanto o de transporte. Para isso, a pasta decidiu classificar os serviços como contínuos.

Os contratos, frutos de um processo de escolha considerado emergencial, preveem uma vigência de 12 meses, prorrogáveis até cinco anos.

"A prorrogação da presente contratação poderá ser questionada sobre o ponto de vista econômico, isso porque um dos requisitos para a prorrogação de serviço continuado é a obtenção de preços e condições mais vantajosos para a administração", afirmaram os advogados da União.

A demora na dispensa de licitação tornou defasadas as quantidades de doses da Pfizer a serem armazenadas e transportadas, segundo o parecer jurídico. Mesmo assim, essas quantidades foram mantidas: 16,6 milhões de frascos, ou 100 milhões de doses.

A solução proposta pelo ministério, diante do parecer jurídico e antes mesmo da assinatura do contrato, foi a realização de um aditivo contratual, "que pode ser analisado no momento oportuno".

A definição dos preços a serem praticados, por sua vez, foi feita a partir de uma pesquisa junto às empresas de logística interessadas no contrato. Foi o único instrumento utilizado pelo ministério.

A consultoria jurídica junto à pasta sugeriu que houvesse tanto uma análise do custo de entregas anteriores quanto uma análise do que deu errado nesse contrato.

Para distribuir as vacinas, o ministério usou um contrato assinado em 2018 com a VTCLog. No último dia 7, a empresa foi comunicada pelo fiscal de contrato sobre a aplicação de multa de R$ 1,47 milhão por descumprimento de indicadores de desempenho.

Os técnicos avaliam ainda uma segunda multa, no valor de R$ 6 milhões, por falta de "acurácia" no inventário dos insumos em saúde, e uma advertência por falhas em transporte de material biológico de um Lacen (Laboratório Central de Saúde Pública).

O contrato com a VTCLog tem previsão de cinco anos, até 2023, com valor anual de R$ 97 milhões. Aditivos foram firmados, e a pasta já previa, em julho de 2020, que o valor chegaria a R$ 730,2 milhões.

A Saúde afirmou que a contratação seguiu os procedimentos legais necessários e que os contratos assinados estão de acordo com o que preconiza o parecer jurídico.

"Todos os contratos deste ministério são acompanhados e fiscalizados por equipes designadas para tal."

A IBL ofertou o menor preço e houve análise dos custos de entregas anteriores, mas "não há preços para comparação", por se tratar de doses de vacinas a serem mantidas e transportadas entre -90°C e -60°C, segundo o ministério.

"Utilizamos todos os parâmetros da instrução normativa de pesquisa de preços do Ministério da Economia, para a escolha da proposta mais vantajosa para a administração", disse.

A IBL afirmou que os serviços de distribuição e acondicionamento das vacinas estão ocorrendo com altos padrões de segurança, que foram exigidos no chamamento público com dispensa de licitação.

"Estamos mantendo um contingente considerável de profissionais do mais alto gabarito, a postos para garantir o atendimento de quaisquer demandas. Todas as etapas sob a nossa responsabilidade foram cumpridas com excelência, sem qualquer prejuízo ou risco à qualidade das vacinas", disse.

Segundo a empresa, não houve comprometimento da integridade das vacinas por perda de temperatura.

Profissional de saúde aplica vacina contra a Covid-19 na UBS Nossa Senhora do Brasil, em São Paulo Rivaldo Gomes - 8.jan.22/Folhapress

Como são investigados os efeitos adversos de vacinas

Órgãos recorrem a especialistas, exames e literatura para apurar queixas

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO Desde o início da vacinação contra a Covid-19, dúvidas, questionamentos, mentiras e erros falaram de efeitos adversos graves. Mas fique tranquilo: as vacinas foram testadas, são seguras e eficientes em evitar quadros mais graves e mortes pela doença.

Há, claro, eventos adversos bem documentados sobre vacinas para as mais diversas doenças. No caso dos imunizantes contra a Covid, são comuns dores no local da aplicação, de cabeça, calafrios e sensação febril. Em geral, são efeitos leves.

Mas também há eventos adversos tidos como graves. Nesse grupo estão situações que exigem hospitalização de pelo menos 24 horas ou prolongamento de hospitalização já existente, disfunção significativa e/ou incapacidade persistente, anomalia congênita, risco de morte ou o próprio óbito.

E, para saber dos eventos, agir e tentar evitar problemas mais sérios, há um manual internacional, documentos nacionais — como o Manual de Vigilância Epidemiológica de Eventos Adversos Pós-Vacinação — e sistema de farmacovigilância vacinal em níveis nacional e estadual.

A primeira coisa a ser levada em conta na classificação de um evento adverso é a temporalidade: relação de tempo entre o evento ocorrido (uma dor no local onde a injeção foi aplicada, por exemplo) e a vacina.

E, como aponta a OMS (Organização Mundial da Saúde), um evento adverso pós-vacinação tem a questão "tempo" embutida, mas não necessariamente relação causal. Ou seja, por mais que um evento tenha ocorrido após a vacinação, isso não significa que a vacina causou o problema, que pode ter origem em um evento fortuito ou em doenças previamente existentes.

Uma pessoa toma uma vacina e é atropelada em seguida, exemplifica Renato Kfouri, pediatra, infectologista e diretor da SBIm (Sociedade Brasileira de Imunizações). Isso é um "evento" ocorrido após a vacinação, mas não necessariamente culpa da vacina.

Praticamente toda a população do país está sendo imunizada e, assim, é comum que a vacinação acabe na janela de tempo de outros eventos. Derrame, infarte, um acidente de trânsito, tudo isso pode acontecer e entrar em um espaço temporal perto da vacinação.

"A Covid colocou a gente em uma situação muito complicada. Estamos vacinando muita gente ao mesmo tempo. Tudo o que acontece na vida das pessoas está associado temporalmente às vacinas", diz Eder Gatti, infectologista da divisão de imunização do Centro de Vigilância Epidemiológica de São Paulo. "Essas coincidências acabam ficando mais frequentes na vacinação em massa."

O próprio momento de uso de novos imunizantes pode sensibilizar mais os mecanismos de notificação de eventos, que prestam mais atenção a qualquer acontecimento.

Exemplo recente se deu em Lençóis Paulista, no interior paulista, onde uma criança de dez anos teve uma arritmia. O problema médico aconteceu cerca de 12 horas após a aplicação do imunizante da Pfizer.

Essa diferença temporal já era bom indicativo de que a vacina não tinha relação com o assunto, afirma Gatti, responsável pela investigação do caso.

O caso ajuda exemplificar o outro ponto essencial na investigação de eventos adversos: a causalidade. Uma das perguntas ante um caso de evento adverso pós-vacinação é "A vacina dada a esse indivíduo causou o evento reportado?".

A partir daí, olha-se a literatura médica em relação à vacina, exames laboratoriais, plausibilidade biológica e consideração de outros fatores que possam explicar a situação.

"A Pfizer dá miocardite em raros casos", diz Gatti. Nesses raríssimos casos, ocorre, de forma bem resumida, uma reação imunológica que leva a uma infiltração inflamatória no coração. O processo, demora dias para se desenvolver.

Um eletrocardiograma e as informações que o município deu já indicavam que não havia relação com a vacina. De toda forma, foi consultado um cardiologista, e o caso foi apresentado e discutido com representantes municipais e médicos especialistas.

A conclusão foi que não havia relação entre a vacina e o evento ocorrido com a criança. O causador da arritmia foi a síndrome de Wolff-Parkinson-White, que até então não havia sido diagnosticada.

O processo todo, nesse caso, foi acelerado, até pela dimensão que ganhou. Normalmente, no procedimento padrão de farmacovigilância, o caso seria notificado, investigado pelo município que passaria as informações para o estado concluir a investigação. Com a Covid, há ainda um comitê de especialistas que se reúne, em encontros gravados, para analisar casos mais complexos.

A celeridade e efetividade da investigação são destacados pela OMS, para quem falhas nesse processo podem minar a confiança da população e levar a "consequências dramáticas para a cobertura vacinal e incidência de doenças".

Mas nem sempre os eventos adversos contam com celeridade, disponibilidade de informações e acompanhamento. "Infelizmente o Brasil não é São Paulo. Às vezes, não é o que acontece. Fica lá, não investigam, não tem recursos, não tem especialistas", diz Kfouri. "Fica atribuído à vacina, com só a relação temporal. A vacina leva a culpa, e as pessoas ficam com receio."

Gatti, na mesma linha, destaca que, por mais que alguns casos consigam ser acelerados no processo de vigilância, nem todos são assim. "Muitas vezes os municípios não dão conta de fazer a notificação a tempo."

Kfouri lembra que eventos adversos há com todos os medicamentos existentes. "Você usa porque o benefício é muito maior", afirma ele.

Por fim, a classificação final de um caso de evento adverso não é simplesmente sim/não para a vacina. Há uma escala a ser considerada.

Segundo Gatti, é importante que a população, ao se deparar com algum evento mais inusitado, procure o sistema de saúde, que dará assistência e iniciará uma investigação.

Agora, da próxima vez que alguém te falar de evento adverso pós-vacinação, você já sabe que isso não significa, necessariamente, que as vacinas têm algo a ver com isso.

Saúde diz que excluirá tabela de documento sobre eficácia e segurança em uso de cloroquina

Raquel Lopes

BRASÍLIA O documento do Ministério da Saúde que rejeita as diretrizes de tratamento da Covid-19 ao SUS será publicado novamente, segundo o secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos da pasta, Hélio Angotti.

Dessa vez, a nota será publicada sem a tabela que aponta a eficácia e segurança no uso da hidroxicloroquina contra a Covid-19, contrariando evidências científicas. No mesmo documento, a pasta declara que as vacinas não demonstram essas características.

O secretário ressaltou, entretanto, que a rejeição das diretrizes elaboradas por especialistas será mantida.

"A tabela embora não esteja errada no contexto em que ela se encontra, vamos optar por tirá-la. Não vai mudar nada o parecer, não vai mudar nada o argumento, mas optamos por tirá-la para fomentar a clareza, promover clareza nos instrumentos administrativos e evitar possível mau uso", disse em entrevista ao programa Os Pingos nos Is, da Jovem Pan, nesta segunda-feira (24).

As diretrizes rejeitadas haviam sido elaboradas por especialistas de entidades médicas e científicas e aprovadas pela Conitec (Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS).

Os textos contraindicavam os medicamentos do chamado kit Covid, já descartados pela comunidade científica.

O Ministério confirmou em nota, que a Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos republicará a nota técnica que fundamenta a decisão sobre as diretrizes terapêuticas para o tratamento farmacológico da Covid-19.

"Para, segundo a secretaria, promover maior clareza no conteúdo e evitar interpretações equivocadas, como a de que a decisão critica o uso das vacinas Covid-19. A alteração será publicada em portaria no Diário oficial da União e não modifica a deliberação já divulgada", diz a nota.

Angotti disse que discordou do parecer da Conitec sobre tratamento precoce porque esse ainda não é um assunto pacificado, como diz a nota.

Um dos seus argumentos é que o número de pessoas participando de pesquisa para afirmar que funciona ou não funciona o tratamento precoce ainda não é suficiente.

"Eu discordei na nota que está pacificado e sedimentado que certas terapias comprovadamente não teriam efeito. Ali na nota eu coloco os critérios técnicos dessa contestação, não podemos afirmar isso", disse.

Angotti também chamou de segregação escolas obrigarem as crianças a se vacinarem para o início do ano letivo.

"Eu vejo isso como um autoritarismo de segregação de pessoas, de redução de direitos constitucionais. Esse tipo de atitude eu não vejo embasamento científico adequado nisso. Eu não vejo embasamento em termos de direitos humanos. Isso é uma invasão na família", disse.

Apesar de Angotti dizer que o assunto não está pacificado, o Ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirmou que a hidroxicloroquina não tem eficácia comprovada contra a Covid-19.

"Essas medicações foram utilizadas no começo da pandemia e, na época, o uso era chamado de uso compassivo, todos usaram. Posteriormente, se viu que nessas situações essa medicação não era mais aplicável e foi testada em outros contextos, né? Essas medicações, inclusive eu já falei, são medicações cuja evidência científica da sua eficácia ainda não está comprovada", disse em entrevista para o programa Sem Censura, da TV Brasil.

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Progressista, sonhava com um mundo melhor e mais justo

LUIZ CLAUDIO DE MORAES PINHEIRO (1953-2022)

Priscila Camazano

SÃO PAULO Luiz Claudio de Moraes Pinheiro era um jornalista com ideias progressistas e que sonhava com um mundo melhor. Na juventude, durante a ditadura, participou do movimento estudantil e ajudou a criar jornais alternativos.

"Ele sempre teve uma visão extremamente progressista e utopista, sonhando sempre com um mundo melhor para todo mundo, mais justo, com mais distribuição de renda, com mais justiça social", afirma a viúva Aline Aguiar, com quem ele foi casado por 20 anos.

Nascido no Rio de Janeiro, aos seis anos se mudou com a família para Brasília, onde permaneceu até o fim da vida.

Na juventude, época em que o país vivia a ditadura militar, estudou jornalismo na UnB (Universidade de Brasília). Ali, com outros alunos, ajudou a criar um projeto de imprensa alternativa que deu origem aos jornais A Tribo e Cidade Livre.

"Luiz Claudio, o Fafai, foi meu amigo nos anos 1968-70, quando a gente estudava no Centro Integrado de Ensino Médio (Brasília)", afirma o escritor Milton Hatoum.

"Fafai foi um grande companheiro naquele período brutesco da ditadura. Jogávamos futebol na quadra do campus da UnB, participávamos do movimento estudantil e de grupos de leitura e de teatro no colégio. Ele era tão amável quanto discreto e um dos leitores mais argutos e inteligentes da nossa turma. Algo desse nosso convívio inspirou um dos personagens do romance 'A Noite da Espera'. Passei décadas sem vê-lo. A gente se reencontrou em 2017, quando lancei meu romance na UnB", completa o escritor.

Outro amigo de longa data foi o cineasta Aurélio Michiles, com quem, nos anos 1970, fez uma longa viagem.

"Em 1973, dentro da UnB, estávamos muito insatisfeitos com aquele ambiente opressivo, não tinha liberdade para fazer nada. A ditadura estava muito violenta, matando, prendendo e silenciando as pessoas. [Então] um grupo de amigos se reuniu e decidiu conhecer a América do Sul, de carona", lembra Aurélio.

A viagem, que durou cinco meses, foi um exercício de liberdade, segundo Aurélio. "O que eu mais guardo do Luiz Claudio foi esse momento. Essa foi a nossa grande aventura de juventude."

Profissionalmente, Luiz Claudio trabalhou na imprensa, como o Jornal do Brasil. Seu último emprego foi na Câmara dos Deputados.

No último dia 13, o jornalista morreu, aos 68 anos, de câncer. Ele deixa a mulher, quatro filhos e uma irmã.

JULIO SCHUCHMANN Aos 92, casado com Mathilde. Terça (25/1). Cemitério Israelita do Butantã, Jardim Esmeralda, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

cotidiano

Empresariado não cobra ações por educação, diz líder de ONG

Elite não está a salvo com filhos na escola privada, afirma Priscila Cruz

ENTREVISTA
PRISCILA CRUZ

Angela Pinho

SÃO PAULO O Brasil enfrenta o impacto de mais de um ano de escolas fechadas sem coordenação federal. O governo Bolsonaro reduziu gastos no ensino básico, insultou professores e nenhuma política educacional foi implantada.

Mas não se ouve uma voz do empresariado cobrando ações concretas na educação como ocorre com o meio ambiente.

É um erro, diz Priscila Cruz, presidente-executiva da organização Todos Pela Educação. Se queimadas prejudicam os negócios do país, a precarização da formação de crianças e jovens gera baixa produtividade e alta desigualdade, além de outras consequências.

Ela acha que a elite se omitiu em relação aos alunos mais pobres. "Falta uma voz forte do empresariado em relação à educação", diz à **Folha**.

Priscila sabe do que fala. Mantido com recursos privados, o Todos pela Educação foi fundado há 15 anos reunindo empresários e gestores no compromisso público para melhorar a educação até o bicentenário da Independência, neste ano.

Hoje o Museu está fechado para reforma, e o estrago da pandemia só aumentou o desafio às escolas. Ainda assim, Priscila cita experiências positivas do país contra o discurso que chama de terra arrasada.

*

Desde que o Todos Pela Educação foi fundado, o que avançou e o que não avançou? Muita coisa avançou. Sabemos com clareza o que funciona aqui. Antes olhávamos muito para países como Finlândia, Singapura. Hoje as experiências brasileiras já chegaram a um ponto de ser difundidas. Cito a experiência do Ceará, e de Sobral, em particular, no ensino fundamental; a de Pernambuco, no ensino médio; a gestão da rede educacional no Espírito Santo, as creches em São Paulo e Londrina.

Esse acúmulo de experiência dá clareza sobre o que precisa ser feito. Ainda há o que avançar, como a agenda da primeira infância, e a da inovação.

Isso tem a ver com posição sua de que é preciso parar com o discurso de que a educação brasileira é terra arrasada. Pode explicar? Há uns mitos que as pessoas repetem sem reflexão e tiram a motivação de quem está trabalhando pela educação. Há muitas redes no Brasil que responderam bem ao aumento de investimento que receberam. Mas como temos um país desigual não só no aspecto socioeconômico, mas também na vontade política, a média é muito pouco reveladora da nossa realidade. Os avanços em alguns locais acabam escondidos nas médias porque também há municípios e estados que retrocedem. Os que tiveram retrocesso precisam se explicar diante do que já sabemos com toda a experiência acumulada.

Que outros mitos existem? Outro mito é que, se meu filho está numa escola boa, basta. Isso faz com que a elite não cobre lideranças políticas pela educação dos filhos dos outros. Eles não sabem que todos os jovens não terem educação de qualidade afeta a todos nas diversas áreas: distribuição de renda, segurança pública, prevenção de doenças, qualidade da democracia. A elite não está a salvo com seus filhos na escola privada.

Priscila Cruz
Mestre em administração pública pela Harvard Kennedy School of Government, graduada em administração de empresas pela FGV-SP e em direito pela USP

E tem um terceiro mito, que é o de que é preciso uma geração para mudar a educação. Não é verdade. Em Teresina, a mudança começou há oito anos. Em Pernambuco, há 12. Em Sobral, há 15, mas há 7 já era excelente. A crença de que demora leva muitos a não darem prioridade para a área.

Alguns empresários criticam a atuação do governo no meio ambiente, mas não na educação. Por quê? Também acho que deveria ter muito mais empresário vocalizando a indignação com o que vivemos na educação. A elite brasileira faz muito investimento social em educação. Mas, além do financeiro, precisa vocalizar, inclusive nos foros internacionais. Falta uma voz forte do empresariado em relação à educação. As duas grandes causas que podem unir os brasileiros neste momento são educação e meio ambiente.

Por que acha que há esse silêncio em relação a um governo que fez pouco pela educação básica e ainda retrocedeu em alguns pontos? Pela existência de institutos e organizações com trabalhos importantíssimos, há uma concepção de que já tem pessoas cuidando do assunto.

O Todos Pela Educação tem criticado este governo, o que não ocorria em gestões federais antes. O que os fez mudar? O Brasil teve bons ministros. Foram sete bons anos com [Fernando] Haddad, depois outro bom período com [Aloisio] Mercadante e Mendonça [Filho]. Isso não significa que o Todos não discordou das medidas que tomaram. Muitas vezes discordou, mas eram críticas sobre projetos e políticas. Hoje o MEC é o ministério da guerra cultural.

Outra mudança foi que o Todos Pela Educação começou com metas e compromissos públicos e hoje tem influência política significativa, como se viu na tramitação do Fundeb (fundo de financiamento da educação básica), em que atuou fortemente no Congresso por uma proposta própria. Acredito ser uma evolução natural. Participamos dos debates do Plano Nacional de Educação e da revisão do Fundeb. E acredito ser também consequência da nossa decisão, em 2018, de construir uma agenda com outras organizações sobre o que precisa ser feito, o Educação Já.

Percepção muito difundida na pandemia, com o longo fechamento das escolas, foi que o brasileiro não dá importância à educação. Concorda? Não é só a elite. Precisamos falar de todos os que não estão com a pressão de saber se amanhã terão comida ou não, porque esses têm coisas muito urgentes a cuidar. A elite deveria ter cobrado muito mais, mas não só em relação às escolas particulares, porque isso ela fez. Mas sim em relação às públicas. Essa elite não cobrou conectividade para os alunos pobres, não cobrou o MEC. Precisaria ter tido muito mais pressão.

Alguns gestores adotam um discurso da geração perdida com o fechamento das escolas. Dá para recuperar a aprendizagem perdida na pandemia? Com certeza. Redes que já tinham boa gestão antes já estão com esse trabalho. Não vai ser nas próximas avaliações que vamos perceber, mas com certeza é possível. Precisa fazer um esforço que, se já era grande, hoje é gigantesco. No ano que vem, teremos eleição e será a oportunidade dos brasileiros de colocarem a educação como prioridade. É muito fácil, porque ela não compete com outras áreas, ela soma.

Eduardo Knapp/Folhapress

ANIVERSÁRIO DE SÃO PAULO É CELEBRADO COM SOL E CALOR

Paulistanos aproveitam o dia de sol e calor para celebrar o aniversário de 468 anos da cidade de São Paulo no parque Ibirapuera, na Vila Mariana, zona sul da cidade. Muitos andaram de bicicleta, caminharam ou correram no parque. Nesta terça-feira (25), São Paulo voltou a ter um dia de forte calor. A média máxima na capital paulista chegou a 31,3°C, segundo prévia do CGE (Centro de Gerenciamento de Emergências), da prefeitura —pouco abaixo do recorde deste verão na cidade, de 33,9°C, no último dia 18. Máximas superiores a 30°C devem se repetir pelo menos até quinta (27). Na sexta (28), a chegada de uma frente fria deve trazer mais chuva e, também, derrubar a temperatura.

Eleições e o destino democrático

Após três anos de ataques frequentes à democracia, teremos em 2022 pleito inédito

Ilona Szabó de Carvalho

Empreendedora cívica, mestre em estudos internacionais pela Universidade de Uppsala (Suécia). É autora de "A Defesa do Espaço Cívico"

Depois de três anos de ataques crescentes e frequentes à democracia e à participação social, teremos em 2022 eleições inéditas. Trata-se do mais longo período de eleições livres —nove consecutivas— no Brasil. Será a hora do acerto de contas, e a sociedade brasileira precisa exercer um dos atos de resistência mais importantes da democracia: o voto consciente.

Já se sabe que o populismo autoritário do século 21 não age como no século passado. Em vez de golpes militares, governantes como o presidente Jair Bolsonaro, em diferentes países do mundo, são eleitos através do voto popular e, uma vez no poder, tentam eliminar os espaços de crítica e pensamento independente. Além disso, infiltram aliados no topo de instituições de Estado, subvertendo a finalidade pública dos mandatos em prol da lealdade cega para defender interesses pessoais e privados.

Ao mapear as ações do presidente em seus dois primeiros anos de governo, os professores da FGV Direito-SP Oscar Vilhena, Rubens Glezer e Ana Paula Barbosa concluíram que Bolsonaro promove um "infralegalismo autoritário", abusando de suas prerrogativas para desvirtuar leis, políticas públicas e o funcionamento de instituições.

Nesse contexto, o aparelhamento de órgãos-chave contribui para a quebra de institucionalidade, deixando grupos historicamente vulnerabilizados desprotegidos, fechando o espaço cívico e minando a democracia por dentro. A Funai, a Fundação Palmares, a Secretaria da Cultura e os ministérios do Meio Ambiente, da Saúde e dos Direitos Humanos ilustram esse cenário.

Em algumas situações, a reação de organizações e da sociedade civil foi suficiente para forçar o governo a recuar. Em outras, respostas institucionais impuseram limites necessários. Infelizmente, não é sempre que a ação democrática consegue barrar os ataques e ameaças.

O espaço cívico vem se fechando no Brasil, como mostram as análises do Instituto Igarapé. Os ataques ao espaço cívico mapeados cresceram de 114 no último trimestre de 2020 para 522 no terceiro trimestre de 2021. Um aumento de 357% em ações de censura, intimidação, disseminação de fake news, abuso de poder, cooptação, violação de direitos civis e políticos, entre outras ameaças compiladas em uma tipologia.

[...]

Em vez de golpes militares, governantes como o presidente Jair Bolsonaro, em diferentes países do mundo, são eleitos através do voto popular e, uma vez no poder, tentam eliminar os espaços de crítica e pensamento independente

Ao mesmo tempo, o número de ações de resistência de pessoas e instituições atingiu a marca de 831 reações no penúltimo trimestre do ano, superando o número de ataques, o que mostra uma conscientização cada vez maior dos danos que ações autoritárias causam à vida das pessoas, à economia, ao meio ambiente e aos povos originários.

Fechar o espaço cívico equivale a suspender o oxigênio da democracia. A Human Rights Watch alertou em seu relatório anual, lançado nesse mês, sobre o perigo que Jair Bolsonaro representa. A organização de defesa dos direitos humanos pediu que as instituições da República protejam o direito ao voto e à liberdade de expressão contra as tentativas de enfraquecimento da democracia.

Essa tarefa não é apenas das instituições, mas de todos. Ações simples como pesquisar a vida pregressa dos candidatos, conhecer e ler agências de checagem de fatos, e estimular debates saudáveis e comunicação não violenta estão entre as propostas defendidas em agenda lançada por 40 organizações da sociedade civil.

As eleições neste ano serão vitais para manter viva a democracia e impedir o fechamento total do espaço cívico. Precisamos impedir retrocessos ainda maiores, e garantir que daqui a quatro anos possamos atingir a marca de dez eleições consecutivas, com governos que tragam as soluções urgentes para garantir a segurança humana, digital e climática da população.

DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. **Sérgio Rodrigues** | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Diretor de Avaliação que coordena o Enem pede para deixar cargo no Inep

Saída de Anderson Soares Furtado Oliveira ocorre em meio a trocas no comando do órgão responsável pela aplicação da prova

Marianna Holanda

BRASÍLIA O diretor de Avaliação da Educação Básica (Daeb) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Anderson Soares Furtado Oliveira, deixou o cargo nesta terça-feira (25).

A exoneração, a pedido, foi publicada no Diário Oficial da União. Servidor de carreira, ele estava no cargo desde maio do ano passado, mas foi oficializado em julho.

Sua sucessora será Michele Cristina Silva Melo, diretora de Estudos Educacionais do órgão desde o ano passado. Em dezembro, ela foi indicada como eventual substituta do presidente do Inep, Danilo Dupas Ribeiro.

A saída de Oliveira ocorre em meio a uma série de trocas no órgão responsável pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) —o diretor de Avaliação da Educação Básica é quem coordena a prova.

Na semana passada, o diretor de Gestão e Planejamento, Alexandre Avelino Pereira, também foi exonerado. Novas trocas no alto comando do órgão ligado ao Ministério da Educação (MEC) já eram esperadas.

Neste caso, a demissão está relacionada com a crise que eclodiu no órgão em novembro passado, como a reportagem da **Folha** mostrou.

A avaliação das lideranças do Inep é de que Pereira fez parte de resistências dentro do órgão para atender planos do governo, como a tentativa de terceirizar o banco de itens das avaliações.

A diretoria de Gestão e Planejamento é responsável, entre outras coisas, pela logística de exames, como o Enem.

A demissão de Pereira ocorreu após o fim da aplicação da edição de 2021, cuja reaplicação da prova acabou no último domingo (16).

Às vésperas do Enem de 2021, o Inep passou por uma crise histórica, com a debandada de servidores de postos-chave, denúncias de interferência no conteúdo do exame e de assédio moral.

No mesmo mês em que foi aplicado o Enem, 35 servidores do Inep pediram demissão.

Metade deles foi nomeada para os cargos de chefia já durante o governo do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Na pedido, citam a "fragilidade técnica e administrativa da atual gestão máxima do Inep [Instituto nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais]".

Funcionários do Inep denunciaram tentativa de interferência ideológica no conteúdo do Enem no ano passado.

À época, após as demissões, Bolsonaro disse que a prova teria a cara do governo e ocorreria na "mais absoluta tranquilidade".

> **Fragilidade técnica e administrativa da atual gestão máxima do Inep [Instituto nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais]**
>
> **servidores do Inep que pediram demissão**

Este ano será o primeiro com questões elaboradas inteiramente durante a gestão Bolsonaro. No ano passado, especialistas ainda consideraram a prova equilibrada.

Principal porta de entrada de estudantes no ensino superior, o Enem já tem data marcada neste ano. Ele será aplicado em 13 e 20 de novembro, segundo o Ministério da Educação.

Dupas foi acusado pelos servidores de promover desmonte no órgão, com decisões sem critérios técnicos, e também de assédio moral, segundo denúncia da Assinep (Associação de Servidores do Inep).

Ele foi levado ao cargo pelo atual ministro da Educação, pastor Milton Ribeiro, de quem é próximo.

Desde o começo do governo Bolsonaro, a educação passa por turbulências. Dupas é o quarto no comando no Inep.

Já Ribeiro é o terceiro ministro, sucessor da polêmica gestão do olavista Abraham Weintraub, investigado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e pré-candidato ao governo de São Paulo.

Na semana passada, mesmo estando de férias, Ribeiro anunciou que a aplicação do Enem 2022 será nos dias 13 e 20 de novembro.

Em conflito com a FIA, Hamilton não confirma se continua na F1

Piloto trava luta contra dirigentes da modalidade nos bastidores e segue em silêncio desde o vice-campeonato

Luciano Trindade

SÃO PAULO Perder o título do último campeonato de F1 na polêmica volta final do GP de Abu Dhabi foi um duro golpe para Lewis Hamilton. Ele julga ter sido injustiçado por decisões tomadas pelo diretor de provas da FIA (Federação Internacional de Automobilismo), Michael Masi.

A poucos segundos do encerramento da etapa, o inglês chegou a afirmar pelo rádio do carro que a corrida havia sido "manipulada". Do outro lado, um engenheiro da Mercedes respondeu: "Estou sem palavras".

Desde então, o heptacampeão deu apenas uma declaração pública, ainda naquele domingo. Parabenizou Max Verstappen, da Red Bull, pela conquista do Mundial e deixou aberta sua continuidade na categoria. "Sobre o ano que vem, veremos", limitou-se a dizer, enquanto sua equipe dava início a uma batalha nos bastidores contra Masi.

A Mercedes formalizou um protesto minutos depois da corrida, mas os argumentos foram rejeitados. A escuderia chegou a anunciar que apelaria da decisão antes de desistir de ir adiante.

A própria FIA, porém, abriu um inquérito interno e promete apresentar suas conclusões em fevereiro. A decisão final sobre o GP de Abu Dhabi será anunciada em 18 de março, dois dias antes da abertura da temporada 2022, no GP do Bahrein. A demora desagrada Hamilton.

De acordo com os portais britânicos BBC Sports e Sky Sports, o inglês está "desiludido" com a F1. A lentidão para a resolução do caso só aumenta a frustração.

Ainda segundo a BBC Sports, a decisão da Mercedes de retirar seu protesto faria parte de um acordo que estaria sendo costurado nos bastidores. O acerto envolveria a demissão de Michael Masi e também a de Nikolas Tombazis, diretor-técnico de monopostos. Nenhum deles se manifestou.

A investigação da FIA está sendo chefiada pelo novo presidente da entidade, Mohammed Ben Sulayem, que revelou ter buscado contato com Hamilton, mas sem sucesso.

"Mandei mensagens, mas acho que ele ainda não está 100% pronto para respondê-las. Nós não podemos culpá-lo, eu entendo sua posição", disse o dirigente, que assumiu o cargo no começo do mês.

A postura reclusa adotada pelo britânico somada à falta de uma resposta assertiva da Mercedes sobre o futuro dele passaram a alimentar especulações em torno de uma possível aposentadoria do piloto. A menos de um mês do início da pré-temporada, prevista para 23 de fevereiro, a presença dele no grid ainda é incerta.

O silêncio e as questões levantadas a partir disso têm sido usados pelo chefe de Hamilton, Toto Wolff, para pressionar a FIA. "Seria uma acusação para toda a F1 se o melhor piloto decidisse sair [da categoria] por causa de decisões ultrajantes", disse. "Eu realmente espero que possamos vê-lo novamente."

A bronca de Hamilton tem origem na decisão do diretor de provas de não cumprir procedimentos previstos no regulamento logo após um acidente que exigiu a entrada do safety car, principalmente na hora da saída do carro de segurança.

O Artigo 48.12 do regulamento determina que todos os retardatários devem se realinhar à volta dos líderes com o safety car, e este deve retornar aos boxes somente no fim da volta que sucede o realinhamento. Se o diretor tivesse seguido a regra, a corrida teria terminado na volta 58 e sido encerrada sob bandeira amarela, com o inglês em primeiro. A posição lhe daria seu oitavo título.

A direção de prova chegou a proibir que os pilotos que estavam uma volta atrás de Hamilton e Verstappen ultrapassassem a dupla, mas depois liberou que apenas cinco —Lando Norris, Fernando Alonso, Esteban Ocon, Charles Leclerc e Sebastian Vettel fizessem isso. Com os pneus mais desgastados, Hamilton viu o rival da Red Bull assumir a ponta e vencer a disputa.

Orientado a não dar entrevistas, o britânico fez apenas duas aparições públicas desde então, a primeira ao receber o título de Cavaleiro da Ordem do Império Britânico e a segunda quando participou da despedida do agora ex-companheiro de equipe Valteri Bottas. Até das redes sociais, onde costuma falar também sobre questões sociais, ele sumiu. Não publica nada desde 11 de dezembro de 2021.

Tanto o chefe da Mercedes, Toto Wolff, como pessoas próximas a Hamilton evitam falar em nome dele. Nicolas, irmão do heptacampeão, disse apenas que "ele está dando um intervalo das redes sociais."

No dia 18 de fevereiro, a equipe alemã vai apresentar seu novo carro, em um evento virtual. A presença de Hamilton, assim como a de seu novo companheiro, George Russell, é esperada. Antes disso, Wolff promete ter um encontro com o craque. "E não será para beber uma tequila. Eu já bebi o suficiente em Abu Dhabi", ironizou o dirigente.

Da conversa entre os dois sairá a definição sobre o futuro do britânico na F1. Ele tem contrato com a Mercedes até 2023. A temporada 2022 deverá ser sua 15ª na categoria, a décima com a equipe alemã, pela qual ele ganhou seis de seus sete títulos.

> Mandei mensagens, mas acho que ele [Hamilton] ainda não está 100% pronto para respondê-las. Nós não podemos culpá-lo, eu entendo sua posição
>
> **Mohamed Ben Sulayem**
> presidente da FIA

Palmeiras já tem Copinha e agora vai atrás do Mundial

Equipe alviverde goleia Santos, leva Copa São Paulo e enterra parte de piada

**PALMEIRAS 4
SANTOS 0**

Alex Sabino

SÃO PAULO A piada de que o "Palmeiras não tem Copinha e não tem Mundial" começou a cair nesta terça (25), no Allianz Parque. Com futebol de superioridade incontestável, a equipe goleou o Santos por 4 a 0 e conquistou a primeira Copa São Paulo em sua história.

Em fevereiro, o elenco profissional disputa o Mundial de Clubes nos Emirados Árabes, o sonho máximo do torcedor alviverde. A final está marcada para o próximo dia 12.

A lista de inscritos ainda não foi divulgada, mas há a possibilidade de Endrick, 15, o melhor jogador da Copinha deste ano, ser inscrito. Não vai jogar, como já deixou claro Abel Ferreira, mas pode viajar para ganhar experiência. Para o treinador, seria como o garoto passar férias na Disney.

A diversão para o atacante começou nesta terça, quando ele abriu o caminho para o título da Copinha com gol logo aos seis minutos. Uma finalização de matador, de primeira, bem posicionado na área. Foi o sexto marcado por ele no torneio.

O jovem não foi titular em todas as partidas e ficou fora por uma semana, em isolamento após teste positivo para Covid-19. Ao ser anunciada a escalação da equipe pelo sistema de som do estádio, o nome do camisa 9 foi deixado por último de forma proposital e causou o maior frisson no público entre todos os jogadores aplaudidos.

Endrick já passou a ser cobiçado por clubes europeus. Giovani, 17, está nos planos do Manchester City (ING), time que já fez negócio com o Palmeiras na compra de Gabriel Jesus, em 2017.

Palmeiras levantou troféu inédito da Copinha nesta terça-feira (25) Fotos Rubens Cavallari/Folhapress

Na final, o time alviverde precisou de apenas 15 minutos para decidir. Em um ritmo alucinante, balançou a rede três vezes (Giovani e Gabriel Silva também marcaram), e o Santos não conseguiu nem sequer anotar a placa do caminhão. Gabriel Silva voltaria a deixar sua marca no início do segundo tempo.

O título é a coroação do trabalho de longo prazo feito pelo clube do Palestra Itália. É o atual pentacampeão paulista sub-20. Ganhou o Brasileiro de 2018 e a Copa do Brasil de 2019. No sub-17, venceu o estadual (2018), a Copa do Brasil (2017 e 2019) e o Mundial (2018 e 2019).

O Santos, por sua vez, fez sua melhor campanha desde 2014, quando venceu o Corinthians na decisão.

O placar da final deste ano é o mais elástico na história das decisões da Copa São Paulo, ao lado do obtido pela Portuguesa sobre o Grêmio em 1991.

A goleada e o título foram recompensa aos 20.814 torcedores que foram ao Allianz no feriado de aniversário da capital. Com ingressos esgotados, cambistas negociavam entradas nas ruas por até R$ 200.

Até a vitória desta terça, os melhores resultados da equipe alviverde na Copinha haviam sido os vices em 1970 e 2003. Épocas em que nem sequer havia sido criada a piada de que o Palmeiras não tinha Copinha.

Não tinha. Agora tem.

Bia Haddad chega a inédita semi no Australian Open

SÃO PAULO A tenista Beatriz Haddad Maia, 25, está nas semifinais da chave de duplas do Australian Open. Nesta terça-feira (25), ela e a parceira cazaque Anna Danilina, 26, venceram, de virada, a sueca Rebecca Peterson e a russa Anastasia Potapova por 2 sets a 1, com parciais de 4/6, 7/5 e 6/3.

A paulista é a primeira brasileira a chegar às semifinais na Austrália na era profissional do esporte, que começou em 1968. Ela também obteve o melhor resultado do tênis feminino do Brasil no torneio desde a semifinal de Maria Esther Bueno em 1965. A lendária vencedora de 19 títulos de Grand Slam conquistou um troféu de duplas do Australian Open, em 1960.

O resultado de Bia reforça um ótimo momento das tenistas do país. Em setembro de 2021, Luisa Stefani, 24, chegou às semifinais do US Open e quebrou uma marca de 53 anos sem que uma brasileira alcançasse essa fase na chave de duplas femininas de um Grand Slam. Antes, Luisa e Laura Pigossi, 27, conquistaram a primeira medalha olímpica do país no esporte, com o bronze nos Jogos de Tóquio.

Essa foi a quarta vitória de Bia e Danilina no Australian Open e a terceira de virada após revés no primeiro set. Nas semifinais, ainda sem data definida, elas terão seu maior desafio até aqui, diante das japonesas Shuko Aoyama e Ena Shibahara. As cabeças de chave número 2 venceram a croata Petra Martic e a norte-americana Shelby Rogers nas quartas.

"Não foi fácil para se sentir e jogar 100% bem. Sei que não jogamos o nosso melhor tênis, mas tentamos lutar e subir o nosso nível. Sabíamos que no tênis as coisas mudam muito rápido", disse Bia na entrevista após o jogo.

'Quem não ama arbitragem não a conhece', afirma árbitro de 23 anos que apitou a decisão

SÃO PAULO Gustavo Holanda Souza, 23, apitou uma partida de futebol pela primeira vez aos 15 anos. Detestou a experiência. Cometeu vários erros e não se sentiu bem com aquilo. Queria mesmo era jogar futsal.

Por insistência de familiares, tentou de novo. Começou a gostar.

Oito anos depois, ele se tornou o mais jovem árbitro de uma final de Copa São Paulo neste século. Foi escalado para o clássico em que o Palmeiras venceu por 4 a 0 o Santos.

Segundos antes de iniciar a decisão, Gustavo levantou as mãos para o alto e fez rápida oração. Pediu para que tudo corresse bem. Ele jamais havia trabalhado com o recurso do VAR e nunca tinha sido designado para um jogo tão importante, com tal público. Foram 20.800 pessoas no Allianz Parque. Quando assoprou o apito final, 90 minutos depois, uma das sensações que sentiu foi a de alívio.

"A gente sente quando vai bem em uma partida, quando a entrega redonda. Graças a Deus, foi entregue redondinha, sem nenhum detalhe que uma equipe possa dizer 'estar na nossa conta'", constata.

Gustavo não precisou usar o recurso do vídeo nenhuma vez. Não houve lances polêmicos e seu maior trabalho foi separar princípios de confusão entre atletas dos dois times.

"Teve uma frase que o Elder Campos [técnico do Santos] disse na entrevista e eu achei muito boa. A pressão é um privilégio para o atleta de alto nível. O árbitro trabalha para chegar aqui. Este foi um momento de muita felicidade, de saber que teria essa oportunidade pela frente", completa.

Foi alegria não apenas para ele. Gustavo vem de uma família acostumada a desempenhar a função. Sua tia, Regildenia de Holanda Moura, foi do quadro da FPF (Federação Paulista de Futebol) por 15 anos e hoje é instrutora. Seu irmão, Guilherme Holanda, 27, é auxiliar e também filiado à entidade. Ele tem outros tios e primos que são do ramo.

Gustavo Holanda Souza, 23, árbitro da decisão da Copinha

O jovem juiz é uma das apostas da renovação da FPF e foi escolha de Ana Paula Oliveira, presidente da Comissão de Arbitragem, para a final. Nem todos concordaram. Houve comentários na federação de que ele era novo demais. O jogo seria um clássico, o Palmeiras poderia ser campeão pela primeira vez e atuaria em seu estádio. Ana Paula bancou a escala e foi recompensada.

Mesmo com tão pouca idade para a profissão, Gustavo já tem todos os cacoetes de árbitro de futebol. O jeito de falar e as palavras que usa. A postura ereta, quase militar.

Ele foi informado de que seria o árbitro do confronto do título da Copinha na segunda (24), por volta das 11h30. Menos de 24 horas antes do jogo. Estava concentrado na pré-temporada de árbitros e correu para pegar o telefone e ligar para os pais. Ouviu conselhos da tia Regildenia. Ficou mais realizado ainda ao perceber a alegria de sua família.

"Algumas pessoas disseram que eu não ia conseguir dormir. Nossa, dormi como um anjo."

Na vida do árbitro, a Copinha assumiu um papel que sempre foi reservado aos jogadores: o de vitrine. Era a sua chance de aparecer e mostrar um bom trabalho. Ele sabe que no futuro vai errar. É inevitável e faz parte do trabalho. Só não queria que fosse nesta terça.

No último domingo (23), ele foi o quarto árbitro na vitória do Palmeiras sobre o Novorizontino, na Série A1 do Paulista.

Aquele Gustavo que detestou apitar não existe mais. Ele descobriu o desejo de estar em campo, igual a quando era menino e sonhava em ser jogador. Mas desta vez, prefere um uniforme de cor diferente ao das equipes e ter o apito na mão. É uma sensação impossível de ser explicada.

"Quando você sente a arbitragem entrar na sua veia, não tem escapatória. Acho que as pessoas não amam a arbitragem porque não a conhecem. Sei que vai ter pressão, um time vai perder e jogar a responsabilidade para você, mas o prazer é indescritível. Não dá para descrever o quanto é prazeroso acabar uma partida de importância como essa sem qualquer problema", comemora. E quando errar, ele já tem o mantra na cabeça.

"Quando erro, me sinto mal. Vou ao chão. Mas é como diz aquela música do Marcelo D2 sobre o Ronaldo: 'Eu sou guerreiro. Às vezes caio, mas eu me levanto'. É nisso que eu penso." AS

ESPORTE AO VIVO

16h Chelsea x West Ham
Inglês feminino, STAR+

19h Inter de Limeira x Santos
Campeonato Paulista, HBO MAX

19h30 Paulistano x Pato
NBB, YOUTUBE NBB

21h35 Palmeiras x Ponte Preta
Campeonato Paulista, RECORD, RZ PREMIERE E PAULISTÃO PLAY

21h45 Knicks x Heat
NBA, ESPN2

00h Suns x Jazz
NBA, ESPN2

Entendimento do jogo

Brasil deveria ser também o país dos meio-campistas, como já foi

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Existem inúmeros desenhos táticos e estratégias eficientes. Os resultados vão depender de muitos outros fatores, conhecidos e/ou inesperados.

Abel Ferreira, que sabe unir a estratégia com a força mental, disse que o Brasil não gosta de jogar com três zagueiros. Lembrou ainda que, na última Copa vencida pela seleção brasileira, em 2002, o time tinha três zagueiros, Lúcio, Roque Júnior e Edmílson.

É verdade, mas a principal razão da conquista foram os três atacantes, Ronaldo, Ronaldinho e Rivaldo. Todos os três foram eleitos melhores jogadores do mundo. Se, no Mundial de 2018, o Brasil tivesse Neymar e mais dois dos três de frente da Copa de 2002, teria sido o maior favorito.

No mundo, vários times jogam com três zagueiros e dois alas, porém é preciso separar a linha defensiva, com três autênticos zagueiros, da maneira mais flexível, cada vez mais utilizada, de usar um defensor alternando-se nas funções de zagueiro e de lateral, de acordo com o momento do jogo. Essa flexibilidade é uma evolução do futebol.

O Palmeiras, com Abel Ferreira, tem jogado assim, utilizando, às vezes, o lateral direito Marcos Rocha ou o esquerdo Piquerez como um terceiro zagueiro. Assim joga o Chelsea, com o lateral Azpilicueta, a seleção inglesa, com o lateral Walker, a Juventus, com o lateral brasileiro Danilo, e outros.

O Brasil, mesmo sem empolgar, está na lista dos candidatos ao título, junto com França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Argentina, Espanha e Itália ou Portugal, pois somente uma vai à Copa. A França, por ter Mbappé e Benzema no ataque, além de Pogba e Kanté no meio-campo, é a que tem a maior chance.

Na quinta-feira (27), contra o Equador, Tite deve manter o esquema tático que tem sido mais utilizado, com quatro defensores, dois volantes, dois jogadores pelos lados e mais um meia centralizado, avançado e próximo ao centroavante.

Com as ausências de Neymar e de Paquetá, o meia pelo centro pode ser Coutinho ou Éverton Ribeiro. Ou o time pode até jogar com dois atacantes mais à frente. Vinicius Junior deve atuar pela esquerda.

Na Copa de 2018, Tite cometeu o erro de escalar Coutinho mais recuado, iniciando as jogadas no próprio campo. Ele não tem força física nem características técnicas para tanto. Coutinho é um meia ofensivo, para jogar perto da área, pois dribla e finaliza muito bem.

O Barcelona, além de pagar uma fortuna por Coutinho, como se ele fosse um dos melhores jogadores do mundo, quis colocá-lo como substituto de Iniesta, um grande erro, não só pela diferença de talento como também pela posição. Iniesta era um magistral meio-campista, construtor de jogadas.

Na Copinha, vencida pelo Palmeiras, os jogadores mais badalados e mais promissores são meias atacantes hábeis, rápidos e dribladores, que jogam perto da área e do gol. O Brasil é o país dos atacantes, embora, na seleção principal, só exista um supercraque, Neymar. Vinicius Junior precisa ter ótimas atuações seguidas para chegar ao nível de um fora de série.

O Brasil deveria ser também o país dos meio-campistas, como já foi. Os gols nascem de trás, com a criação de jogadas. Importantes não são somente os dribles e as finalizações. A bola não pode ser lançada ao ataque, ela tem de ser levada, com inteligência, com passes precisos e com o entendimento do jogo.

A muito maior valorização do drible e dos lances individuais, em relação ao passe e ao jogo coletivo, teria a ver com o individualismo da sociedade brasileira?

| DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | TER. Renata Mendonça | QUA. Tostão | **QUI. Juca Kfouri** | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

Rodrigues entrevistou Graciliano e foi amigo de Marighella

FOLHA, 100
HUMANOS DA FOLHA

Fábio Zanini

SÃO PAULO Em 1944, aos 25 anos, Newton Rodrigues realizou aquele que seria um dos maiores feitos de sua longa carreira jornalística: entrevistou o escritor Graciliano Ramos, normalmente refratário à imprensa.

Publicada na extinta revista Renovação, foi obtida graças a um ponto em comum na biografia do jovem repórter e do consagrado autor de "Vidas Secas": a adesão às ideias comunistas.

Ao longo de seis décadas, Rodrigues nunca escondeu a simpatia pelas posições de esquerda, mas não deixou que isso impedisse o julgamento firme e independente nas funções que exerceu em diversos veículos de imprensa.

Na **Folha**, foi colunista de 1976 a 1991, escrevendo na seção "Rio de Janeiro" na página 2 do jornal. Também compôs a primeira formação do conselho editorial quando o órgão foi criado, em 1978.

Antes, foi diretor da revista Senhor e redator-chefe do jornal Correio da Manhã, na década de 1960.

"Ele usava camisa branca impecável, absolutamente engomada, parecia que tinha acabado de sair da tinturaria. Tinha sempre a cara amarrada, era muito severo", diz o jornalista e escritor Ruy Castro, que recebeu dele o primeiro emprego, em 1967, no Correio da Manhã.

"Ele me colocou como repórter de geral, que era cobrir cachorro atropelado e filhote de girafa que nasceu no zoológico. E eu querendo cobrir nouvelle vague e movimento estudantil", lembra Castro. Décadas mais tarde, já um escritor renomado, o autor pôde agradecer ao antigo chefe por tê-lo ensinado o ofício de repórter.

Formado em história pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rodrigues começou escrevendo para veículos ligados ao PCB (Partido Comunista do Brasil).

"Eu nasci numa célula do partido na Barata Ribeiro [rua em Copacabana], me lembro do [Carlos] Marighella indo em casa", diz seu filho mais velho, o jornalista e pesquisador João Carlos Rodrigues, 72.

A personalidade forte do pai o fez ser um dos líderes da debandada do partido em 1956, quando foram denunciados os crimes de Josef Stálin. "Ele passou a ser atacado de duas formas: por ainda ser comunista e por não ser mais membro do partido", diz o filho.

À **Folha** Rodrigues chegou quando o jornal montou um time com veteranos que já haviam deixado sua marca em outros veículos, como Samuel Wainer e Paulo Francis.

Em suas colunas no jornal, Rodrigues narrou a fase final da ditadura, a redemocratização, a Constituinte de 88 e a eleição de Fernando Collor, em 1989. Parte delas está em uma coletânea publicada em 1986, chamada "Brasil Provisório (de Jânio a Sarney)".

Em seus textos, demonstrava preocupação com a solidez das instituições brasileiras, em palavras que poderiam ecoar os tempos atuais. "A República brasileira angustia-se em uma crise não menor, ou menos grave, que aquela que permitiu o abate da Monarquia [...]. Busca ainda a identidade que não lhe permitiram alcançar", escreveu em artigo para a Revista USP no primeiro centenário da República, em 1989.

Já sem o dogmatismo dos tempos do PCB, tinha uma visão que hoje seria chamada de social-democrata, ou de centro-esquerda, diz o filho.

"Mas ele seguiu sendo um homem de fortes princípios, e um tanto explosivo. No governo Sarney, foi nomeado para o Conselho de Direitos Humanos da Presidência, e na primeira reunião deu de cara com o [ex-ministro] Jarbas Passarinho, que tinha assinado o AI-5. Foi embora e nunca mais voltou", lembra João Carlos.

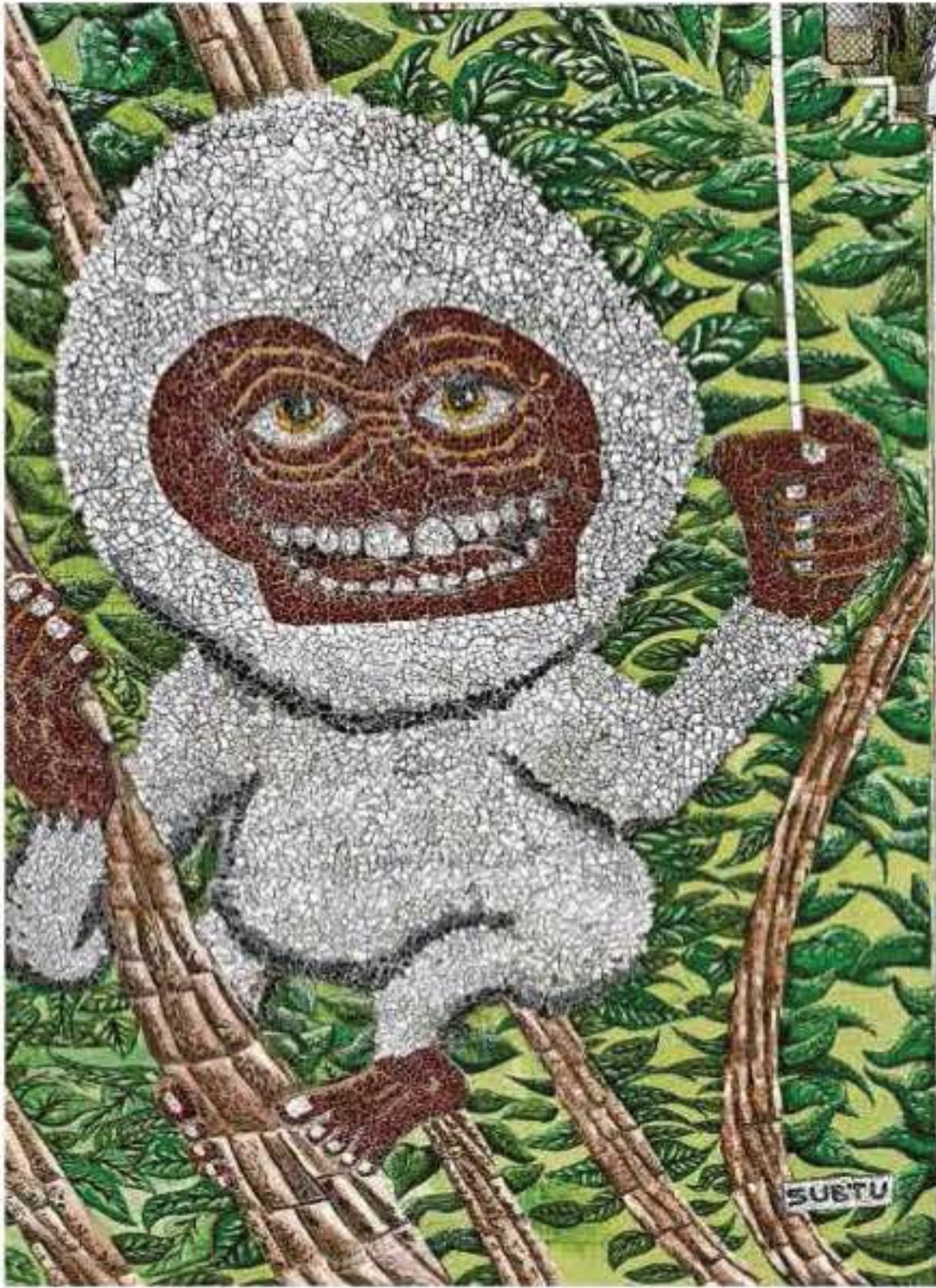
A saída da **Folha** foi conflituosa. Chamado a Brasília para uma conversa com o então presidente Collor, em março de 1991, não informou com antecedência o então diretor de Redação do jornal, Otavio Frias Filho, que considerou ter havido quebra de confiança e o demitiu. Na época, o presidente vivia em litígio com o jornal. No ano anterior, a Polícia Federal havia invadido a Redação da **Folha**.

Após a saída, Rodrigues ainda trabalharia como colunista em O Estado de S. Paulo, Gazeta Mercantil e Jornal do Brasil, até morrer em fevereiro de 2005, de insuficiência pulmonar, deixando mulher e quatro filhos.

O jornalista Newton Rodrigues Acervo - 17.mai.1981/Folhapress

Newton Rodrigues (1919-2005)
Nascido no Rio de Janeiro, formou-se em história pela UFRJ. Como jornalista, foi diretor da revista Senhor e redator-chefe do Correio da Manhã. Na **Folha**, foi colunista e membro do conselho editorial. É autor do livro "Brasil Provisório (de Jânio a Sarney)", da editora Guanabara

Série semanal apresenta perfis de profissionais da Folha

O projeto Humanos da **Folha** conta a trajetória de repórteres, editores, fotógrafos, designers, cartunistas e outros que fizeram parte da história centenária do jornal. Leia outros textos em folha.com/folha100anos

MOSAICO DO ARTISTA SUBTU ATRAI ATENÇÃO DE PEDESTRES NO BRÁS
Mural de cacos de azulejo retrata macaco Yoko; obra é iniciativa do Museu de Arte de Rua e tem apoio da prefeitura Victor Moriyama/Divulgação

ACERVO FOLHA

Há 50 anos
26.jan.1972

Cinemas que não cumpriram a cota de filmes nacionais são fechados

Na véspera do aniversário de São Paulo, o INC (Instituto Nacional de Cinema) fechou 28 cinemas da cidade por não cumprirem a determinação de exibir filmes nacionais durante 84 dias por ano.

Muitas salas reabriram na noite de terça-feira (25), quando os proprietários se comprometeram a pagar multas atrasadas e a passar filmes brasileiros.

O comediante Mazzaropi elogiou a decisão do INC que, segundo ele, "deu uma demonstração de prestígio ao cinema nacional". Só lamentou que o órgão não tenha transigido com o cine Rio Branco, fechado no dia do lançamento de um filme seu.

FOLHA DE S.PAULO

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Resolvido o mistério do número 42

Resolução de teorema envolveu 1 milhão de horas de cálculo numa rede de 500 mil computadores domésticos

Marcelo Viana

Diretor-geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, ganhador do Prêmio Louis D., do Institut de France

O teorema de Waring-Hilbert, formulado por Edward Waring (1736–1798) em 1770 e provado por David Hilbert (1862–1943) em 1909, afirma, entre outras coisas, que todo inteiro positivo pode ser escrito como soma de nove cubos perfeitos. Isto é, nove números da forma a^3 em que a é um inteiro positivo ou zero.

Em alguns casos, dá para usar menos cubos: por exemplo, $10 = 1^3+1^3+2^3$. Mas certos inteiros realmente precisam de nove, por exemplo, $23 = 1^3+1^3+1^3+1^3+1^3+1^3+1^3+2^3+2^3$. E se considerarmos também cubos de inteiros negativos? Por exemplo, então podemos escrever 23 usando apenas quatro cubos: $23 = (-1)^3+2^3+2^3+2^3$.

Resulta que com negativos o problema se torna muito mais difícil. Nem sequer sabemos quais são os inteiros que podem ser escritos como a soma de três cubos, apesar de esta pergunta ter sido muito estudada desde os anos 1950, quando o algebrista Louis Mordell chamou a atenção para ela.

Mordell (1888–1972) pesquisava as equações diofantinas, e conseguiu avanços profundos na direção de provar o teorema de Fermat. Uma de suas ideias principais, a conjectura de Mordell, foi provada em 1983 pelo alemão Gerd Faltings, o qual foi distinguido com a medalha Fields —o maior prêmio da matemática—, em 1986 por esse feito.

Sabemos que para que um inteiro seja a soma de três cubos, o resto da sua divisão por 9 não pode ser 4 nem 5. Por exemplo, como o resto da divisão de 23 por 9 é igual a 5, não podem existir inteiros a, b e c tais que $23 = a^3 + b^3 + c^3$.

O que não sabemos é a volta, ou seja, se todos os inteiros N cujo resto da divisão é diferente de 4 e 5 são somas de três cubos. Até pouco tempo atrás, isso era desconhecido até para números pequenos. O caso N=33 foi resolvido em 2019 pelo professor Andrew Booker, da Universidade de Bristol, o qual precisou de três semanas de cálculo num supercomputador para encontrar a solução.

Isso deixou N=42 como o único caso abaixo de 100 não resolvido até então. A solução foi encontrada alguns meses depois, em colaboração com o professor Andrew Sutherland, do MIT. Após mais de 1 milhão de horas de cálculo numa rede de 500 mil computadores domésticos interligados (!), descobriram que 42 é igual à soma dos cubos dos inteiros $a = -80538738812075974$, $b = 80435758145817515$ e $c = 12602123297335631$. O tamanho desses números mostra bem como o problema se torna complicado!

ilustrada

O rei do rádio

Ouvidas por 80% dos brasileiros, estações são dominadas por artistas do sertanejo, que turbinam seus cachês e chegam aonde a internet é precária

Lucas Brêda

SÃO PAULO Nos últimos dias, um trecho de uma entrevista da empresária Kamila Fialho, que tem no currículo trabalhos com Anitta e Kevin o Chris, pipocou na internet. "Pago para tocar uma música na rádio e eles compram a rádio", ela disse ao programa Podcast de Música, do YouTube, falando da música sertaneja. Apesar de exagerada, a provocação de Fialho tem algum respaldo na realidade.

Gênero mais consumido do Brasil em qualquer plataforma, o sertanejo tem presença ainda maior nas rádios, que rendem cachês mais altos e podem dar fama nacional a uma música ou artista.

Entre as cem músicas mais tocadas nas rádios do país em 2021, segundo relatórios das empresas especializadas Crowley e Connectmix, cerca de 60% são sertanejas, e o resto é dividido entre forró, pagode, pop e músicas internacionais. O sertanejo também domina as primeiras posições.

No streaming, o ritmo também é protagonista, mas ali divide espaço com outros estilos, que criam alternativas para crescer sem depender de FMs.

O grupo Barões da Pisadinha, há dois anos consecutivos no posto de artista mais ouvido do Spotify, aparece nas listas de rádio, mas não tão bem ranqueado e com menos músicas tocadas que os grandes do sertanejo. João Gomes, dono do disco mais ouvido do ano no Spotify e no Sua Música —plataforma de streaming popular no Nordeste, na qual seu álbum passa dos 70 milhões de downloads— tem só uma canção entre as cem mais reproduzidas em rádio.

No YouTube, só um dos dez vídeos de música mais vistos em 2021 é de um sertanejo —no caso, "Batom de Cereja", alavancada pela participação do cantor Rodolffo no "Big Brother Brasil". O funk, ausente nas listas de rádio, tem quatro músicas nas dez mais do YouTube, incluindo "Bipolar", dos MCs Don Juan, Davi e Pedrinho, e duas do MC Pozé do Rodo. O forró também aparece por lá, com Barões da Pisadinha, Zé Vaqueiro e Raí Saia Rodada.

"O sertanejo vem numa crescente, de dominar o mercado, há uns oito ou nove anos. Antigamente, axé, pop rock e pagode dividiam mais espaço. Hoje, o sertanejo monopolizou", diz JP Ferolla, que presta serviços de marketing para diversos artistas, de Wesley Safadão a Gustavo Mioto, de Pedro Sampaio a Bruno e Marrone. "O sertanejo veio com empresários do meio rural, com muita grana, e pegaram toda a mídia. Enquanto um nome do pop rock ou um pagode investe R$ 50 mil numa música, um sertanejo bota R$ 1,5 milhão. Então fica muito desleal."

Segundo ele, as listas de mais tocadas no rádio são usadas para valorizar os cachês. Ferolla diz que um artista sertanejo entre os mais tocados chega a investir cerca de R$ 400 mil num acordo de três meses para que sua música de trabalho toque pelo menos três vezes ao dia no período.

As reproduções adicionais vêm de pedidos dos fãs e do desempenho da música. Entre os compositores sertanejos, a ideia é que uma música de trabalho —a que recebe investimento— já garante rotação alta em rádio, mas que é a qualidade da canção que determina se vai ser a primeira ou última na lista de mais tocadas.

Esses valores variam muito conforme a rádio, o artista e o tipo de acordo —se é nacional ou regionalizado, se é por música ou por cantor. Um empresário também pode negociar o espaço de vários artistas ao mesmo tempo, o que também afeta o preço. Não há tabela.

"Praticamente toda rádio nessas listas vende espaço. Isso sempre existiu, o que mudou foi a moeda de troca. Hoje preferem pagar dinheiro, mas antigamente eram shows, brindes, faziam de outra forma."

Continua na pág. C2

'Marlboro', obra de Geraldo de Barros, de 1976 Divulgação

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Lucas Negueira/Divulgação

A cantora Agnes Nunes lança na sexta (28) seu primeiro álbum de estúdio, "Menina Mulher", com dez faixas. "Tenho 19 anos e tenho vivenciado muitas coisas que me fizeram e estão me fazendo amadurecer muito. Fiz esse álbum baseado nessa evolução, nesse amadurecimento na forma de olhar o mundo", diz Agnes, que já se apresentou com Elza Soares. O disco sai pelo selo Bagua Records e tem produção musical de Neobeats e Alexandre Kassin

ABRE-SE O LEQUE

Um dos próximos passos estudados no TCU (Tribunal de Contas da União) no processo que mira os ganhos do ex-juiz Sergio Moro no setor privado é determinar que empreiteiras envolvidas na Operação Lava Jato informem seus gastos com consultorias desde 2013.

TABELA A medida, avaliada pelo Ministério Público de Contas junto ao TCU, permitiria saber quanto a Alvarez & Marsal —para a qual o ex-magistrado e presidenciável do Podemos trabalhou— recebeu de empresas como Odebrecht, Galvão Engenharia e OAS. O desgaste para Moro se ampliou com a possibilidade de uma CPI na Câmara dos Deputados sobre a questão.

TABELA 2 A A&M já enviou à corte documentos mostrando que 75% dos honorários que recebe no Brasil são provenientes de empresas investigadas pela Lava Jato, mas os valores são referentes às taxas dos processos de recuperação judicial. O montante nos últimos anos é de R$ 42,5 milhões.

PAREDE Moro e a A&M têm dito que o contrato do ex-juiz previa atuação como consultor e impedia a participação dele em casos ligados à Lava Jato. A suspeita, rebatida por ele, é a de que foi beneficiado indiretamente por recursos de empresas que teria ajudado a fragilizar com a força-tarefa.

PRATOS LIMPOS Tanto Moro quanto a empresa negam conflito de interesses na passagem dele pela consultoria. A A&M divulgou nota afirmando que tem contribuído com o TCU e repassado todos os esclarecimentos solicitados.

MAIS UM E a Associação Brasileira de Juristas pela Democracia (ABJD) entrou nesta terça-feira (25) com uma representação no Ministério Público Federal em Brasília para que Moro seja investigado pelo contrato na A&M e suas relações com a firma.

QUEM VEM Marta Suplicy fechou em 35 nomes a lista de mulheres do encontro que fará na sexta-feira (28) sobre pautas femininas nas eleições. Simone Tebet (MDB-MS), que a princípio não seria chamada por ser presidenciável, estará presente. Marta decidiu convidá-la pela atuação como senadora e ligação com a causa.

JUNTAS A professora Ana Estela Haddad (PT-SP), a ministra do Supremo Cármen Lúcia, a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, e a socióloga Maria Alice Setubal (Neca) também irão. Marta, que está apoiando Lula (PT), quer que o evento seja plural e aponte caminhos para as várias campanhas à Presidência. Uma carta será divulgada ao fim do papo.

GLOBAL Os governos do Espírito Santo, de Pernambuco e de São Paulo debatem crescimento econômico com baixo impacto ambiental, nesta quinta-feira (27), em evento do programa SPIPA (Parcerias Estratégicas para a Implementação do Acordo de Paris, na sigla em inglês), ligado à União Europeia, e da Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Meio Ambiente.

PONTO DE VISTA A discussão, que soa como contraponto a políticas do governo Jair Bolsonaro (PL) para a área, reunirá governadores e gestores.

LUTO A missa de sétimo dia de Olinda Bolsonaro em Eldorado (SP), nesta quinta (27), deverá reunir familiares de Jair Bolsonaro que vivem no Vale do Ribeira e aliados como o deputado estadual Gil Diniz (sem partido). A mãe do presidente, que morreu aos 94 anos, foi velada na Igreja Nossa Senhora da Guia, onde ocorrerá a celebração. A presença de Bolsonaro não está confirmada.

*

Há a expectativa de que ele vá a uma outra missa pela mãe, em Brasília, na mesma data.

O RETORNO Com a morte de Olavo de Carvalho, o documentário "O Jardim das Aflições", de Josias Teófilo, voltará a entrar em cartaz na capital paulista nesta quarta-feira (26). O filme sobre o escritor será exibido todo dia à tarde, por uma semana, no Petra Belas Artes.

Joelmir Tavares (interino), com Lígia Mesquita, Bianka Vieira e Manoella Smith

O rei do rádio

Continuação da pág. C1

Apesar de malvista, a prática do jabá, o ato de pagar uma quantia em dinheiro para a rádio tocar determinada música, não configura um crime, e hoje é praticamente regra, além de já ter chegado à cadeia do streaming. Por isso, quando Kamila Fialho diz que sertanejos compraram as rádios, não está falando da compra literal de estações, mas dos espaços na programação.

Além de investir numa música em rádio, o sertanejo se beneficia da grande quantidade de estações segmentadas do gênero, o que dificulta ainda mais a presença de outros estilos no dial. Ferolla, que também trabalha com os Barões da Pisadinha, diz que o investimento em rádio no forró é menor, e ainda há discriminação.

"A maioria das rádios sertanejas não toca forró e nem piseiro. Já vi artista que quis pagar e não foi aceito. Então a rádio também faz uma seleção, não pega qualquer música."

Mesmo competindo com os meios digitais, o rádio continua relevante. Uma pesquisa do Kantar Ibope Media de setembro de 2021 concluiu que 80% dos brasileiros ouvem rádio, um leve aumento em relação ao ano anterior. Hoje, as estações também têm canais no YouTube e divulgam playlists, além de alcançarem regiões com acesso precário à internet e pessoas com pacotes de dados mais restritos no celular.

É também essa capacidade de penetração em todo o Brasil que motiva a estratégia dos sertanejos. "A internet não conseguiu ainda entrar no país inteiro do jeito que o rádio entrou. E o sertanejo é de massa —e é massa mesmo. O sertanejo precisa e aposta em muita gente do Brasil inteiro. E quem tem esse alcance é rádio", diz André Piunti, jornalista especializado em sertanejo.

A relação do sertanejo com as rádios é antiga, e está longe de ser restrita. As músicas que tocam no rádio são impulsionadas nas redes sociais e no streaming, num esquema de retroalimentação. Ou seja, uma pessoa que passou o dia ouvindo uma música na rádio, quando chega em casa e acessa a internet, vai atrás daquela canção. Como diz Piunti, "nada que eles fazem é por acaso".

Nomes do pagode como Thiaguinho, Dilsinho e Sorriso Maroto são alguns dos que conseguem furar a bolha e aparecer entre os mais tocados em rádio. "Caras como o Thiaguinho, que se vestiram de pop, se tornaram pessoas interessantes, com quem marcas querem falar, revertem esse interesse em shows. Mas, ainda assim, o cachê desses astros não é o mesmo de um sertanejo. Mesmo Dennis DJ, que toca em todos os rodeios, não tem esse cachê", diz Fialho.

Além do alcance mais perene, o sertanejo promove shows. Discos e vídeos são gravados ao vivo, numa demonstração a público e contratantes da estrutura e do repertório com os quais eles vão rodar o país.

Isso tudo acaba elevando os cachês. "Você vê artistas do sertanejo que têm cachês de R$ 80 mil e outros de R$ 400 mil ou R$ 300 mil, mas ainda assim o cara já nasce com um cachê na casa de R$ 80 mil. Meus artistas de pop e funk, mesmo depois da era Anitta e Naldo, começam com cachês mais baixos. E o investimento também é outro."

Artistas do pop e do funk, por exemplo, também conseguem entrar no rádio, em negociações que envolvem planos de carreira, gravação de vinhetas e entrevistas, entre outros, mas num espaço restrito.

"No Brasil existem rádios pop que não tocam sertanejo, e tocam no Brasil inteiro. Se eu entro nessas três rádios, eu consigo um número de execuções grande, mas menor do que se juntar todas as sertanejas. A questão é que o Brasil é feito de interiores, não tem uma internet com tanta velocidade como nas capitais. E essas três rádios pop não necessariamente estão no interior."

Igor Carvalho, que trabalha no departamento de artistas e repertório da GR6, uma das maiores produtoras de funk do país, conta que esse estilo busca outros tipos de investimentos. "São movimentos bem diferentes. O funk é de massa, atinge as periferias, e o sertanejo é mais nacional, entra em casas que o funk talvez não entre. Apesar de isso estar mudando. Hoje tem funks que tocam em festa de criança. Os artistas têm preocupação em fazer letras que o público mais caxias aceite."

Ele diz que, ainda que não menosprezem a importância do rádio, os funkeiros tentam se virar sem ele. "Tem artistas de funk com cachê de R$ 100 mil que não toca em rádio nenhuma. Não sei até que ponto é indispensável tocar na rádio, até porque a gente sabe que isso tem um custo. E são valores que, pela nossa avaliação, não é válido o custo benefício. O sertanejo pode ter cachê de R$ 300 mil, mas o custo para chegar nisso é muito maior."

Isso também se reflete nos investimentos em shows. Enquanto sertanejos vendem turnês conceituais com banda e estrutura grandes, os funkeiros fazem shows mais curtos, e podem tocar várias vezes numa única noite. "A banda de um funkeiro é um DJ com um equipamento de R$ 10 mil no máximo, que é uma MPC [music production controller]", diz Carvalho.

Nos últimos anos, o funk tem conseguido se aproveitar também de estratégias do sertanejo, nas parcerias entre artistas do gênero e, mais recentemente, na gravação dos filmes de show —os chamados DVDs. Kevin o Chris, cliente de Fialho, e o MC Hariel, da GR6, gravaram apresentações ao vivo para tentar vender shows mais longos e turnês temáticas, e assim elevar os cachês.

Mas o dinheiro gasto para promover o funk acaba indo mais para influenciadores em plataformas como o TikTok, a compra de espaço em playlists de pessoas famosas, propaganda nos serviços de streaming, impulsionamento digital das músicas e videoclipes.

"O funk acompanha a juventude. Muita gente não ouve rádio, mas está no Instagram e no TikTok. Claro que existem casos em que vale a pena estar no rádio, é muito bom atingir mais pessoas. Mas se você for falar do funk em si, a conta não fecha. Se tiver só aquele dinheiro, ele não vai ser investido primeiramente no rádio."

O cantor sertanejo Luan Santana Bruno Fioravanti/Divulgação

Neil Young lança seu melhor disco em dez anos

Em 'Barn', artista resgata as principais marcas do country rock, enrolando a letra 'r' e gravando num celeiro do século 19

MÚSICA
Barn
★★★★☆
Artista: Neil Young e Crazy Horse. Gravadora: Warner Music. Disponível nas plataformas de streaming

Ivan Finotti

Melhor disco de Neil Young na última década, "Barn" recoloca o artista na tradição das baladas rurais alternadas com country rock que o marcam desde os anos 1970. "Harvest", ou colheita, de 1972, é o padrão que os fãs buscam disco após disco, e um disco chamado "Barn", ou celeiro, claramente tem a intenção de se inscrever como uma continuação daquele que elevou Young ao estrelato há 50 anos.

O celeiro, afinal, é de verdade. Foi numa construção dessas, de toras de madeira, do século 19, restaurada e agora recheada de equipamentos musicais, que Young e sua banda Crazy Horse gravaram as dez canções nas montanhas do Colorado. É o 41º disco de Neil Young e o 14º gravado com a Crazy Horse.

Incorporando toda essa atmosfera, Young aparece mais caipira do que nunca, enrolando de forma impressionante o 'r' de palavras como "hair", "burn" ou "together" como se fosse um Chico Bento de 76 anos. Fosse em português, ele diria "porrrta".

A abertura do disco, que ganhou clipe, é a delicada "Song of the Seasons", uma séria candidata a figurar entre seus clássicos de gaita, como "Out on the Weekend" e "Heart of Gold", ambos de "Harvest". Além da gaita, uma sanfona acompanha a música, com uma pegada que lembra "Harvest Moon", a canção preferida dos apaixonados, de 1992.

O disco segue com "Heading West", típica canção pauleira do Crazy Horse. Com a base de Ralph Molina na percussão, Billy Talbot no baixo e o multi-instrumentista Nils Lofgren, Young traz reminiscências de quando era um garotinho e brincava nos trilhos de trem. "Good Old Days", ou bons e velhos dias, diz o refrão.

Enquanto "Change Ain't Never Come" é baseada em um riff de gaita, há maior ambição em "Canerican". Trata-se de uma velha sensação cara a Young, de pertencimento ou não pertencimento aos Estados Unidos, já que ele nasceu no Canadá e chegou a Los Angeles por volta dos 20 anos.

[...]

O disco alterna faixas porradas e lentas, como Young já havia feito em 'Rust Never Sleeps', que vão se misturando como ovelhas brancas e pretas, tocadas com precisão pelo pastor Chico Bento

Neil Young durante show na Califórnia em 2016 Kevin Winter/AFP

Ele nunca se furtou a chamar os Estados Unidos de seu país, divulgando inclusive preferências políticas e combatendo a destruição ambiental do país. "Eu sou americano, americano é o que eu sou. Nasci no Canadá, vim pro sul para montar uma banda. Eu sou 'canericano', 'canericano' é o que eu sou", canta.

Em 2017, ele já havia tocado no assunto na canção "Already Great" (em contraposição ao slogan Make America Great Again, de Donald Trump). "Eu sou canadense, por falar nisso/ E eu amo os Estados Unidos", cantava.

O disco segue alternando porradas e lentas, como Young já havia feito em "Rust Never Sleeps", de 1978, só que daquela vez eram lentas no lado A e porradas no lado B. Em "Barn", elas vão se misturando, como ovelhas brancas e pretas, tocadas com precisão pelo pastor Chico Bento.

Como vem fazendo há muito tempo, Young e o Crazy Horse gravaram "Barn" ao vivo, com todos tocando ao mesmo tempo, e não da forma feita em estúdios, quando o primeiro grava sua parte, o segundo toca por cima, depois o terceiro e aí por diante, facilitando a percepção de possíveis erros e corrigindo-os.

Com Young, se algum erro aparecer, ele faz parte do clima geral da coisa e merece ficar no disco. Em "Barn", apenas os backing vocals foram adicionados mais tarde.

O processo foi capturado em vídeo pela mulher de Young, a atriz Daryl Hannah.

Baco Exu do Blues em ensaio para divulgação de seu novo disco, 'Quantas Vezes Você Já Foi Amado?' Rodrigo Sombra

Baco Exu do Blues lança disco contra o ódio que diz ter criado por falta de afeto

Rapper vai além do hip-hop que o consagrou ao se unir a Gloria Groove, Gal Gosta e Vinicius de Moraes

Claudio Leal

SALVADOR O peso do corpo desequilibrava Diogo Moncorvo na postura da árvore. "Fique firme", insistia seu pai, mestre de tai chi chuan, ao perceber seu desconforto. Aos sete anos, ele perdeu o pai e guardou o conselho, repetido a si mesmo cada vez que temia se desviar no mundo.

Diogo passou a se chamar Baco Exu do Blues em 2015. Aos 26, o rapper treina boxe e sente o peso do corpo numa das pernas, na postura de combate. Move a cintura, lança cruzados e tem os olhos rútilos. Depois de crises depressivas, parou de despejar sua raiva no sparring e aceitou o jogo mental da luta.

"Pra mim, boxe é uma partida de xadrez. Você tem as mesmas peças, regras e movimentações. A pessoa que for mais inteligente e souber ler o adversário acaba ganhando", diz, sentado num banco de seu prédio, em Salvador.

> Eu era uma criança extremamente afetiva, amorosa. Adolescente, era um cara fechado, arisco. E sempre me culparam por isso. 'Você é agressivo. É violento'. Cheguei à conclusão de que, na realidade, foi falta de afeto, de abraço. Eu reagi
>
> **Baco Exu do Blues**
> Músico

Seu novo disco, "Quantas Vezes Você Já Foi Amado?", que chega nesta semana ao streaming, está em sintonia com a desconstrução de sua raiva no boxe. Pouco a pouco, Baco passou a ter consciência de seus golpes no ar. E de seus ressentimentos. "Como eu podia ter o corpo todo ocupado por raiva, por ódio, e ao mesmo tempo querer amar e ser amado? Estou no processo de desconstrução da raiva, de entender de onde ela vem."

"Eu sinto tanta raiva que amar parece errado", afirma o na abertura do disco. A natureza de sua ira foi revelada ao regressar a Salvador, no meio da pandemia, após três anos em São Paulo. "Tive um encontro feroz com minha infância e adolescência". Andando nas ruas, relembrou dores familiares e sua formação.

"Eu era uma criança extremamente afetiva, amorosa. Adolescente, eu era um cara fechado, arisco. E sempre me culparam por isso. 'Você é agressivo. É violento'. Cheguei à conclusão de que, na realidade, foi falta de afeto, de abraço. Eu reagi."

"Sou de uma família mista. A de minha mãe era de classe média, e a de meu pai, não. Vivi em dois mundos diferentes. Quando fui para o convívio de minha mãe, acabou que, sendo uma família branca, acabei me afastando muito desse âmbito familiar. É muito difícil considerar como lar um lugar que não tem pessoas parecidas com você. Não tem como ser afetivo quando você parece ser um intruso."

> Sendo um jovem negro, é difícil olhar para dentro. Nos outros álbuns, externei os sentimentos do momento. Não tive tempo de revisar os outros. Foi terapêutico fazer este disco, ter conversas comigo mesmo e entender o que é o amor

Há seis anos, Baco empurrou a porta do hip-hop nacional com sua sensibilidade negro-nordestina. Os álbuns "Esú", de 2017, e "Bluesman", de 2018, o elevaram à posição de artista de reconhecimento crítico e comercial. Sua marra cresceu com a vitória do clipe de "Bluesman" em Cannes, onde derrotou Beyoncé e Jay-Z.

Seu aguardado álbum "Bacanal" segue arquivado —em 2020, lançou "Não Tem Bacanal na Quarentena". O vigor dos discos iniciais, porém, retorna em "Quantas Vezes Você Já Foi Amado?", com feats e samples de Gloria Groove, Muse Maya, Gal Costa e Vinicius de Moraes. Nele, temos um Baco rude, amoroso, iracundo e sexualizado, mas também um Baco explorador de sonoridades do samba, pop, blues, jazz e pontos de candomblé e umbanda.

"Inimigos", faixa colérica, sampleia a música "Tenha Fé, Pois Amanhã um Lindo Dia Vai Nascer", do Originais do Samba, e assume o confronto com o racismo em versos como "Atacaram meu povo primeiro/ Eu sou a resposta/ Seu novo inimigo" e a violência política em "Acham que me cercaram/ Mas não sinto o perigo/ Só cheiro de medo e de inimigos mortos".

"É muito doido, porque o refrão veio de um quadrinho de Darth Vader. A galera fala para ele: 'Se renda, você está cercado'. E ele: 'Cercado? Só estou cercado de medo e homens mortos'. É assim que me sinto. O racismo está impregnado no mundo. É como se você estivesse cercado."

O olhar racista não balança mais a imagem de homem desejável. Baco, bem Narciso Exu do blues, me mostra o corpo malhado e se diz feliz com o emagrecimento. O sinal de alerta máximo veio ao se ver em grupos de risco da Covid.

"Sendo um jovem homem negro, é difícil olhar para dentro. Nos outros álbuns, sempre externei meus sentimentos do momento. Nunca tive tempo de revisar esses sentimentos. Foi muito terapêutico fazer esse disco, ter conversas longas comigo mesmo e entender o que é o amor."

"Mulheres Grandes" expressa sua estranheza e instabilidade com a segurança do desejo feminino. "Em todos os meus relacionamentos, as mulheres sempre estavam mais preparadas psicológica e emocionalmente que eu. É uma parada que me assustava."

Na capital baiana, seus mergulhos no mar são breves. Ele mantém a vivência caseira no bairro da Barra. "Salvador é meu lar. É minha vida. Eu me sinto melhor, escrevo melhor quando estou aqui. Sinto que fico longe de todo o glamour de ser Baco Exu do Blues. A maioria dos meus amigos nem lembra que eu canto", diz.

Dois meses antes de nosso encontro, no estúdio montado em seu apartamento, ele me contou seu anseio de esticar as pesquisas musicais para além do rap. Pediu um instante e botou Justin Bieber cantando "Peaches". Ficou firme, não teve medo de pensarem mal de seu gosto. "Bieber é um cara que vai ser entendido lá para frente. Acho ele muito bom", explicou.

"Quantas Vezes..." caminha para fusões em que tudo, mesmo Bieber, vale como referência. "Sinto que faço parte da cultura hip-hop de uma forma direta, mas, ao mesmo tempo, meu trabalho caminha para vários outros lugares. Não necessariamente estou 100% na cena do hip-hop. Cada vez mais quero fazer minha música. Não quero sair do rap, mas não faço só isso."

Quantas Vezes Você Já Foi Amado?
Artista: Baco Exu do Blues. Gravadora 999. Disponível no streaming

'Chicago', sucesso da Broadway, chega ao Brasil

Com Emanuelle Araújo e Paulo Szot, musical ganha segunda montagem no país em meio a um sentimento de êxtase

Marina Lourenço

SÃO PAULO Quando os teatros fecharam suas cortinas em março de 2020, devido à pandemia, o brasileiro Paulo Szot se preparava para voltar a encenar "Chicago" na Broadway. Se não fosse o caos gerado pelo novo coronavírus, o ator viria, ainda naquele ano, ao Brasil para estrelar a peça —dessa vez, em português— ao lado das atrizes Emanuelle Araújo e Carol Costa.

Mas foi só em setembro do ano passado, em meio a uma retomada de atividades presenciais, que o artista voltou aos palcos americanos. Agora, quatro meses após "Chicago" ter sido parte do retorno triunfante da Broadway, o espetáculo finalmente estreia em São Paulo, no Teatro Santander, nesta quarta-feira.

A montagem brasileira é uma réplica do revival da produção americana —em cartaz na Broadway desde 1996—, feita após o sucesso da versão original, de 1975.

O musical se passa durante os famosos anos dourados da década de 1920, em Cook County Jail, prisão de Chicago, onde as assassinas Roxie Hart e Velma Kelly disputam o holofote midiático do momento.

Tudo o que querem é se livrar das grades e conquistar muita fama e dinheiro. Para isso, as criminosas competem pela atenção de Billy Flynn, o advogado mais requisitado da cidade, que sempre livra a cara de seus clientes e atrai os flashes da imprensa.

Embebidas de comédia e diversão, as críticas do espetáculo ironizam o Judiciário, as chamadas celebridades do crime, o jornalismo, o sensacionalismo, o showbusiness e, sobretudo, a sociedade americana.

Conhecido como o musical mais antigo da Broadway, "Chicago" é uma peça cheia de sensualidade e glamour exuberante. Sem dúvidas, um dos maiores clássicos teatrais.

Deslumbrantes, os movimentos corporais dos atores são minuciosamente sincronizados. "Em cada canção e coreografia, nada é à toa. Existe uma história sendo contada por trás de cada passo", diz a atriz Emanuelle Araújo. "É um espetáculo muito precioso. Não é datado."

Na peça, a baiana exibe seu vozeirão grave e faz o papel de Velma, a criminosa sabichona que vê o próprio status em corda bamba após a chegada de Roxie, a nova assassina do pedaço que passa a estampar as capas de jornais.

Carol Costa, que faz a novata, concorda com a colega e define a peça como "um retrato extremamente atemporal da humanidade".

Para a atriz, a competitividade entre as protagonistas é um exemplo disso por remeter a temas feministas contemporâneos, como sororidade, um tipo de desconstrução da rivalidade entre mulheres.

Tania Nardini, que desde 2007 dirige "Chicago" fora dos Estados Unidos, explica que, embora o musical seja uma sátira local sobre aquela comunidade, lota plateias em todos os países por onde passa. Isso porque, segundo ela, a peça traz uma linguagem universal de dança, música e enredo.

"'Chicago' é uma crítica ácida à sociedade americana. Então, obviamente tem, na história, elementos muito específicos dos Estados Unidos, mas o centro da discussão é o poder, sobretudo o da imprensa. É por isso que não importa onde esteja, 'Chicago' sempre dialoga com a cultura do local."

Com 63 prêmios, a peça já foi vista por mais de 33 milhões de pessoas, em 36 países. Agora, chega ao Brasil pela segunda vez —18 anos após a primeira versão—, não só com um novo elenco, como também em meio a um certo sentimento de êxtase.

"A reestreia na Broadway, no ano passado, foi surreal. Todos nós, artistas, estávamos emocionados por voltar aos palcos depois de tanto tempo, mas a plateia me surpreendeu. Ela aplaudiu de pé durante cinco minutos, sem parar", conta Szot, único brasileiro a ganhar um Tony, principal prêmio do teatro americano.

"Estou ansioso pela estreia no Brasil. Os artistas nacionais são de altíssimo nível. A gente está pronto para fazer qualquer tipo de espetáculo."

Chicago
Dir.: Tania Nardini. Com: Emanuelle Araújo, Paulo Szot e Carol Costa. Teatro Santander - av. Presidente Juscelino Kubitschek, 2.041, São Paulo. Qui. e sex., às 21h; sáb., às 17h e 21h; e dom., às 15h e 19h. Até 29/5. R$ 75 a R$ 340

Ensaio da nova montagem brasileira do musical 'Chicago', que entra em cartaz no Teatro Santander, em São Paulo Caio Galucci/Divulgação

'Língua Brasileira' escancara o português que oprime e o que liberta

TEATRO
Língua Brasileira
★★★★★
Dir.: Felipe Hirsch. Dramaturgia: Caetano Galindo. Músicas: Tom Zé. Sesc Consolação - r. Doutor Vila Nova, 245, São Paulo. Qui. a sáb., às 20h; dom. às 18h. Até 20/2. 16 anos. R$ 40

Noemi Jaffe

Numa peça de teatro, estamos habituados a ver atores interpretarem personagens.

Mas em "Língua Brasileira", espetáculo em cartaz no Sesc Consolação que leva o espectador a uma viagem pela formação do nosso idioma desde antes do descobrimento, o que vemos são atores não exatamente representando, mas sendo palavras, textos, ou ainda uma babel de línguas e, como corolário, a própria língua brasileira, composta de tantas outras línguas, dialetos e jargões.

Numa colagem de textos, canções, peças, danças e gestos, o espetáculo segue em ordem cronológica. Começando pelas origens do português europeu e brasileiro —línguas indígenas, grego, latim, árabe, celta, português arcaico e outras—, a peça chega até José Agrippino de Paula e Haroldo de Campos, entremeada, a intervalos, por canções compostas por Tom Zé especialmente para a apresentação.

Todos interpretam tudo, num rodízio aberto, como se fossem as línguas a circular entre os atores, estacionando ora num e ora noutro, que, por sua vez, se transformam em porta-vozes de palavras. Ao fundo e no chão, telas com nebulosas de letras crescem e diminuem, formando um céu de possibilidades verbais, mais ou menos alvissareiras, conforme a circunstância.

Aos poucos, quase sem perceber, o espectador se vê enrolado numa trama de textos que vão contando, gradualmente, não somente a história da língua, mas as histórias de opressão que necessariamente a acompanharam.

E não é sem surpresa que, após participar de uma brincadeira hilária de repetição de sílabas, o espectador se dá conta de que caiu numa cilada semelhante à que iludiu indígenas nos primeiros anos da colonização. É como se a história do desenvolvimento do português brasileiro fosse a própria história dos povos e etnias que por aqui aportaram, sendo subjugados e enganados.

Por outro lado, as canções de Tom Zé vão, paulatinamente, apontando para potências de sublevação, até que as coisas possam culminar em raiva ativa e criativa.

É igualmente impressionante o trabalho dos atores na memorização e precisão dos sotaques, todos orientados por especialistas das mais diversas línguas, desde as ocidentais até as indígenas. Com consultoria geral de Caetano Galindo e direção de Felipe Hirsch, a peça contou com a colaboração de 30 profissionais para chegar ao resultado que, após assistir à peça duas vezes, digo que nunca é final.

Em textos que vão de uma pichação vista nos muros de Pompeia, passando pelo poeta medieval Martin Codax, mitos indígenas brasileiros, poemas em árabe, até a apoteose delirante de José Agrippino de Paula em "Panamérica", o espectador-ouvinte-leitor deriva por tempos e espaços, testemunhando o nascimento, o desenvolvimento e a explosão orgástica de uma língua que se presta tanto a oprimir como a libertar.

No ato de combinar aquilo que é aparentemente inconciliável, como, por exemplo, Olavo Bilac e Haroldo de Campos, ou uma peça didática e catequética e Luís de Camões, a sensação é a de que é a mistura que permite a vivacidade de uma língua que não cessa de mudar.

Nas favelas, nos morros, na academia, nas igrejas, nos terreiros, "Língua Brasileira" trabalha antropofagicamente, reunindo não só textos, mas música e movimento, para formar um painel ativo da história passada e, por que não, também da história futura desse Brasil agora tão adoecido pelos ensaios totalitários sob os quais temos vivido.

A língua é nosso casulo e casca, o equivalente aos cheiros e líquidos expelidos por plantas e animais. Como com eles, pode nos proteger, identificar, pode seduzir e até matar. Por outro lado, também pode ser alvo de ataques e injustiças.

Muito depende do acesso às suas várias formas e usos e a peça "Língua Brasileira", se não soluciona, aponta alguns caminhos possíveis.

Obras do Museu de Arte Naïf estão sem destino após venda do imóvel

Peças estão em guarda-móveis, sem refrigeração ou controle de umidade, e muitas delas devem deixar o Brasil

Gustavo Zeitel

RIO DE JANEIRO Há cinco anos funcionários do trenzinho do Corcovado escutam diariamente os turistas perguntarem em diferentes idiomas onde fica o Museu Internacional de Arte Naïf, o Mian. Ao que respondem, às vezes com alguma mímica, que o museu está fechado. A pintura gasta da fachada, os vidros sujos e o jardim por aparar indicam que o casarão do século 19 já não é visitado há algum tempo.

Da calçada, é possível ver a penumbra no interior do prédio bem ao estilo neoclássico, tão comum no Cosme Velho, na zona sul do Rio de Janeiro. Desde a semana passada, a maior coleção de arte naïf do mundo não está mais no imóvel. O casarão foi finalmente vendido por R$ 4 milhões, inaugurando um novo capítulo na novela do Mian.

As 6.000 obras de artistas de 120 países estão sem destino e foram parar num guarda-móveis, sem refrigeração ou controle de umidade. Ex-proprietária e diretora do museu, Jacqueline Finkelstein conta que ficou sem escolhas, vendo seu patrimônio diminuir durante os cinco anos em que o casarão esteve à venda. Fechado, o imóvel tinha um custo médio de R$ 6.000 para manutenção. Ela não revela a identidade do comprador, que pediu anonimato, mas diz ser uma empresa. Até o momento, nenhuma obra foi iniciada no local.

Nos últimos tempos, os esforços para a manutenção da casa, com o interior já deteriorado, impediam que Finkelstein tomasse uma decisão sobre o futuro do acervo. Desde 2016, pinturas de Heitor dos Prazeres e Lia Mittarakis estavam numa sala, sem as condições necessárias à preservação das telas. Finkelstein deseja vender o acervo —ou mesmo ceder em comodato— para alguma instituição pública ou privada.

O sonho de manter toda a coleção na cidade está cada vez mais distante. O Museu de Arte do Rio, o MAR, foi procurado, mas não houve interesse na compra. "Aqui no Rio as pessoas estão com medo de receber qualquer coisa, porque isso demanda ter mão de obra. O pessoal está com dificuldade de manter o próprio acervo", ela afirma.

O momento é difícil para os museus cariocas. Em 2019, a prefeitura concedeu um aporte de R$ 451 mil para evitar o fechamento do MAR. Um ano antes, o Museu de Arte Moderna, o MAM, teve de se desfazer de uma tela do pintor americano Jackson Pollock para sair da crise.

De acordo com a plataforma Museus Br, do Instituto Brasileiro de Museus, o Ibram, 22 instituições estão fechadas ou foram extintas no Rio de Janeiro. É mais do que o dobro do número relativo a 2016, ano em que a cidade recebeu os Jogos Olímpicos —e o Mian encerrou as suas atividades.

Para o fim do mês, Finkelstein acerta os últimos detalhes antes de repassar ao Museu Histórico Nacional a maior tela de arte naïf do mundo, "Brasil, Cinco Séculos de Luta", de Aparecida Azedo.

Finkelstein decidiu que manterá no país 2.000 obras. Até o momento, a Pinacoteca do Estado de São Paulo e o Museu do Sol, de Penápolis, no interior paulista, mostraram interesse em receber parte dos quadros. "No Brasil, e principalmente no Rio, falta a cultura da cultura. E sobre arte naïf existe um desprezo. Acho que os europeus vão admirar mais a arte brasileira", afirma. Sendo assim, cerca de 4.000 telas devem deixar o país em breve. Ela já iniciou as tratativas com o Museu Naïve de Jagodina, na Sérvia.

Fundado em 1995 para abrigar a coleção do pai de Finkelstein, o francês Lucien, o Mian tinha em seu acervo obras de Miranda, Antonio da Silva e Maria Auxiliadora. O termo naïf é usado para designar um tipo de arte popular feita, muitas vezes, por artistas sem iniciação acadêmica. O primeiro sinal da crise veio em 2008, ano da morte de Lucien.

A prefeitura interrompera o financiamento de R$ 16 mil por mês, que ajudava a cobrir os custos do casarão. Sem a verba, o Mian fechou as portas pela primeira vez.

Em 2011, Tatiana Levy, filha de Finkelstein, assumiu a gestão do museu, integrando as exposições a programas educativos, o que provocou um aumento de público. Nessa época, a família chegou a comprar o casarão ao lado, visando a inauguração de uma biblioteca sobre arte naïf, que teria entrada pela praça do trem do Corcovado.

A prefeitura não liberou o projeto, alegando que a obra descaracterizaria o imóvel do século 19. Com o tempo, a estrutura do prédio cedeu e hoje ele está em ruínas. O imóvel foi vendido pelo valor de R$ 2 milhões também no fim do ano passado.

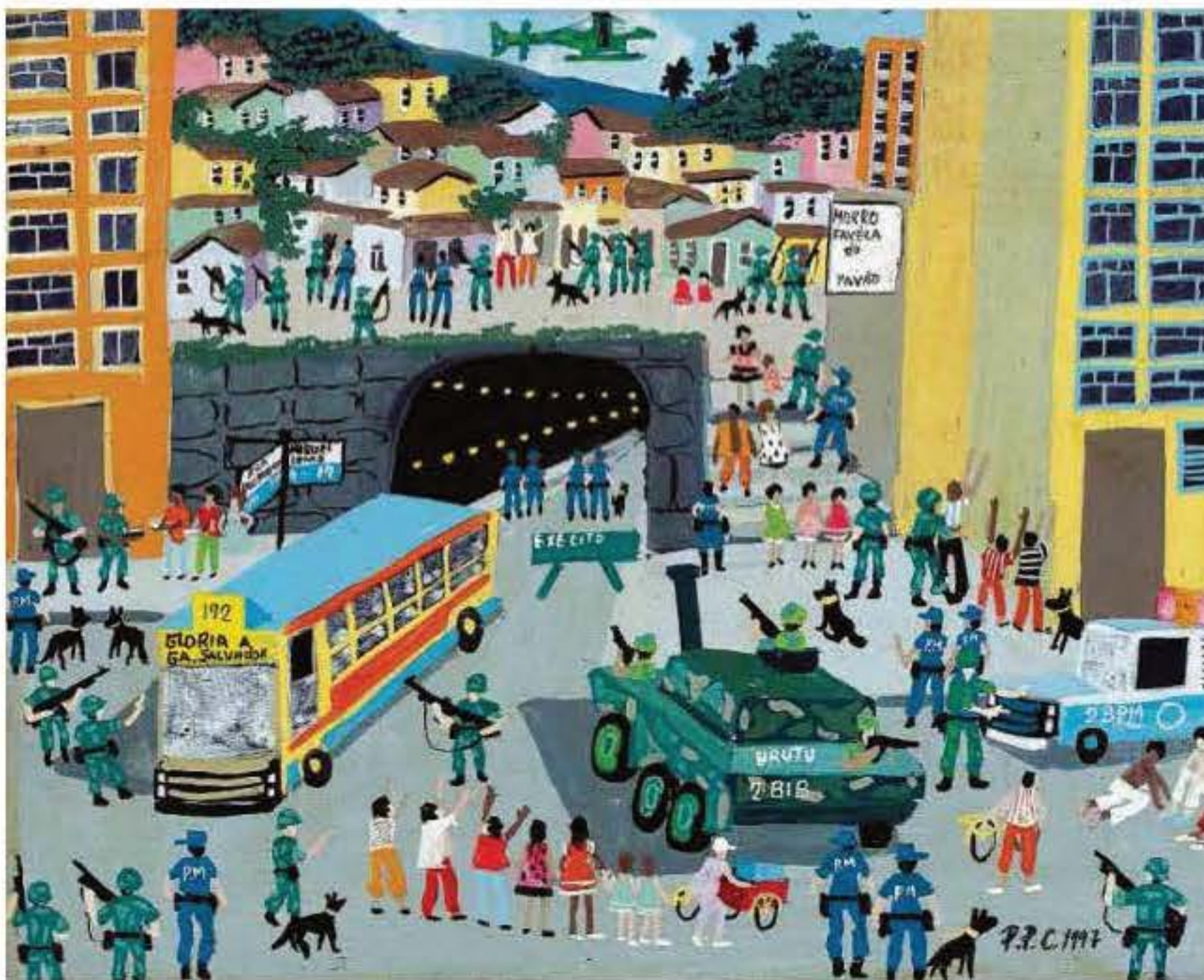
Por diversas vezes, a família buscou apoio do poder público —nas esferas municipal e estadual— e da iniciativa privada, mas durante oito anos nenhum patrocinador se sensibilizou pela situação do museu. A última exposição do acervo ocorreu em 2019, em parceria com a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Naquele ano, o Museu do Pontal havia sido inundado e o Museu Nacional, consumido pelo fogo.

"Arte Naïf - Nenhum Museu a Menos" surgia nesse contexto, apresentando a coleção Finkelstein ao lado de obras de Erika Verzutti e Dalton Paula. Apesar do sucesso de público, não houve verba para promover uma exposição itinerante. Ulisses Carrilho, organizador da mostra, lembra que, na ocasião, as obras do Mian já não estavam bem conservadas.

Carrilho ressalta a importância da coleção, rejeitando o termo naïf, que ele considera pejorativo. "Os campos cromáticos explorados são muito interessantes. Dentro da representação, esses artistas ousavam mais no uso de cores calorosas", afirma.

Segundo ele, saber que parte da coleção está prestes a deixar o Brasil é motivo de tristeza. "Na arte dita naïf, o Brasil pode se ver. Lastimo muito, mas sei que há um desejo internacional por esse tipo de produção."

'A Pomba Gira', de Ozias, obra de 1999 que integrou o acervo do Mian Fotos Divulgação

'A Seca', obra do artista Gerson feita em 1959

'O Exército na Rua Eco-92', criação de Pedro Paulo da Conceição, de 1997

O imbecil individual

Olavo morreu por não saber o mínimo que era preciso saber pra não ser um idiota

Gregorio Duvivier

É ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos

Até relógio parado consegue estar certo duas vezes ao dia, diz o ditado. Venho aqui louvar a coerência e também a sorte de Olavo de Carvalho, que em 74 anos de vida conseguiu não ter razão nem um dia sequer. Não é fácil não acertar nada sobre coisa alguma.

Entre os seus muitos legados, se destaca uma contribuição inegável na identificação do imbecil brasileiro. Seu livro mais vendido tinha a palavra idiota escrita em letras garrafais na lombada, facilitando muito o nosso trabalho na identificação de um energúmeno. Olavo tirou o idiota brasileiro do armário: deu a ele uma carteirinha, um livro, um candidato.

Conheci Olavo n'O Globo, quando comecei a ler jornal. Tinha 13 anos e fiquei fascinado com sua coragem. Ele era o único que possuía informações que provavam que o PT estava mancomunado com as Farc pra dar um golpe comunista —ele e, então, eu, seu leitor, esse privilegiado que fazia parte do seu circulo mais intimo, tínhamos acesso a essas informações tiradas lá do fundo do seu círculo mais íntimo. Sua obsessão anal se justificava: era no fundo desse instituto privado que ele ia buscar seus argumentos. Nem da direita nem da esquerda, sua formação veio do reto.

Acompanhei ele na Bravo, na Folha, ainda abismado com aquela coragem advinda da estupidez mais profunda. Lula ganhou, nenhuma das suas previsões catastróficas se concretizou e, ainda assim, ele nunca deixou a realidade contaminar seu discurso. Suas teorias nunca se deixaram abalar pelos fatos. Não se curvaram nem sob o temporal de uma pandemia. E convenceram muita gente. A estupidez tem o fascínio das coisas inabaláveis.

Olavo morreu porque não sabia o mínimo que era preciso pra não ser um idiota. Defendeu, até o fim da vida, os malefícios da vacina e os benefícios do cigarro. Morreu de estupidez, e levou muita gente junto.

Mas não estava sozinho. Nunca teria conseguido matar tanta gente se não tivesse tido tanto espaço, por tanto tempo, em jornais como este. Sua estupidez pode ter causado a morte de muita gente, mas antes disso gerou muitos anunciantes, movimentando a economia de cliques. E podem ter certeza de que não será esquecida.

Podem vir meteoros e erupções vulcânicas. Uma opinião estúpida é uma espécie de sacola plástica. O mundo pode acabar numa explosão nuclear: vai sobrar uma barata lendo um livro do Olavo de Carvalho.

Catarina Bessel

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | **QUI. Flávia Boggio** | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Ryan Reynolds faz um personagem de videogame que tenta se libertar

Free Guy: Assumindo o Controle

Star+, 12 anos

Um pacato bancário leva uma vida tranquila, sem ligar para a violência ao seu redor, até descobrir que é um personagem não jogável de um game chamado "Free City". Ele então decide que quer mais de sua vida eletrônica, e conta com a ajuda de uma jogadora humana. Com roteiro derivado de "O Show de Truman" e estrelada por Ryan Reynolds e Jodie Comer, esta comédia de ação fez boa bilheteria nos cinemas.

Uma Cidade de Loucura

Amazon Prime Video, 16 anos

Nesta comédia frenética exclusiva da plataforma, diversas histórias se cruzam na Cidade do México.

Uma Razão para Recomeçar

Globo, 15h15, 10 anos

Um casal se conhece desde os sete anos de idade. Quando tudo parece correr bem, uma doença grave ameaça interromper seus sonhos. Inédito na TV aberta.

Especial Jazz & Whitney – A Volta das Fadas Sensatas

TLC, 20h30, 10 anos

Dois realities sobre superação de desafios estão de volta à grade do canal. Primeiro, estreia a sétima temporada de "A Vida de Jazz", que mostra a luta de uma moça por sua saúde mental. Em seguida, é a vez de "Uma Mulher de Peso", sobre uma mulher obesa que tenta reconstruir sua vida após uma separação.

Macunaíma

Telecine Cult, 22h, 12 anos

Lançada em 1969, a versão delirante de Joaquim Pedro de Andrade para o livro de Mário Andrade tem Grande Otelo, Dina Sfat e Paulo José no elenco, é hoje um clássico do cinema brasileiro.

Dúvida

Paramount Network, 22h, 12 anos

Uma freira suspeita que um padre do colégio em que ambos trabalham abusou de um garoto. O elenco deste drama foi indicado ao Oscar: Meryl Streep, Philip Seymour Hoffman, Amy Adams e Viola Davis.

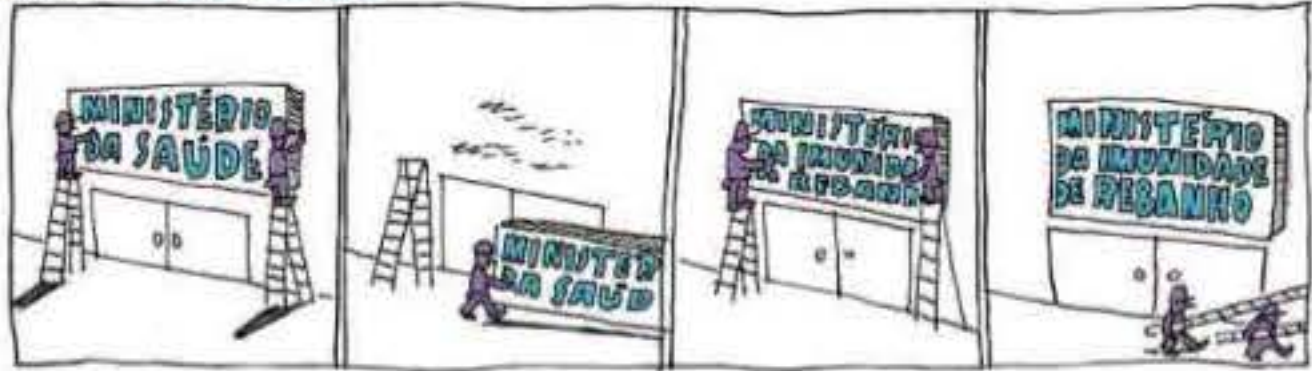
O Prólogo

Curta!, 22h20, livre

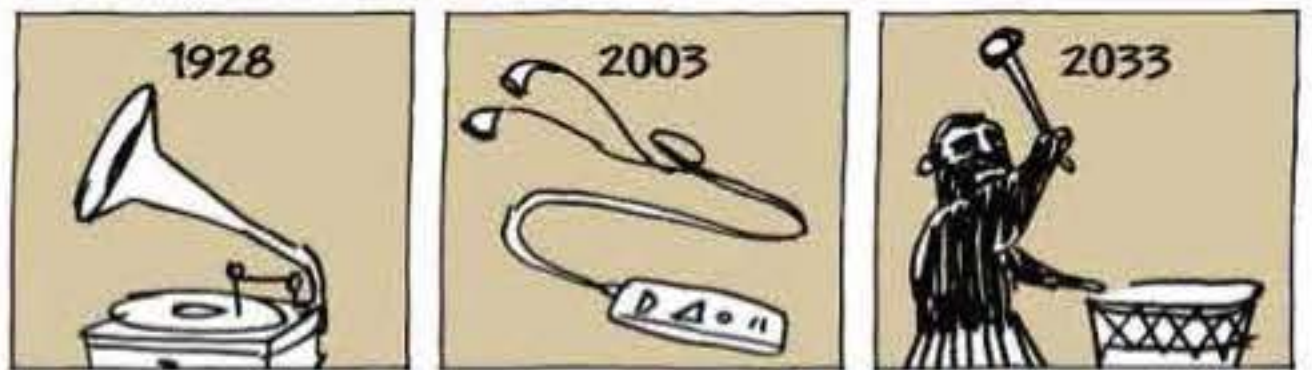
O documentário de Gabriel F. Marinho mostra como os curtas-metragens que abriam as sessões de cinema na década de 1960 eram usados como propaganda política.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê Laerte

Daiquiri Caco Galhardo

Níquel Náusea Fernando Gonsales

A Vida Como Ela Yeah Adão Iturrusgarai

Não Há Nada Acontecendo André Dahmer

Viver Dói Fabiane Langona

Péssimas Influências Estela May

SUDOKU

texto art.br/fsp

DIFÍCIL

6			8	4				
8	9		2		5	1		
4				1		6		
						7	3	
			5		9			
	7	5						
		4		9				6
		6	4		1		7	8
				8	6			3

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. A nação asiática com capital Katmandu / (Abrev.) Fundos **2.** Tipo de vidro translúcido **3.** Pelos que cobrem alguns frutos ou folhas **4.** O compositor e músico britânico Lloyd Webber, de "Cats" e "O Fantasma da Ópera" / Isenta de doenças **5.** Parte especulativa de uma ciência **6.** Abrev.: Direito / Murro **7.** Insumo para vacinas / Colômbia **8.** Assento para cavalgar com mais comodidade e segurança / Quilômetros por hora **9.** Torquato Neto, poeta (1944-1972) / (De) Tocando de leve ou quase tocando em algo **10.** Tratamento íntimo para o próprio genitor **11.** O A do AVC **12.** Era redonda a do rei Artur / (Rád.) Frequência Modulada **13.** (Fig.) Vínculo espiritual ou moral / Mandado, determinação.

VERTICAIS

1. Em + ela / Rescisão ou anulação de acordo assinado **2.** (Gráf.) O sinal # / Pó usado em argamassa e cimento **3.** Relativo a peso / O jogador mais alto da equipe de basquete **4.** Falta de recursos / Aberto em sulcos **5.** O tipo de cerveja mais consumido do mundo / Convite ou sugestão para prestar auxílio **6.** O piloto inglês de F1 Hamilton / Curar **7.** Objetivo / (Ingl.) Compartimento de avião, nave espacial ou automóvel de corrida destinado ao piloto e ao copiloto **8.** Dudu Nobre, sambista / (Ant.) Aquela que pedia esmolas / O nome da 6ª letra do nosso alfabeto **9.** Lúcifer, capeta / Um significado para o sinal : num emoticon / Marisa Monte, cantora e compositora de "Amor, I Love You".

HORIZONTAIS: 1. Nepal, Fds. **2.** Opalina. **3.** Lanugem. **4.** Andrew, Sã. **5.** Teórica. **6.** Dir, Soco. **7.** IFA, Col. **8.** Sela, Kmh. **9.** TN, Raspão. **10.** Papai. **11.** Acidente. **12.** Távola, FM. **13.** Elo, Ordem. **VERTICAIS: 1.** Nela, Distrate. **2.** Antifen, Cal. **3.** Ponderal, Pivô. **4.** Apuro, Arado. **5.** Lager, Apelo. **6.** Lewis, Sanar. **7.** Fim, Cockpit. **8.** DN, Sacomã, Efe. **9.** Satã, Olhos, MM.

André Stefanini

O misterioso homem do quarto 30

Livro de Sophie Calle busca banalidades e segredos em hóspedes de hotel

Marcelo Coelho
Autor dos romances 'Jantando com Melvin' e 'Noturno', é mestre em sociologia pela USP

Durante três semanas, em fevereiro e março de 1981, a fotógrafa e artista plástica francesa Sophie Calle trabalhou como camareira num hotel em Veneza. E fez o que muita gente gostaria de fazer: xeretou a vida dos hóspedes.

Levou um gravador e uma máquina fotográfica. O resultado, agora publicado em inglês pela editora Siglio, é o livro "The Hotel". Trata-se de um pequeno volume encadernado em tecido que parece de colcha, repleto de fotos e pequenos comentários.

Não que ela tenha encontrado segredos sensacionais; justamente, a banalidade de cada hóspede é o que dá ao livro seu interesse e sua carga de significados.

No quarto número 30, por exemplo, Sophie Calle encontra as coisas habituais: uma mala de mão, com uma calça cinza, um par de meias, uma camisa social listrada, uma nécessaire com barbeador, creme de barba, pente e loção. Um passaporte.

A cama de casal foi usada de um lado só. Na gaveta, um passaporte italiano, uma caixa de cigarrilhas, alguns envelopes, uma foto antiga, uma caixinha de couro com as iniciais "M.L." em letras douradas. Uma carteira.

Sophie Calle encontra tempo para ver o que há dentro. Cinco fotos iguais de passaporte de uma mulher loira. Uma conta, datada de dois anos antes, do mesmo hotel, em nome do sr. e da sra. L.

E, no espaldar de uma cadeira, uma camisola de seda, "que claramente nunca foi usada". A autora conclui: o hóspede esteve aqui há dois anos, com a mulher; voltou agora, sozinho. Com a camisola na mala. "A reserva dele era só para uma noite", diz Sophie Calle. "Ele está saindo do hotel hoje. Vou arrumar o quarto mais tarde."

Os minutos que ela passou no quarto 30, e as poucas fotos em preto e branco que ela tirou, valem por um conto ou uma pequena novela. Não seria grande coisa, esteticamente, se pudéssemos ver o rosto do hóspede ou acompanhar a história desde o começo.

O bonito da coisa, acho, está no silêncio, na mudez dessa descoberta, no quarto impessoal de um hotel qualquer. A completa falta de surpresa —passaporte, calça cinza, loção de barba— é transpassada pela conta antiga, pelas fotos, pela camisola de seda, como por um golpe de faca.

Sophie Calle nada mais tem a comentar. E o hotel, que em geral associamos a um lugar de passeio, ou de passagem, surge como um ponto final, o túmulo de uma história sem nome.

Alguns hóspedes ficam mais tempo. No primeiro dia, o homem do quarto 25 comprou laranjas e maçãs. Dois dias depois, o lixinho está cheio de cascas. O diário dele traz anotações: "Hoje fomos almoçar no Harry's Bar [...] Tomei uma cerveja na praça. Um carinha quis me dar uma cantada. Acho que vou ter algum sonho ruim com ele hoje à noite."

Temos quase a sensação de um hospital, em que um paciente morre, dando lugar ao próximo.

Tudo, sem dúvida, é igual, ou quase. As malas, por exemplo. Cada um tem a sua; é raro encontrar uma mala gêmea na esteira do aeroporto. Mas são todas a mesma coisa: um volume com rodinhas e alça.

Sapatos: num quarto, os de homem de um lado, os de mulher do outro. Casais; às vezes, no corredor, Sophie Calle escuta a conversa. No quarto 24, ela já tinha encontrado um livro na cabeceira: "Parto sem Dor". Agora, a hóspede lê em voz alta "'na hora de empurrar, você inspira fundo". O marido ri.

Coisas muito básicas — nascimento, morte, fome, sede, sono— estão ali, em sua igualdade universal. Mas há os bagunceiros e os organizados; os americanos e os suíços; os velhos (com aparelho de medir pressão) e os jovens. No quarto 26, duas mulheres, um ursinho de pelúcia, três revistas pornográficas.

E os mistérios: alguém tira o espelho da parede e larga-o no chão. Um martelo na prateleira do armário. Luvas de jardinagem.

As coisas que se deixam: uma pata de lagosta entre lençóis; uma torneira aberta; a lata de lixo dentro da banheira.

Sophie Calle fotografa, anota, arruma e fecha a porta. Talvez haja mais felicidade nesses hóspedes do que ela consegue mostrar. Mas em cada quarto, em cada pessoa, o que sobressai para mim é a bagagem de cada um, meio desordenada e mole, esquecida num canto, mas pronta para ser levada até o próximo ponto da viagem.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | **QUI. Drauzio Varella**, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

'A República das Milícias' impressiona com relatos de crime e violência no Rio

Podcast de Bruno Paes Manso não deixa de abordar os problemas sociais mais agudos do país

ESCUTA AQUI
A República das Milícias
★★★★★
Criação: Bruno Paes Manso. Produção: Globoplay e Rádio Novelo. Disponível nas plataformas de streaming

João Gabriel Telles

Em dado momento, o entrevistado diz ao jornalista que o Rio de Janeiro é a capital e a referência da inteligência criminosa no Brasil, ao que este completa: "Das inovações culturais em geral, né?".

Essa é uma das passagens que melhor exemplifica a abordagem de "A República das Milícias", o podcast do jornalista e pesquisador Bruno Paes Manso, interessado na elucidação do sistema criminal e em suas raízes, que brotam de uma cultura a um só tempo passional e violenta.

O podcast é uma adaptação do livro homônimo do autor, publicado pela Todavia em 2020, e tem o objetivo de explicar o que faz da maioria dos moradores do Rio vítimas de uma guerra particular.

Na ocasião citada, o entrevistado Reginaldo Lima explica que desempenha a função de mediador numa espécie de "Guerra dos Tronos", ou "Game of Thrones" carioca, em que o território do Rio é constantemente disputado entre facções do tráfico e da milícia associadas ao jogo do bicho.

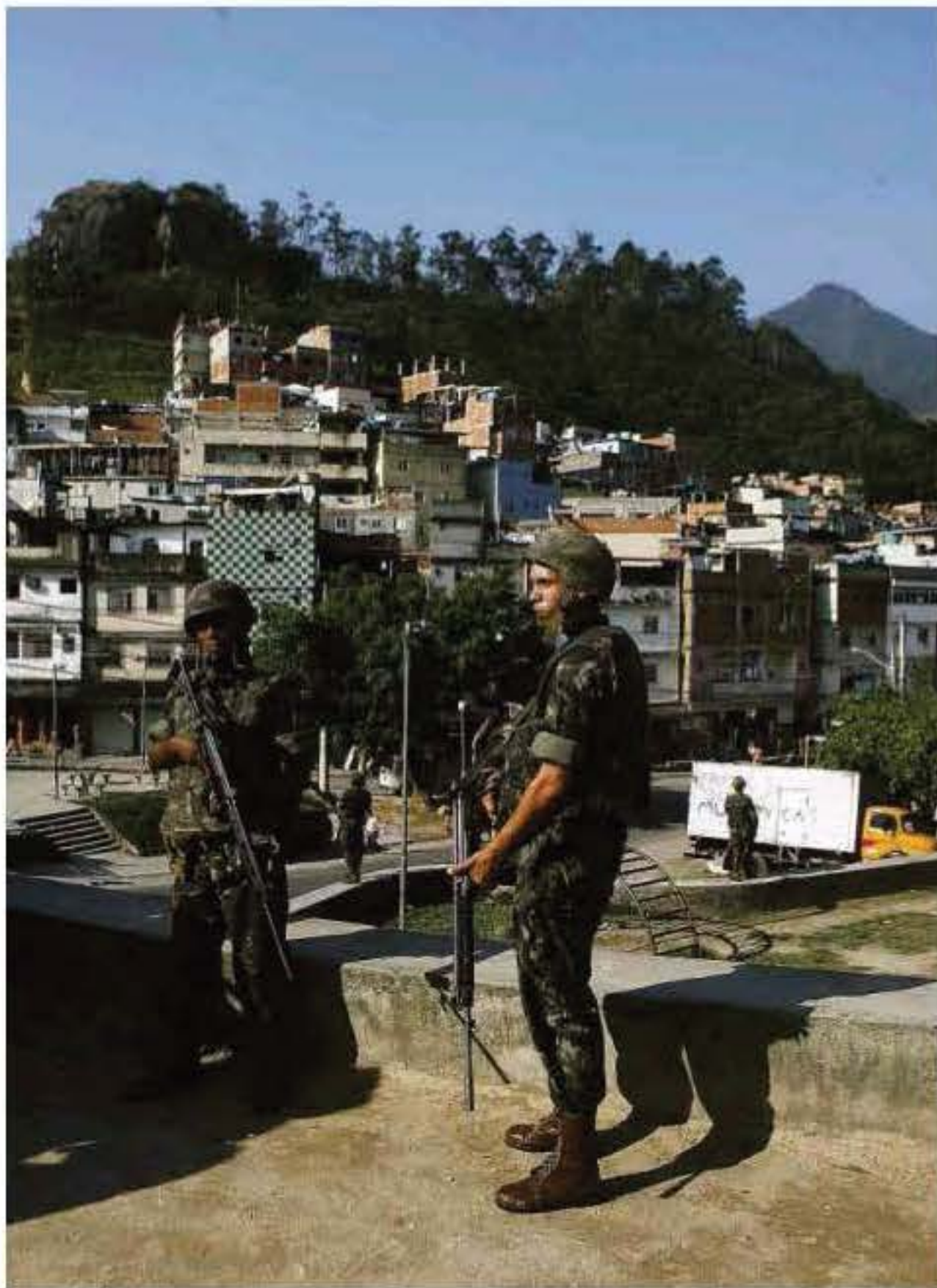
Porém, se "Guerra dos Tronos" é uma boa metáfora para definir o conflito criminal da cidade, é bom estar ciente de que, das violências descritas pelos entrevistados, nada é linguagem figurada. Os relatos de tortura, execução ou punição impressionam.

Ao longo de oito episódios, Bruno Paes Manso faz um retrato que nega respostas simples. Quando parece estar completo o glossário do crime carioca —que nos ensina termos como arrego, polícia mineira e embuchar—, logo surge uma nova cena brutal que confunde ainda mais o que parecia estabelecido.

Em vez de uma aula sobre a bandidagem do Rio, "A República das Milícias" é uma investigação a respeito do poder da violência e do dinheiro no Brasil, sem deixar de articular alguns dos problemas sociais mais agudos do país como machismo, racismo, autoritarismo, corrupção e desigualdade econômica.

Diante da tarefa complexa, o autor faz um longo percurso, que começa na segunda metade do século 20. São detalhados os primórdios da milícia a partir de paramilitares que, com o respaldo da imprensa, "faziam justiça com as próprias mãos", no que ficaram conhecidos como grupos de extermínio, a exemplo do Esquadrão da Morte e da Invernada de Olaria, que tinham o apoio da ditadura militar.

Com o crescimento do tráfico de drogas nos morros após os anos 1970, aumenta o anseio por antagonistas "do bem", isto é, aqueles que protegeriam as comunidades da influência dos traficantes, que viriam a formar facções como o Comando Vermelho.

Assim se constituíram as milícias de Rio das Pedras e da Liga da Justiça, no bairro de Campo Grande e Santa Cruz. Os grupos, dos quais participavam policiais civis e militares, não demoraram a virar mais uma facção que lucra com serviços que o Estado não fornece às periferias.

Membros do Exército na comunidade Rio das Pedras, no Rio, em 2008 Rafael Andrade/Folhapress

A principal diferença da milícia em relação ao tráfico passou a ser seu apoio por parte considerável da opinião pública, a qual seria fácil tachar de ignorante. Mas Paes Manso faz um verdadeiro mergulho na história de seus personagens, cujas vidas, marcadas pela banalidade da violência, se tornam compreensíveis.

Vale destacar o personagem Lobo, que aparece na maioria dos episódios como um fio condutor da narrativa. Ex-miliciano, o personagem tem um carisma desconcertante, seja ao relembrar a infância saudosa num município da Baixada Fluminense, seja ao falar dos tempos em que coletava a taxa de segurança dos moradores da comunidade onde atuava, em Jacarepaguá.

Mais do que informações, Lobo oferece a dimensão de como é nascer e crescer num mundo alheio à ordem oficial do Estado, no qual honra e valentia equivalem a força bruta.

Mesmo quando sofreram um golpe nos anos 2000 —com a instalação da CPI das Milícias—, os grupos milicianos logo se reestruturaram.

Como um câncer em metástase, eles evoluíram para um formato mais impessoal, representado por policiais corruptos saídos do Bope. É o caso de Adriano da Nóbrega, um dos matadores mais temidos do Rio, que recebeu condecorações da família Bolsonaro, e de Ronnie Lessa, miliciano acusado de ser o autor do assassinato de Marielle Franco, que ainda não foi esclarecido.

A morte da vereadora em 2018, suas razões e implicações sobre a criminalidade no Rio são objeto de análise do autor e alçam o programa, paradoxalmente, ao seu momento mais arejado —talvez por concluir que as lutas de Marielle Franco não foram caladas após sua morte. Ao contrário, sua voz continua a ecoar na pergunta: "Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?".

Mundo completa uma década sem melhora na percepção da corrupção

Estudo mostra que, entre 179 países, 131 ficaram no mesmo patamar; Brasil cai duas posições

MUNDO

Patricia Pamplona

FLORIANÓPOLIS A percepção da corrupção ficou estagnada no mundo entre 2012 e 2021, aponta relatório divulgado pela Transparência Internacional nesta terça (25). No período, de 179 países e territórios em que é possível fazer a comparação, 131 não tiveram avanços significativos.

A média global ficou novamente com pontuação 43, em um índice que vai de 0 a 100 — sendo 0 mais corrupto e 100 mais íntegro. Os dez primeiros países se mantiveram no topo, trocando de posição entre si; os dez últimos tiveram a entrada de Afeganistão e Turcomenistão no lugar de Haiti e Sudão, que seguem próximos da parte final do ranking.

O Índice de Percepção da Corrupção analisou 180 países e territórios no ano passado, com base em 13 fontes independentes de dados — cada local foi avaliado por ao menos três delas.

O levantamento é elaborado desde 1995. A série histórica em que se observa a estagnação na média global em torno dos 43 pontos se inicia em 2012, quando houve alterações na metodologia.

A pesquisa destaca que a persistência do patamar coincide com direitos humanos e democracia sob ameaça.

O ano passado viu o ataque ao Capitólio, nos EUA, a saída atabalhoada dos americanos no Afeganistão e a retomada do poder pelo grupo fundamentalista Talibã, além do fechamento de veículos de mídia em Hong Kong e na Nicarágua e cinco golpes de Estado.

Houve ainda a divulgação do uso do programa Pegasus para espionar celulares de jornalistas e opositores por governos de ao menos dez países e os Pandora Papers, investigação sobre contas e empresas offshore ligadas a 35 líderes e ex-líderes mundiais.

A Transparência Internacional destaca que, nesse contexto, a estagnação não é casual.

"A corrupção possibilita violações de direitos humanos, dando abertura a uma espiral perversa e desenfreada", diz o relatório. "À medida que direitos humanos e liberdades vão se erodindo, a democracia entra em declínio, dando lugar ao autoritarismo, que, por sua vez, possibilita níveis maiores de corrupção."

O índice do Brasil ficou no mesmo patamar do ano passado, em 38 pontos, mas caiu duas posições no ranking, para a 96ª colocação. O desempenho fica abaixo das médias global e de América Latina e Caribe (41), de países do G20 (54) e da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico; 66).

Nos últimos dez anos, o índice do Brasil variou de 43 para 38, baixou ao patamar de 35 em 2018 e 2019, mas voltou à marca atual — atrás de países como Emirados Árabes Unidos, Cuba, China, África do Sul, Tunísia, Burkina Fasso, Belarus e Etiópia.

Em comunicado, a Transparência Internacional adverte que "ações recentes do governo federal, do Congresso Nacional e do Judiciário levaram a retrocessos no arcabouço legal e institucional anticorrupção que tornam a situação ainda mais preocupante".

O presidente Jair Bolsonaro (PL) se elegeu com um discurso anticorrupção e já disse que a prática acabou no país sob seu governo, apesar de acusações. A entidade destaca casos documentados na CPI da Covid e o mecanismo pouco transparente das emendas de relator no Congresso.

"O Brasil está passando por uma rápida deterioração do ambiente democrático e desmanche sem precedentes de sua capacidade de enfrentamento da corrupção", ressalta Bruno Brandão, diretor-executivo da Transparência Internacional no Brasil.

Os sinais de piora no Brasil não diferem do contexto regional. Nas Américas, onde o índice está estagnado pelo sexto ano consecutivo, até os maiores pontuadores são vistos com preocupação.

É o caso de EUA (que mantiveram 67 pontos) e Canadá, país que mais oscilou negativamente entre 2017 e 2021 — oito pontos. No ano passado, a Transparência Internacional já apontava "grandes desafios" por lá, citando suborno e sigilo financeiro.

"As disposições contra lavagem de dinheiro não abrangem todas as profissões e profissionais", ressaltou. "O país não possui registro central de informações de beneficiários efetivos de empresas."

Em relação ao combate ao suborno, o relatório aponta que o país abriu apenas duas investigações conhecidas entre 2016 e 2019.

A situação de estagnação é similar na Europa Ocidental e na União Europeia, com sinais preocupantes de retrocesso até entre os mais bem classificados. Já no Leste Europeu, a pesquisa destaca que governos populistas "vêm reprimindo severamente as liberdades de expressão e de reunião necessárias para enfrentar a corrupção".

A região é contabilizada com a Ásia Central, onde governos têm usado a pandemia como justificativa para restringir direitos, sem oferecer transparência à prestação de contas.

Entre os exemplos europeus de sinal de alerta estão Hungria — onde o governo de Viktor Orbán já tirou do ar uma emissora de rádio independente, por exemplo — e a Belarus, onde a ditadura de Aleksandr Lukachenko mantém a repressão a opositores.

O estudo destaca que a onda atual de autoritarismo "não é impulsionada por golpes ou violência, mas por esforços graduais para sabotar a democracia". "Esse movimento normalmente começa com ataques aos direitos civis e políticos, esforços para diminuir a autonomia de órgãos eleitorais e de fiscalização e com o controle de mídia."

Como exemplos positivos, Armênia (+14) e Uzbequistão (+6) estão entre os que mais tiveram oscilações positivas em cinco anos. Com manifestações em 2018, os armênios promoveram um governo reformista, mas que teve a agenda travada no último ano, à sombra do conflito com o Azerbaijão, e pode entrar numa nova crise, com a renúncia do presidente. Já o Uzbequistão, apesar do avanço, ainda é uma autocracia.

A única região que oscilou no índice no ano passado foi a África Subsaariana, cuja média passou de 32 para 33 — ainda assim, 44 dos 49 países ainda pontuam abaixo de 50, e quatro deles foram palco de golpes de Estado (Chade, Mali, Guiné e Sudão).

O estudo faz recomendações para os países avançarem no combate à corrupção, como garantir os direitos necessários para se fazer cobranças e restaurar e fortalecer instituições fiscalizadoras do poder. Também indica o combate à corrupção transnacional, sanando pontos fracos sistêmicos que a permitam e a garantia do direito à informação sobre gastos do governo.

Percepção da corrupção fica estagnada no mundo

A maioria dos países fez pouco ou nenhum progresso na redução dos níveis de corrupção ao longo da última década
Dois terços de 180 países pontuaram menos de 50

Ranking de 2021

Em relação a 2020: Subiu / Manteve / Desceu

Posição	Variação	País	Pontos	Posição	Variação	País	Pontos
1º	Manteve	Dinamarca	88	171º	Manteve	Turcomenistão	19
	Subiu	Finlândia	88	172º	Subiu	Guiné Equatorial	17
	Manteve	Nova Zelândia	88		Manteve	Líbia	17
4º	Subiu	Noruega	85	174º	Desceu	Afeganistão	16
	Manteve	Singapura	85		Desceu	Coreia do Norte	16
	Manteve	Suécia	85		Subiu	Iêmen	16
7º	Desceu	Suíça	84	177º	Desceu	Venezuela	14
8º	Manteve	Holanda	82		Subiu	Somália	13
9º	Subiu	Luxemburgo	81	179º	Desceu	Síria	13
10º	Manteve	Alemanha	80	180º	Desceu	Sudão do Sul	11

Fontes: Transparência Internacional e Graphic News

Apoiadores da presidente eleita de Honduras, Xiomara Castro, em vigília no Congresso local; racha no partido dela ameaça planos como a criação de plano anticorrupção Orlando Sierra/AFP

Racha em Honduras elege dois chefes do Congresso

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES Uma crise dividiu o Congresso de Honduras a dois dias da posse da nova presidente, a esquerdista Xiomara Castro. Em cerimônias nesta terça (25), dois líderes foram eleitos para a Casa.

A confusão se deu devido a um racha no Libre (Libertad y Refundación), partido da mandatária eleita. Um grupo de 18 deputados dissidentes, com apoio de legendas de direita, escolheu Jorge Cálix como presidente, em uma reunião num clube em Zambrano, localidade turística próxima à capital, Tegucicalpa.

Paralelamente, no Congresso, 65 parlamentares fiéis ao Libre — o Congresso hondurenho tem 128 deputados — ajudaram a eleger Luis Redondo, do Partido Salvador de Honduras, que apoia Xiomara.

A presidente eleita acusa de traição os dissidentes. Ela capitaneou um movimento para expulsá-los da legenda e afirma que eles se aliaram ao conservador Partido Nacional — de Juan Orlando Hernández, que se prepara para deixar a chefia do Executivo — em troca de favores políticos.

JOH, como ele é chamado, é acusado nos EUA de ligação com o narcotráfico e vem buscando acordos que possam lhe conferir imunidade e evitar uma extradição a Washington.

Na última sexta (21), os enfrentamentos entre as correntes do Libre resultaram em socos e pontapés no plenário do Congresso. Xiomara afirmou que considera Redondo o legítimo líder do Legislativo. "É necessário que parem de violentar nossa democracia. As decisões do povo têm de ser cumpridas de modo pacífico."

Enquanto isso, em Zambrano, Cálix disse que "este Congresso falará por meio de atos e resultados". E completou: "Vamos fazer deste poder do Estado o mais transparente e a serviço dos hondurenhos".

Xiomara deve tomar posse nesta quinta-feira (27). Para a cerimônia estão previstas as presenças da vice-presidente dos EUA, Kamala Harris, do rei da Espanha, Felipe 6º, dos presidentes de El Salvador, Nayib Bukele, e do Panamá, Laurentino Cortizo, e da vice argentina, Cristina Kirchner. O México enviará o chanceler Marcelo Ebrard. O Brasil não terá enviados, sendo representado pelo embaixador Breno da Costa.

A crise no partido e a existência de dois Congressos são fatores que evidentemente dificultam a agenda de reformas que a esquerdista vinha prometendo colocar em marcha desde a campanha.

Entre os principais desafios de Honduras estão a situação econômica — agravada ainda pela pandemia e por catástrofes climáticas —, com uma contração do PIB de 9% em 2020. Segundo dados do Banco Mundial, mais de 55,4% da população vive abaixo da linha da pobreza.

Associadas à disputa entre as "maras" (facções criminosas), essas cifras levam milhares de hondurenhos a tentarem emigrar para os EUA.

Uma das reformas prometidas por Xiomara e que o Partido Nacional deseja interromper no nascedouro é a que cria um órgão anticorrupção apoiado pelas Nações Unidas. O projeto é baseado em uma experiência que foi bem-sucedida na Guatemala e causou o impeachment do então presidente Otto Pérez Molina e a prisão dele e de outros funcionários corruptos da administração.

EUA reveem ações afirmativas universitárias

Suprema Corte analisa acusações de que Harvard e UNC estariam discriminando brancos e amarelos no ingresso

MUNDO

BELO HORIZONTE A Suprema Corte dos Estados Unidos aceitou, nesta segunda-feira (24), discutir uma causa que propõe o fim de ações afirmativas baseadas na cor da pele para o ingresso em cursos de graduação das universidades de Harvard e da Carolina do Norte (UNC, na sigla em inglês).

A demanda, protocolada em 2014 por um ativista, já havia sido recusada em tribunais regionais, mas agora será analisada pela mais alta instância da Justiça, hoje de maioria conservadora.

Caso o tribunal venha a concordar com os argumentos dos autores do processo, a decisão poderia ter um efeito cascata, com ações afirmativas sendo revogadas em outras instituições americanas de ensino superior.

O caso deve entrar na pauta da Suprema Corte entre outubro deste ano e junho de 2023.

Nos EUA, universidades começaram a adotar ações afirmativas do tipo em 1965, mas 13 anos depois a Justiça proibiu que instituições implementassem cotas raciais em processos seletivos. Hoje, centros públicos e privados de vários estados mantêm ações de inclusão, sem usar sistemas de cotas ou bônus.

No processo aceito nesta segunda, o grupo Students for Fair Admissions, fundado pelo ativista conservador Edward Blum, acusa as universidades de discriminarem racialmente os candidatos a vagas de graduação, o que violaria leis federais.

No caso de Harvard, os autores alegam que a instituição prejudica descendentes de asiáticos, enquanto a UNC discriminaria também brancos.

O grupo de Blum cita um trecho da Lei dos Direitos Civis de 1964, que proíbe a discriminação "com base em raça, cor ou nacionalidade" em qualquer programa ou atividade que receba assistência financeira federal, o que é o caso de Harvard, instituição privada fundada em 1636 com sede em Massachusetts.

A UNC, em Chapel Hill, fundada em 1789, é a principal universidade pública da Carolina do Norte —neste caso, os autores citam um trecho da Constituição que prevê direitos iguais.

O ativista Edward Blum, fundador do Students for Fair Admissions, antes de julgamento em Boston Brian Snyder - 14 out.18/Reuters

Ainda de acordo com a organização, as políticas de Harvard limitam descendentes de asiáticos a 20% das turmas de graduação e os deixam menos propensos a serem admitidos do que candidatos brancos, negros e hispânicos com qualificações semelhantes.

As universidades alegam que critérios raciais são apenas um fator em uma série de avaliações individualizadas e que uma eventual eliminação do parâmetro resultaria em queda significativa no número de estudantes negros, hispânicos e de outros grupos sub-representados.

Após o anúncio da Suprema Corte, o presidente de Harvard, Lawrence Bacow, disse que a decisão "coloca em risco 40 anos de precedente legal que concede às faculdades a liberdade e a flexibilidade de criar comunidades diversas [...], o que fortalece o ambiente de aprendizagem para todos".

Já Blum elogiou a decisão do tribunal e afirmou que, "em uma nação multirracial e multiétnica como a nossa, a barreira de admissão na faculdade não pode ser aumentada para alguns grupos étnicos". "Nossa nação não pode remediar a discriminação do passado com nova discriminação", defendeu.

Os conservadores dos EUA há muito se opõem a programas de ação afirmativa em áreas como contratação de profissionais e admissão de estudantes. Em 2016, a Suprema Corte recusou os argumentos de uma aluna branca apoiada por Blum e considerou legal o critério racial adotado no programa de seleção da Universidade do Texas em Austin.

Antes disso, em 2003, o tribunal já havia garantido à Faculdade de Direito da Universidade de Michigan o direito de considerar o critério racial como fator de admissão, devido ao interesse em criar um corpo discente diversificado.

Na ocasião, a então juíza Sandra Day O'Connor, nomeada por republicanos, escreveu que esperava que o uso dessas ações "não fosse mais necessário" até 2028.

Desde 2020, quando o então presidente Donald Trump conseguiu nomear o terceiro juiz em seu mandato para a mais alta instância da Justiça americana, as decisões do tribunal passaram a refletir sua maioria conservadora.

> [A decisão] coloca em risco 40 anos de precedente legal que concede às faculdades a liberdade e a flexibilidade de criar comunidades diversas [...], o que fortalece o ambiente de aprendizagem para todos
>
> **Lawrence Bacow**
> presidente de Harvard

Em dezembro, por exemplo, a corte indicou que poderá mudar seu entendimento sobre o direito ao aborto, o que significaria uma reversão histórica da jurisprudência vigente há quase 50 anos.

A administração de Joe Biden tem se chocado contra muitos julgamentos recentes, o que pode se repetir no caso anunciado nesta segunda. Quando a ação ainda estava em tribunais inferiores, a Casa Branca já havia pedido aos juízes que não seguissem adiante com o processo.

Cerca de um quarto dos países têm algum tipo de ação afirmativa para aumentar a diversidade no ensino superior, seja por lei federal ou por opção das universidades.

As políticas variam entre critérios socioeconômicos, raciais e étnicos.

A Índia, que tem políticas semelhantes às do Brasil desde 1950, tem a mais longa história de ações afirmativas baseadas em castas ou classes. Universidades na África do Sul e na Malásia também possuem políticas de inclusão de alunos de grupos com histórico de repressão.

No Brasil, a Lei de Cotas, de 2012, possibilitou a mudança do perfil do ensino superior público. Estudo de Ursula Mello, do Institute for Economic Analysis, de Barcelona, em parceria com Adriano Senkevics, doutorando em educação pela USP, mostra que de 2012 a 2016 a participação de jovens de 18 a 24 anos, pretos, pardos e indígenas e de baixa renda em universidades federais passou de 33,9% para 42,7% dos ingressantes.

A pesquisa aponta ainda uma mudança no perfil dos cursos mais concorridos, como medicina, engenharia elétrica e direito. Nos três casos, a presença de alunos não brancos, vindos de escola pública e de baixa renda girava entre 10% e 20% dos ingressantes em 2012. Em 2016, eram entre 20% e 40%.

Com Reuters e The New York Times

Primeira deputada negra do Brasil recebe título de doutora

EDUCAÇÃO

Edison Veiga

DW Há reconhecimentos que custam a chegar. No caso de Antonieta de Barros (1901-1952), o título universitário foi concedido quase 70 anos após a sua morte.

Em dezembro, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) passou a considerá-la doutora honoris causa, in memoriam.

Mulher negra atuante em um contexto de segregação racial e pouco espaço para o ativismo feminino, Antonieta de Barros não se limitou a uma só atividade. Foi jornalista, escritora, educadora, militante política.

"Trazer o legado de uma mulher negra como Antonieta e torná-la doutora honoris causa na UFSC significa recontar parte da luta das mulheres negras neste estado ainda tão racista, sexista e conservador", afirma a educadora Joana Célia dos Passos. "Significa questionar a narrativa de que Santa Catarina se fez hegemonicamente pelo trabalho dos imigrantes europeus."

"Antonieta de Barros tem importância fundamental na memória política, cultural e histórica de Santa Catarina", avalia Eliane Debus, professora no Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Educação da UFSC e autora do livro infantil "Antonieta", que conta a trajetória da educadora.

Nascida em Florianópolis, Antonieta era filha de uma lavadeira, escrava liberta, com um homem sobre quem pouco se sabe —pode ter sido funcionário dos correios e músico, conforme diz a pesquisadora Jeruse Romão em seu livro "Antonieta de Barros: professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil".

Viúva quando a menina ainda era criança, sua mãe alugava cômodos para estudantes para garantir o sustento. E foi assim que Antonieta acabou se alfabetizando.

De acordo com o dossiê apresentado à UFSC como justificativa para a homenagem recém-realizada, ela "sentiu em sua infância e juventude o que significava ser mulher negra e pobre, num estado do sul do Brasil, majoritariamente branco e com forte adesão à eugenia como política social".

Logo, tornou-se ela própria uma militante pela educação, entendendo que só com acesso aos estudos as minorias poderiam experimentar alguma ascensão social.

Antonieta de Barros (1901-1952), primeira mulher negra eleita deputada no país, em Santa Catarina, em 1934 Udesc/Divulgação

No início dos anos 1920, fundou o Curso Particular Antonieta de Barros, destinado a alfabetizar marginalizados. Foi diretora do jornal A Semana e do periódico Vida Ilhoa.

Em 1934, quando mulheres puderam votar e serem votadas, ela concorreu a uma cadeira na Assembleia Legislativa do estado pelo Partido Liberal Catarinense. Acabou como suplente.

Entre 1935 e 1937 assumiu o cargo. Tornou-se então a primeira mulher negra brasileira a ocupar um mandato eletivo, sendo a primeira deputada estadual no Brasil e também a primeira negra no parlamento catarinense, também conforme texto apresentado pela UFSC.

Ela voltaria a ser suplente na década seguinte, desta vez pelo Partido Social Democrático (PSD), assumindo novamente a vaga na assembleia estadual em 1948.

Durante seus mandatos, ela apresentou um projeto de lei para criar um concurso para o magistério, foi autora de projeto buscando a criação de um dia em comemoração ao professor e, em plenário, defendeu uma maior estruturação da carreira de docência no estado, regulamentando cargos como os de diretor e inspetor escolar.

Também apresentou projeto de lei prevendo mais acesso das mulheres a conteúdos curriculares e defendeu a criação de ginásios, como política pública, para ampliar os anos escolares das populações mais pobres.

"Acreditamos que o silêncio sobre as narrativas a respeito de mulheres negras precisa ser quebrado. Devemos fazer muito som e reverberar as histórias do protagonismo negro em Santa Catarina", diz Debus, que também é autora do livro infantil "Antonieta".

"[A obra] se configura como uma possibilidade alargada de desenvolver práticas de leituras literárias antirracistas", explica.

Diversos esforços vêm sendo feitos para promover uma valorização da história e do legado de Antonieta. Em 2019, por exemplo, o centro de Florianópolis ganhou um mural imenso com o retrato da personalidade.

A obra, assinada pelos artistas Thiago Valdi, Tuane Ferreira e Gugie, mede 32 metros de altura e 9 metros de largura.

O senegalês Modou Fall, conhecido como 'homem-plástico', durante maratona de Dacar Ricci Shryock - 21.nov.21/The New York Times

Homem se veste com sacolas para conscientizar sobre lixo

No combate à poluição nas cidades, senegalês usa capa e chapéu de plástico

MUNDO

Mady Camara
e Ruth Maclean

DACAR | THE NEW YORK TIMES Enquanto maratonistas se alongavam e tomavam seus lugares na linha de partida, um homem se destacava: vestido de plástico dos pés à cabeça, com uma capa multicolorida de sacolas plásticas varrendo o chão de terra e, sobre sua cabeça, um chapéu feito de óculos de sol de plástico.

Naquele dia de novembro, Modou Fall não estava competindo na maratona anual da capital senegalesa. Sua corrida era outra: salvar esse país da África ocidental do lixo plástico que entope rios e lagos, macula praias e é varrido constantemente pelas ruas. Com a prova atraindo grandes multidões e presença considerável da mídia, Fall não podia perder a oportunidade de promover sua causa.

Agitando a bandeira senegalesa e carregando um alto-falante do qual saíam canções descrevendo o dano causado por plásticos —"amo meu país, digo não aos saquinhos plásticos"— Fall serpenteou entre os corredores, com sua capa comprida, enquanto a corrida começava.

Quem parava para pedir uma selfie caía em sua armadilha hábil e habitual: ele aproveita cada oportunidade para dar uma aula gentil sobre questões ambientais.

Quando o último grupo de corredores largou, Fall e sua equipe de voluntários começaram a recolher as garrafas d'água vazias e saquinhos que os maratonistas haviam deixado para trás.

Para os turistas e competidores estrangeiros que foram a Dacar para a prova, aquele pode ter sido seu primeiro contato com Fall.

Mas para os habitantes de Dacar ele é uma presença familiar. O "homem-plástico" é visto com frequência dançando nas ruas vestindo o traje criado por ele e que evolui constantemente, feito inteiramente de plástico, principalmente sacolas recolhidas na cidade.

No peito, uma placa dizendo "não aos sacos plásticos", em letras garrafais. É uma luta que ele leva muito a sério.

Seu figurino é inspirado no Kankurang, figura imponente e profundamente enraizada na cultura senegalesa que perambula em florestas sagradas e veste uma mortalha de gramíneas trançadas.

> Eu me comporto como o Kankurang [entidade das florestas no Senegal]. Sou educador, defensor e protetor do meio ambiente
>
> **Modou Fall**
> ativista

A entidade é vista como alguém que protege as pessoas contra espíritos malignos e é responsável por ensinar valores comunitários. "Eu me comporto como o Kankurang", diz Fall. "Sou educador, defensor e protetor do meio ambiente."

Embora o lixo plástico seja um problema ambiental grave em todo o mundo, estudos recentes apontam que o Senegal, apesar de ser relativamente pequeno, é um dos maiores poluidores dos oceanos. Isso ocorre em parte porque, como muitos países mais pobres, o Senegal tem dificuldade em tratar o lixo —além de ter uma população grande no litoral.

Em 2020, num esforço para reduzir a poluição, o governo senegalês proibiu o uso de alguns produtos de plástico, mas há dificuldades em implementar o veto.

Se nada for feito, até 2025 o país, com 17 milhões de habitantes, deve produzir mais de 700 mil toneladas métricas de dejetos plásticos incorretamente tratados. Enquanto isso, nos Estados Unidos o número será de 337 mil toneladas métricas.

Modou Fall tem 48 anos e vem combatendo o lixo plástico pela maior parte da vida adulta. Ex-soldado, alto, carismático e modesto, ele notou os efeitos prejudiciais do material em 1998. Estava prestando serviço militar na zona rural do leste do Senegal, habitado por muitas comunidades de pastores, quando viu as vacas adoecendo após consumir fragmentos de sacos plásticos espalhados pela paisagem árida.

Concluído o serviço militar, Fall passou a vender camisetas e boias na movimentada feira livre de Sandaga, em Dacar, onde dezenas de feirantes expunham mercadorias de todos os tipos, frequentemente embaladas em plástico. Os saquinhos eram abundantes e os feirantes os jogavam na rua despreocupadamente.

Ele passou meses tentando conscientizar os outros feirantes do perigo ambiental e convencê-los de que, se tivessem que usar sacos plásticos, que pelo menos se desfizessem deles corretamente. Mas ninguém lhe dava ouvidos; a feira era uma imundície.

Farto do que via, um dia ele decidiu tentar liderar pelo exemplo e se propôs a faxinar a feira inteira sozinho. "Levei 13 dias, mas fiz", conta. Os saquinhos acabaram reaparecendo, mas Fall conseguira levar alguns feirantes a pensar duas vezes.

Frear a onda crescente de lixo, então, virou sua obsessão. "Se continuar assim, a vida das gerações futuras estará em risco."

Em 2006 Fall usou todas as suas economias, pouco mais de US$ 500, para fundar sua associação, a Senegal Propre (Senegal limpo). Ele plantou dezenas de árvores na cidade, organizou campanhas de limpeza e reciclagem de pneus, promoveu reuniões comunitárias para persuadir as pessoas a pararem de comprar objetos plásticos descartáveis.

Sua mensagem parece estar sendo ouvida. Na maratona, a terceira em que ele atuou, alguns corredores já conheciam suas palavras de ordem e gritaram quando passaram por ele: "Não ao lixo plástico!".

Fall e sua equipe de dez jovens voluntários se espalharam para dar conta da operação. Recolheram garrafinhas diante do Museu das Civilizações Negras, que expõe uma das maiores coleções de arte da África; centenas de sacolas plásticas no campus arborizado da Universidade Cheick Anta Diop; copos descartáveis no centro de Dacar, que abriga o palácio presidencial e várias embaixadas.

Um dos bairros pelos quais passaram foi Medina, construído pelos franceses nos tempos coloniais. É onde Fall nasceu. Com a morte do pai, quando ele tinha 4 anos, sua mãe levou a família para viver na periferia. Viúva, lutou para pagar as contas administrando um restaurante.

Para ajudar a sustentar a família, ele foi obrigado a abandonar os estudos depois de apenas seis anos de ensino primário. Trabalhou como metalúrgico e pintor de paredes. Depois da morte de sua mãe, entrou para o exército.

No meio da tarde do dia da maratona, Fall e sua equipe estavam exaustos sob o peso do plástico que haviam recolhido. Uma van chegou e eles entregaram centenas de garrafas de plástico.

A equipe fez uma pausa breve para o almoço, mas ele não parou: ainda havia 8 quilômetros do trajeto da corrida, e ele seguiu adiante, com a capa de plástico esvoaçando a sua volta.

Tradução Clara Allain

EUA retiram processo contra cientista que teria laços com a China

BOSTON | REUTERS O Departamento de Justiça dos EUA retirou na quinta (20) as acusações contra um professor do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) suspeito de ocultar laços com a China ao pedir financiamento para pesquisas, em um revés da política de repressão à influência de Pequim em universidades.

Gang Chen, professor do MIT que chegou a ser preso por suspeita de ocultar laços com a China, em meio à política de repressão à influência de Pequim em universidades Wen Zeng/Divulgação MIT

Promotores federais em Boston disseram que novas informações surgiram e que elas acabam com as suspeitas de omissões do cientista Gang Chen, que é engenheiro mecânico e de nanotecnologia nascido na China.

Chen foi preso em janeiro de 2021 acusado de não informar, ao pedir financiamento de US$ 2,7 milhões ao Departamento de Energia para pesquisas, a atuação como "especialista no exterior" para o governo chinês e a participação no conselho consultivo da Universidade de Ciência e Tecnologia do Sul de Shenzhen.

A acusação estava dentro do escopo da chamada Iniciativa China, lançada durante o governo do então presidente Donald Trump para combater suspeitas de espionagem econômica e roubo de pesquisas por parte do governo chinês.

De acordo com declaração da procuradora Rachael Rollins na quinta-feira, os promotores não tinham provas suficientes para sustentar o caso em um julgamento.

O jornal americano The New York Times divulgou que autoridades do Departamento de Energia disseram aos procuradores que o órgão financiaria a pesquisa de Chen mesmo que ele tivesse alertado sobre as relações com a China, porque isso não faria diferença na pesquisa.

Robert Fisher, advogado do professor, disse que ele "revelou tudo o que deveria divulgar e nunca mentiu ao governo ou a qualquer outra pessoa". Mais de 200 profissionais das cinco escolas da instituição assinaram uma carta de solidariedade a Chen, e a universidade pagou as despesas dele com advogados.

A Iniciativa China mirou especialmente professores universitários. No final de 2021, a Justiça dos EUA condenou Charles Lieber, 62, um dos mais importantes cientistas do país na área de nanociência, por mentir sobre suas ligações com um programa de recrutamento do governo chinês.

Ele é diretor licenciado do Departamento de Química da Universidade Harvard e está no estágio final de um linfoma incurável, mas deve recorrer da decisão.

Críticos dizem que a iniciativa enfraqueceu a pesquisa acadêmica do país e, por discriminação racial, teve como alvos pesquisadores chineses.

O caso de Lieber vinha sendo visto como um teste para a força das acusações do Departamento de Justiça, depois que mais de 2.000 acadêmicos denunciaram ao secretário de Justiça, Merrick Garland, um clima de discriminação racial e intimidação, pedindo o fim do programa.

Apesar da vitória no caso de Harvard, em vários outros o governo perdeu na Justiça. No ano passado, o Departamento de Justiça retirou sete processos do tipo. Em setembro, um pesquisador da Universidade do Tennessee foi absolvido de todas as acusações, num processo que um jurado classificou de ridículo.

Anming Hu, professor de nanotecnologia da instituição, foi seguido durante dois anos por agentes do FBI e acusado de mentir para a Nasa, a agência espacial do país, sobre seu trabalho com os chineses.

A universidade começou a cooperar com o governo quando foi informada de que o professor seria agente chinês e o demitiu.

Segundo sua defesa, ele vai recuperar o emprego após a extinção do processo.

Facebook ajuda secretarias a prever novas ondas de Covid

Questionário sobre sintomas gripais mostrou explosão de relatos de doentes

SAÚDE

Phillippe Watanabe e Wesley Faraó Klimpel

SÃO PAULO E CAMPO GRANDE Você deve estar acostumado a se guiar na pandemia por meio de dados de casos, mortes e internações por Covid (se não, deveria). Mas há outras formas de observar como caminha a crise sanitária. Uma delas é pelo que as pessoas falam no Facebook.

Não, os pesquisadores não ficam lendo comentários aleatórios da sua tia na rede social e vendo a frequência com que usuários publicam vídeos de gatinhos.

A ideia é enviar uma espécie de questionário de sintomas para usuários da rede social, escolhidos para compor uma amostra representativa.

O interessante é que, segundo os pesquisadores, os relatos de sintomas gripais, ou seja, compatíveis com os da Covid, conseguem, até certa medida, captar a situação pandêmica em desenvolvimento.

E também antever os dados oficiais, já que se passam alguns dias entre uma pessoa ter sintomas, buscar por um teste e o resultado entrar no sistema do governo.

Chama a atenção a explosão de respostas positivas de dezembro para cá, momento no qual a variante ômicron começava a ganhar terreno no país.

De acordo com a plataforma, em 23 de novembro, 1,6% das pessoas que responderam à pesquisa falavam em sintomas gripais. Já em 10 de janeiro, eram 7,8%, um crescimento de 4,8 vezes.

O último dia que consta no painel Redes Sociais e Covid-19, uma parceria do Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde) com a Vital Strategies, uma organização internacional em saúde pública, é 13 de janeiro — naquele ponto, a curva teve um pequeno declínio, com 7,6% das pessoas afirmando que têm sintomas.

Na segunda-feira (24), a média móvel de casos de Covid, segundo o consórcio de veículos de imprensa, chegou a 150.236 infecções por dia, no sétimo dia de recorde de toda a pandemia.

Inclusive, segundo Carlos Lula, presidente do Conass, as respostas desse questionário impediram um "voo completamente cego" e ajudaram a nortear gestores públicos em dezembro e janeiro, em meio ao apagão de dados do Ministério da Saúde, quando foi registrada uma explosão no número de pessoas apontando sintomas gripais no painel.

"Quando a gente notou que estava no nível de tendência de crescimento, de que essa curva de fato seria agressiva, a gente já reuniu os secretários, já debateu com eles e todo mundo já começou a reprogramar sua rede de saúde", diz Lula.

"Hoje, o que existe no país inteiro é gente voltando a leito de UTI, equipamento que estava fechado para Covid voltando para Covid."

De acordo com Pedro de Paula, diretor-executivo da Vital Strategies no Brasil, os dados de casos chegam com atrasos, que variam de local para local, no sistema do Ministério da Saúde.

> "A gente conseguiu, mesmo com o apagão de dados do Ministério da Saúde, olhar a curva de aumento de casos desde o final do ano
>
> **Carlos Lula**
> presidente do Conass

"Você percebe que a pandemia está se movimentando de um jeito diferente com quase um mês de atraso e, no dado do Facebook, embora atrase um dia para responder, três [dias] para subir [no sistema], você tem uma semana de atraso e consegue antecipar em uma ou duas semanas, pelo menos, as tendências da dinâmica da pandemia", afirma.

Renato Teixeira, consultor técnico da Vital Strategies Brasil, diz que a ideia do sistema era adiantar uma mudança no comportamento da pandemia no país. "O que nos chama atenção é se essa tendência vinha caindo e de repente começa a subir. Aí a gente fica em alerta", diz Teixeira.

Usar a interação das pessoas na internet para analisar a pandemia não chega a ser algo inédito. Algo semelhante pôde ser visto em simples buscas do Google.

Em momento de subida de casos de coronavírus, é possível observar também um crescimento de pesquisas por assuntos relacionados.

Desde as festas de fim de ano, a busca por "sintomas Covid" teve um aumento exponencial, por exemplo.

"Podem dizer: 'Ah, mas não tem validade extração de dados no Facebook para querer monitorar uma política pública'", diz Lula. "A gente conseguiu, mesmo com o apagão de dados do Ministério da Saúde, olhar a curva de aumento de casos desde o final do ano", rebate.

A plataforma Redes Sociais e Covid-19 foi lançada em março de 2021, com desenvolvimento desde o ano anterior. E o Brasil não é o único lugar do mundo em que ela está em funcionamento.

Nos EUA, as informações sobre o crescimento ou não das menções de sintomas têm dados até para condados e cidades. No Brasil, a granularidade máxima é por estado (para os quais nem sempre há respostas suficientes para conseguir compor o quadro local, segundo a metodologia da pesquisa).

Os questionários online levam de oito a dez minutos para serem respondidos.

Há questões sobre febre, tosse, fadiga, dor no corpo, além de perguntas comportamentais, sobre uso de máscara, uso de transporte público e até mesmo se você foi a algum evento com mais de dez pessoas nos últimos dias, entre várias outras.

Logicamente, os escolhidos diariamente para responder à pesquisa não necessariamente são representativos da população, considerando que só usuários de Facebook (e consequentemente com acesso à internet) conseguem preencher esses questionários.

A pesquisa é feita ainda com apoio da equipe de saúde pública do Facebook e de pesquisadores da Universidade de Maryland e da Universidade Carnegie Mellon, ambas nos Estados Unidos.

Pacientes com suspeita de Covid-19 são atendidos na UPA José Rodrigues, em Manaus; um ano após caos causado pelo vírus, cidade teve nova onda Edmar Barros - 13.jan.22/Folhapress

Diagnósticos de casos de hanseníase caíram 35% durante o primeiro ano da pandemia

Raquel Lopes

BRASÍLIA O número de diagnóstico de novos casos de hanseníase caiu 35% no primeiro ano da pandemia do novo coronavírus. Foram 27,6 mil casos em 2019 contra 17,9 mil em 2020.

Já em 2021 foram 15.155 novos casos, segundo os dados preliminares que vão até 6 de dezembro. Os dados foram apresentados pela pasta nesta terça-feira (25).

Arnaldo Medeiros, secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, destacou também os dados de hanseníase em menores de 15 anos. Foram 1.545 em 2019 contra 879 em 2020, redução de 43%.

"A gente tem falado de menores de 15 anos, ministro, porque isso de alguma forma tem relação com o contato. A linha de transmissão da hanseníase é lenta. Um adulto não diagnosticado acaba contaminando os seus filhos", disse.

Causada por uma bactéria, a hanseníase acomete principalmente nervos periféricos e pele, podendo causar incapacidades físicas, principalmente nas mãos, olhos e pés.

Segundo a pasta, apesar de haver cura, a doença permanece endêmica em várias regiões do mundo, como no Brasil, na Índia e na Indonésia.

Os sinais e sintomas mais frequentes são dormência, formigamento e diminuição da força nas mãos, pés ou pálpebras. Além de machas brancas ou avermelhadas com a diminuição ou perda da sensação de calor, de dor ou de tato.

Nereu Mansano, representante do Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde), avaliou que a queda nem sempre é boa. Isso pode estar relacionado com a pandemia do novo coronavírus e a dificuldade de acesso ao sistema de saúde nesse período.

"Isso aumenta o risco do diagnóstico numa fase mais avançada e com maior risco de sequela", destacou.

Os dados apontam ainda que de 2016 a 2020 foram diagnosticados 115,3 mil casos novos de hanseníase no país.

> "A linha de transmissão da hanseníase é lenta. Um adulto não diagnosticado acaba contaminando os seus filhos
>
> **Arnaldo Medeiros**
> secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde

Desses, 86,2 mil ocorreram no sexo masculino, o que corresponde a 55% do total. A maioria da população é parda e com o ensino fundamental incompleto.

Medeiros informou que o diagnóstico e tratamento são oferecidos no SUS e, neste ano, serão incluídos novos testes laboratoriais complementares ao diagnóstico da hanseníase, entre eles um teste rápido.

A pasta ressaltou que, com essa incorporação, o Brasil será o primeiro do mundo a ofertar em nível assistencial, de forma universal e no sistema público de saúde, um teste rápido para apoiar o diagnóstico.

Protestos por direitos humanos ameaçam os Jogos de Inverno

Organizadores alertaram que atletas estrangeiros podem enfrentar punições por discurso que viole a lei do país

ESPORTE
OPINIÃO

Edgard Alves
Jornalista, participou da cobertura de sete Olimpíadas e quatro Pan-Americanos

As tensões políticas crescem em intensidade contra a China, às vésperas dos Jogos Olímpicos de Inverno, em Pequim. Mais uma vez, os direitos humanos alavancam os protestos. A China estaria cometendo supostos abusos contra a população muçulmana uigur, na região de Xinjiang.

Como as Olimpíadas são uma poderosa vitrine mundial e os riscos da pandemia de Covid-19 parecem sob controle, o COI (Comitê Olímpico Internacional) e os organizadores chineses estão de orelha em pé com as possíveis manifestações durante as competições. O foco está sobre os atletas, que têm acesso a meios de comunicação em geral e suas declarações ganham repercussão.

Os organizadores chineses já alertaram que atletas estrangeiros podem enfrentar punições por discurso que viole a lei chinesa, especialmente em questões políticas. A posição da China, no geral, está de acordo com a regra 50 do COI contra protestos políticos nos Jogos.

A questão é que parte dos atletas está cada vez mais atenta sobre direitos humanos. Esse envolvimento é crescente, estimulado pelas mídias sociais e pela globalização das informações.

Isto posto, como controlar a emoção de um atleta durante um evento no qual ele obteve uma conquista pela qual esperou por quatro anos ou mais, e passou todo o tempo sob sacrifício nos treinamentos, na alimentação e nos encontros sociais em geral?

Se as regras da China estão de acordo com as do COI, alguns pontos restam subjetivos. Como analisar uma declaração? Ela pode ter interpretações, significados variados. Pode ser contra a China, mas pode ser contra outros países ou contra o país do próprio atleta.

Além disso, não foram explicitadas as tipificações e extensões das penas para condenações. Parece que a cara do freguês vai determinar os limites da punição.

Os organizadores chineses ainda têm muito que explicar. As leis chinesas são muito vagas sobre crimes que envolvem manifestações políticas e direitos humanos.

Pedi ao COB (Comitê Olímpico do Brasil) uma visão geral, direta, sobre as questões em foco.

"O Comitê Olímpico do Brasil (COB) acredita que a liberdade de expressão é um direito universal. O COB segue e orienta aos seus atletas e integrantes da delegação todas as recomendações da Carta Olímpica", disse a assessoria de imprensa da entidade.

"A Regra 50, remodelada pelos atletas antes dos Jogos Olímpicos Tóquio 2020, tem o objetivo de proteger a neutralidade do esporte e dos Jogos Olímpicos, garantindo o direito de expressão dos atletas e preservando o campo de jogo e o pódio de manifestações políticas, religiosas ou raciais que possam constranger ou agredir os outros envolvidos no evento."

> **O Comitê Olímpico do Brasil (COB) acredita que a liberdade de expressão é um direito universal. O COB segue e orienta aos seus atletas e integrantes da delegação todas as recomendações da Carta Olímpica**
>
> **Comitê Olímpico do Brasil**
> em nota oficial

"Assim como foram nas últimas Missões, todos os participantes de Pequim 2022 tiveram que realizar os Cursos Esporte Antirracista e de Educação e Prevenção ao Abuso e Assédio no Esporte. Os deveres e direitos de todos os envolvidos devem ser mantidos, assim como o respeito aos Valores Olímpicos", continua a nota.

"O papel do Comitê Olímpico do Brasil é organizar a delegação brasileira e trabalhar para dar as melhores condições possíveis para que os atletas possam realizar o seu trabalho. Por isso, os primeiros integrantes da delegação do COB já desembarcaram na China para organizar a entrada dos atletas nas Vilas. No total, são 11 atletas e 30 oficiais", concluí.

Direitos humanos são amplos, têm vários vieses, e entidades sociais reivindicam forte contra violações.

Como sempre em cenários de grandes eventos internacionais de esportes, os países acusados de violações de direitos humanos se defendem com veemência alegando não cometer nenhum dos crimes atribuídos a ele, mas impedem a circulação de informações.

O barulho cresce, aumentando a polêmica nas relações internacionais. Os EUA esboçaram um levante ameaçador contra a China e os Jogos, aproveitando a visibilidade das Olimpíadas de Inverno.

Foram acompanhados pela Grã-Bretanha e pela Austrália desde o primeiro momento, dando a impressão que arrastariam muitos países para um grande protesto.

> **Assim como foram nas últimas Missões, todos os participantes de Pequim 2022 tiveram que realizar os Cursos Esporte Antirracista e de Educação e Prevenção ao Abuso e Assédio no Esporte**
>
> **Comitê Olímpico do Brasil**
> em nota oficial

O movimento não progrediu como esperavam. Talvez tenha faltado contundência, pois ficou restrito a uma batalha diplomática como tantas outras que sempre ocorrem em setores variados. Dá a sensação de coisa falsa, aproveitadora da repercussão de um momento esportivo, de paz, com apoio de inúmeros países.

Manifestações dessa natureza são situações nas quais os países a favor ou contra os protestos aproveitam para tirar alguma vantagem.

Com a aproximação dos Jogos, o protesto volta a ganhar força, mas o evento não será esvaziado. Os países protestantes liberaram seus atletas para competir. As solenidades oficiais não contarão com a presença de representantes diplomáticos dos países que apoiarem o movimento. Por enquanto, esse é o boicote.

A Human Rights Watch, organização mundial de direitos humanos, recomenda que competidores que forem a Pequim evitem tocar em assuntos polêmicos para não receberem represálias da China.

As Olimpíadas já passaram por momentos mais pesados, como os boicotes de Moscou-1980, liderado pelos EUA, e a resposta da então União Soviética com a ausência em Los Angeles-1984.

Aquelas ações desfalcaram os eventos de inúmeras estrelas. Os contendores contaram com apoio de parceiros. Nenhum lado ganhou.

Em 2028, Los Angeles abrigará as Olimpíadas de Verão. Será que a China vai aproveitar a oportunidade e dar o troco nos norte-americanos?

Ativistas em prol da causa dos uigures carregam cartaz pedindo boicote aos Jogos de Inverno de Pequim, em um parque de Jacarta, na Indonésia Willy Kurniawan - 4.jan.22/Reuters

Copa Africana muda local de jogo após tumulto que causou 8 mortes em estádio

YAOUNDÉ | REUTERS O próximo jogo da Copa Africana de Nações marcado para o estádio Olembe, em Yaoundé, capital de Camarões, será transferido para outro local, disse nesta terça-feira (25) o presidente da Confederação Africana de Futebol (CAF), Patrice Motsepe.

Oito pessoas morreram após a eclosão de um tumulto no estádio nesta segunda (24) durante partida entre Camarões e Comores, pelas oitavas de final do principal torneio da África.

Estava na programação do estádio de 60 mil lugares uma partida das quartas de final, no domingo (30).

Agora, o jogo em questão, que ainda não teve os participantes definidos, será disputado no estádio Ahmadou Ahidjo, também em Yaoundé.

O recém-concluído estádio Olembe ainda tem em sua agenda uma semifinal em 3 de fevereiro e a final no dia 6 do mesmo mês.

Mas Motsepe sugeriu que, a menos que as autoridades locais garantam maior segurança, eles também poderão ser transferidos.

Motsepe afirmou que a CAF estava pedindo uma explicação do comitê organizador e do governo de Camarões sobre a causa do tumulto e por que os portões do estádio, que deveriam ter sido abertos durante a confusão, foram fechados.

"Queremos medidas urgentes para garantir que isso não aconteça novamente e um relatório até sexta-feira para explicar o que deu errado", disse o dirigente.

"Claramente, houve deficiências, falhas e fragilidades. Houve problemas que deveriam ter sido previstos."

Motsepe declarou ainda que foi discutido um adiamento dos dois jogos desta terça-feira do torneio, mas a decisão foi por levá-los adiante.

Além dos oito mortos, 38 pessoas ficaram feridas quando torcedores tentaram forçar a entrada no estádio.

Motsepe disse que visitou os feridos e que sete ainda continuam hospitalizados.

O presidente da confederação africana, Patrice Motsepe (de azul), presta homenagem às vítimas Kenzo Tribouillard/AFP

A tragédia vem como um duro golpe para o torneio, que já estava sob escrutínio por problemas de preparação.

Além disso, a pandemia e a insegurança causada por uma insurgência separatista no país prejudicaram a organização do evento.

O governo ainda não deu nenhuma informação sobre a causa da aglomeração ou se os torcedores foram autorizados a entrar no estádio sem ingressos. Também não está claro por que a partida foi adiante, com a vitória da seleção da casa por 2 a 1, mesmo após o desastre.

Após uma baixa participação nos jogos iniciais do torneio, as autoridades camaronesas abriram os portões dos estádios, organizaram transportes de massa e distribuíram ingressos gratuitos para atrair torcedores aos jogos.

A diretora e produtora sueca Erika Lust, cercada por membros do elenco de 'Ink Addiction', um de seus filmes, realizado em 2019 Arden/Divulgação

Para Erika Lust, a pornografia não é uma só

Conhecida por filmes que miram o prazer da mulher, ela diz esperar que seu trabalho expanda erotismo das pessoas

FS

Mary Katharine Tramontana

BARCELONA | THE NEW YORK TIMES Quando Billie Eilish definiu a pornografia como "uma desgraça", em uma entrevista de rádio recente, a afirmação rendeu manchetes. A cantora premiada com o Grammy disse que começou a ver vídeos pornográficos aos 11 anos, para aprender como fazer sexo e que agora tinha raiva da representação indevida que a pornografia faz das mulheres.

Quando pessoas falam de pornografia, elas muitas vezes estão se referindo, como Eilish, à sua variedade comercial e heterossexual, porque é isso que a maior parte da pornografia disponível gratuitamente online apresenta.

Em sites desse tipo, seria perdoável que um espectador chegasse à conclusão de que tudo parece sempre a mesma coisa, de fato. Mas, a depender da política sexual e da visão do criador do conteúdo, a pornografia pode ser extremamente diferente.

Um exemplo é o trabalho da cineasta sueca Erika Lust, 44. Ela criou uma produtora, a Erika Lust Films, e a transformou em gigante da pornografia de arte ao oferecer produtos distintos daqueles da pornografia convencional.

A maioria dos espectadores assiste aos vídeos elegantes e muito bem produzidos de Lust ao assinar os sites de sua empresa, onde ela também distribui vídeos de outros diretores com postura semelhante. Mas filmes de Lust já foram exibidos, além disso, em salas de cinema convencionais em Berlim, Londres, Paris, Los Angeles e Nova York.

"Não existe só um tipo de pornografia", diz Lust em uma entrevista em seu escritório em Barcelona, cidade onde ela vive desde 2000. "As pessoas veem a pornografia como uma entidade monolítica, mas não é o caso."

Lust afirma que, nos filmes que realiza, seu objetivo é que as mulheres do elenco tenham orgasmos reais.

"Quando mulheres assistem pornografia, precisam ver que as mulheres estão sendo estimuladas", ela diz. "Se existe uma cena de sexo com penetração, os espectadores precisam ver a mulher usando as mãos ou um vibrador, ao mesmo tempo, porque é isso que funciona para a maioria das mulheres."

Lust acrescenta que já conversou com muitas mulheres jovens que lhe disseram coisas como "há alguma coisa de errado no meu corpo; não consigo chegar a um orgasmo com um homem". Mas, afirma a cineasta, "isso só acontece porque elas estão reproduzindo o que aprenderam com a pornografia online".

Na entrevista de rádio, Eilish disse que o dano que a pornografia online lhe causou tinha sido ainda maior: em sua opinião, havia "destruído" seu cérebro. A filósofa Amia Srinivasan também tratou recentemente do efeito da pornografia sobre a mente, retomando debates feministas das décadas de 1970 e 1980.

Em "O Direito ao Sexo" (2021), coletânea de ensaios que se tornou best-seller [disponível no Brasil pela editora Todavia], Srinivasan argumenta que "embora o sexo filmado aparentemente abra um mundo de possibilidades sexuais, é frequente que ele sirva para trancar a imaginação sexual, tornando-a fraca, dependente, preguiçosa, codificada. A imaginação sexual é transformada em uma máquina mimética incapaz de gerar as próprias novidades".

(Srinivasan não quis dar entrevista para este artigo.)

Ainda que em seu livro a professora da Universidade de Oxford argumente contra a censura de materiais sexualmente explícitos —uma medida que frequentemente prejudica desproporcionalmente as mulheres e as minorias sexuais, ela escreve—, ela aconselha os jovens a deixarem a pornografia de lado se desejam que suas vidas sexuais sejam "mais alegres, mais iguais, mais livres".

"Talvez então a imaginação sexual possa ser estimulada,

> "As pessoas veem a pornografia como uma entidade monolítica, mas não é o caso

> Se existe uma cena de sexo com penetração, os espectadores precisam ver a mulher usando as mãos ou um vibrador, ao mesmo tempo, porque é isso que funciona para a maioria das mulheres
>
> **Erika Lust**
> cineasta sueca

mesmo que por um breve momento, a relembrar seu poder perdido", escreve Srinivasan.

No entanto, Lust conta que a capacidade do cinema para excitar a imaginação erótica foi o que primeiro a atraiu para a pornografia.

Enquanto estudava ciência política na Universidade de Lund, na Suécia, ela disse ter lido "Hard Core", um livro de Linda Williams considerado como um clássico da crítica de cinema feminista e que argumenta que a pornografia é uma forma de comunicar ideias sobre gênero e sexo.

O pensamento feminista levou Lust a compreender que a pornografia, como muitos outros produtos culturais, era realizada principalmente por homens, para homens, e de uma perspectiva estreita: a do "heterossexual branco de meia-idade", afirma.

Essa visão masculina da sexualidade era "frequentemente misógina, já que as mulheres eram reduzidas a ferramentas a serem usadas para o orgasmo masculino", diz ainda a cineasta.

Boa parte da pornografia comercial é filmada de uma perspectiva masculina que exclui a totalidade do corpo; muitas vezes, a única porção da anatomia masculina vista na tela é o pênis, frisa Lust.

Os filmes que ela dirige e produz, por outro lado, mostram mulheres dotadas de agência sexual, que estimulam seus clitóris e cujas expressões faciais comunicam seus estados emocionais e psicológicos. As atrizes de Lust são mulheres normais, com aparência cotidiana, e seus elencos incluem pessoas de "diferentes sexualidades, cores de pele e formas de corpo", afirma a diretora.

Os filmes dela também têm roteiros bem estabelecidos. A série mais conhecida de Lust, "XConfessions", consiste de retratos filmados das fantasias reais de suas espectadoras. Qualquer pessoa pode "confessar" suas histórias sexuais, reais ou imaginadas, no site da XConfessions, e se Lust gostar da ideia, a transforma em filme. As histórias incluem fantasias clássicas e variantes mais pervertidas, e às vezes são levadas às telas por diretores convidados, como Bruce LaBruce, um cineasta queer canadense que é conhecido pelos seus filmes cult.

Um dos filmes da série "XConfessions", "Valentin, Pierre and Catalina", é uma refilmagem do clássico "Jules et Jim" de François Truffaut, um triângulo amoroso entre dois homens e uma mulher.

LaBruce, que acaba de dirigir uma paródia pornô em longa-metragem que tem por cenário a indústria da moda, afirma, em entrevista por telefone, que não se surpreendia com a recente retomada das atitudes negativas com relação à pornografia.

"A ideia de que a pornografia é uma forma masculina de controlar as mulheres —isso costumava ser o domínio da direita cristã", diz ele. "Agora, direita e esquerda meio que inverteram suas posições."

Gayle Rubin, antropóloga que estava do lado "pró-sexo" nas guerras do sexo feministas das décadas de 1970 e 1980, combatendo os apelos por censura, afirma, também por telefone, que era "fácil tomar a pornografia como alvo", porque historicamente ela sempre foi marginalizada, social e legalmente.

"Sabe aqueles filmes em que você acha que o monstro está morto mas ele sempre retorna?", ela disse. "Essas suposições sobre a pornografia sempre ressurgem, e isso há mais de quatro décadas", diz Rubin.

"Muita gente simplesmente não pensa tão rigorosamente sobre a pornografia quanto sobre outros assuntos. A pornografia é um caso especial na forma pela qual é tratada intelectualmente —ou maltratada, no caso—, mesmo entre filósofos e outros que deveriam saber melhor", afirma.

Embora a indústria da pornografia não seja conhecida pela reflexão crítica, há eventos como o Festival de Cinema Pornográfico de Berlim, um encontro anual que busca oferecer novas perspectivas —artísticas, sociais e mesmo filosóficas— sobre a modalidade.

Paulita Pappel, atriz e diretora pornô que é uma das curadoras do evento, diz que a pornografia muitas vezes "é um espelho de problemas maiores na sociedade".

Ela acrescenta que, "quanto mais a tomamos como bode expiatório e estigmatizamos, menos espaço haverá para que a pornografia seja diversa, e menos oportunidade de teremos de mudar as grandes questões".

Quando Lust exibiu seu primeiro longa, "The Intern", em uma sala lotada no festival, em outubro de 2021, muita gente na plateia —homens, mulheres e pessoas não binárias, em sua maioria na casa dos 20 e 30 anos de idade— disse que estava lá em busca de uma alternativa à pornografia convencional.

"Estou aqui porque uma amiga me recomendou Erika Lust, dizendo que ela não faz pornôs heteronormativos", disse então Levent Ekemen, 28, estudante de pós-graduação. "Os filmes dela mostram sensualidade e são extremamente eróticos."

Lust diz que sua esperança era a de que os filmes em seus sites possam ter efeito "expansivo" sobre o senso de erotismo daqueles que os assistem.

"No caso de alguns dos filmes de LaBruce em que há interações entre homens", ela diz, "já houve homens que me disseram, 'Erika, nunca assisti algo assim antes, mas estava no seu site e achei muito sexy'. As pessoas estão abrindo suas visões sexuais, expandindo-as para além daquilo que estavam acostumadas a ver."

Ela acrescenta que desejava ajudar a criar uma sociedade que vê a sexualidade como múltipla e alegre e na qual o prazer da mulher importa.

"O valor que os filmes têm em termos de construir empatia com outras pessoas é incrível", defende Lust. "O sexo é uma parte imensa daquilo que somos, e existem muito mais histórias para contar. Tenho o direito de contá-las", ela acrescenta. "E ninguém pode me impedir."

Tradução Paulo Migliacci